



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

JOSÉ ROBERTO PREZOTTO JÚNIOR

**AS MICROCONSTRUÇÕES AUXILIARES COM “DEIXAR” E
“PARAR” NO PORTUGUÊS NA EXPRESSÃO DE ASPECTO FINAL**

São José do Rio Preto
2020

JOSÉ ROBERTO PREZOTTO JÚNIOR

**AS MICROCONSTRUÇÕES AUXILIARES COM “DEIXAR” E
“PARAR” NO PORTUGUÊS NA EXPRESSÃO DE ASPECTO FINAL**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES. Processo n.
88882.180770/2018-01.

Orientador: Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza

São José do Rio Preto
2020

| | |
|-------|--|
| P944m | <p>Prezotto Junior, José Roberto</p> <p>As microconstruções auxiliares com "deixar" e "parar" no português na expressão de aspecto final / José Roberto Prezotto Junior. -- São José do Rio Preto, 2020</p> <p>142 f. : il., tabs.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto</p> <p>Orientador: Edson Rosa Francisco de Souza</p> <p>1. Linguística. 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Língua portuguesa Verbos auxiliares. I. Título.</p> |
|-------|--|

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JOSÉ ROBERTO PREZOTTO JÚNIOR

**AS MICROCONSTRUÇÕES AUXILIARES COM “DEIXAR” E
“PARAR” NO PORTUGUÊS NA EXPRESSÃO DE ASPECTO FINAL**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES. Processo n.
88882.180770/2018-01.

Comissão examinadora

Titulares

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza (orientador)
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira
UFMS- Câmpus de Três Lagoas

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Suplentes

Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
UFSCar- São Carlos

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
06 de março de 2020

AGRADECIMENTOS

Para a travessia, “carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem”. Como diz Riobaldo, de “Grande Sertão: Veredas”, “as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas”. Ainda não me terminei, talvez nunca isso aconteça, apenas estou concluindo uma experiência. Como a língua que se adapta e muda ao longo do tempo, fui me constituindo, me despertando para as reflexões aqui apresentadas. Neste percurso, compartilhei momentos e aprendi a cada vivência. Então, gostaria de agradecer às pessoas incríveis que estiveram presentes e me apoiaram profundamente durante todo este tempo:

A meus pais: à minha mãe Cristina, que sempre incentivou meu interesse pela leitura e sempre me ensinou a amar incondicionalmente; a meu pai José Roberto, que me ensinou os valores do trabalho e da honestidade. Aos dois agradeço por sempre me apoiarem em minhas decisões.

Ao meu orientador Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, que, desde 2014, me acolheu e sempre confiou em meu trabalho. Ele me ensinou a *deixar de ser* um simples curioso pelas questões da linguagem e auxiliou nesse caminho de me tornar um linguista.

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, que nunca mediu esforços para contribuir com meu trabalho, desde uma conversa informal no café até nas apresentações em eventos.

À Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira, que sempre perpassou minha vida acadêmica e me auxiliou no refinamento de muitos pontos deste trabalho.

Ao Michel Gustavo Fontes, que, desde 2015, vem acompanhando minhas indagações com meu objeto e, com o tempo, se tornou meu querido amigo. Obrigado por discutir teorias em qualquer lugar, até na fila da balada.

Aos amigos e colegas da pós-graduação e da graduação, com os quais tive a alegria de conviver e de compartilhar minha história. Obrigado por todos momentos dentro e fora do contexto acadêmico.

Ao Grupo de Estudos Sociofuncionalistas, pelas discussões que permitiram aprimorar as reflexões sobre meu objeto.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A mudança de linguagem he como huma arvore que se transplanta, não só para fructificar melhor, mas tambem para ter abrigo. (17:Aires:Vaidade).

- Matias Aires Ramos da Silva de Eça, filósofo e escritor do Brasil colônia, 1752.

RESUMO

Este trabalho se dedica à descrição e à análise diacrônica das microconstruções auxiliares de aspecto final com os verbos “deixar” e “parar” no português. Fundamentados pelas premissas dos Modelos Baseados no Uso, conjugamos as propostas de Bybee (2016) e de Traugott e Trousdale (2013) que entendem a língua como sistema adaptativo complexo, motivado por processos cognitivos e organizado em redes. A partir desses princípios teóricos, propomos, para a análise das microconstruções em questão, parâmetros de forma e de significado, a partir da aplicação dos critérios clássicos de auxiliaridade (LOBATO, 1975; HEINE, 1993; LONGO; CAMPOS, 2002; ILARI; BASSO, 2008) e dos estudos de aspecto (COMRIE, 1976; CASTILHO, 1968, 2002; TRAVAGLIA, 2014). Para a coleta de ocorrências do século XIII ao XXI, utilizamos o *Corpus do Português* (DAVIS; FERREIRA, 2006; 2016). Ao investigar os elos de herança, corroboramos a hipótese, difundida pelos estudos clássicos em gramaticalização, de que significados abstratos emergem a partir de significados mais concretos. As microconstruções com “deixar” e “parar” emergem por meio da abstratização do *slot* de objeto que se expande para estruturas sintáticas que designam entidades semânticas mais abstratas e mais próximas a de um V_{2inf} . Entendemos que esse fato constitui o gatilho para que as microconstruções atinjam o *status* de auxiliar, herdando do esquema auxiliar a forma [$V_1 + Prep + V_{2inf}$] e partilhando a semântica aspectual de fim. Além disso, a análise dos dados permitiu evidenciar, ao longo dos séculos, as mudanças nas propriedades construcionais. [Deixar+de+ V_{2inf} .] é: i) parcialmente esquemática, pois apresenta o *slot* de V_{2inf} . como aberto, ii) mais produtiva, uma vez que ela expande e abstratiza o arranjo colocacional de sujeito e de V_{2inf} . para entidades e feixes semânticos verbais mais abstratos no decorrer dos séculos, via neoanálise, promovendo mudanças construcionais. [Parar+de+ V_{2inf} .] é: i) parcialmente esquemática, pois também apresenta o *slot* de V_{2inf} . como aberto, ii) parcialmente produtiva, porque ainda não expandiu totalmente os *slots* de sujeito e de V_{2inf} . e sanciona, frequentemente, referentes e feixes verbais mais concretos; ainda há atuação da neoanálise em favor de sua abstratização. Ambas microconstruções são não composicionais, porque não há traços de transitividade nos verbos “deixar” e “parar”, os quais unidos à preposição “de” e ao V_{2inf} . fundem-se para formar dois *chunks* procedurais na expressão aspecto final.

Palavras-chave: abordagem construcional; verbo auxiliar; aspecto final; verbo “deixar”; verbo “parar”.

ABSTRACT

This work focuses on the diachronic study of the auxiliary microconstructions with the verbs “deixar” and “parar” in Portuguese, indicating egressive aspect. Based on the assumptions of the Usage-Based Models, we combine the proposals of Bybee (2016) and Traugott and Trousdale (2013) who understand language as a complex adaptive system, motivated by cognitive processes and organized in networks. We propose parameters of form and meaning, based on an application of the classical criteria of auxiliary (LOBATO, 1975; HEINE, 1993; LONGO; CAMPOS, 2002; ILARI; BASSO, 2008) and aspect studies (COMRIE, 1976; CASTILHO, 1968, 2002; TRAVAGLIA, 2014). We collect occurrences from the 13th to the 21st century from the *Corpus do Português* (DAVIS; FERREIRA, 2006; 2016). When investigating the inheritance links, we corroborate the hypothesis, defended by the classical grammaticalization studies, that abstract meanings emerge from more concrete ones. The microconstructions with “deixar” and “parar” emerge by the object slot’s abstractization, expanding to more abstract semantic entities and to structures closer to a V_{2inf} . This fact is the trigger for microconstructions to achieve the auxiliary status, inheriting from the auxiliary schema the form $[V_1 + Prep + V_{2inf}]$ and the aspectual semantics of ending. Moreover, the data analysis shows changes in constructional properties over the centuries. $[Deixar+de+V_{2inf}]$ is: i) partly schematic, because it has the V_{2inf} slot opened, ii) productive, as it expands and abstracts the productive, as it expands and abstracts the collocational arrangement of subject and V_{2inf} for more abstract semantic entities and verbal semantic exemplar representations over the centuries, promoting constructional changes through neoanalysis. $[Parar+de+V_{2inf}]$ is: i) partly schematic, because it also shows an opened slot, V_{2inf} , ii) partly productive, since it has not fully expanded the subject and V_{2inf} slots yet, it sanctions, frequently, more concrete referents and verbal semantic exemplar representations, the role of neoanalysis remain in favor of its abstractization. Both microconstructions are non-compositional, there are no traces of transitivity in the verbs “deixar” and “parar”. Thus, these verbs together with the preposition “de” and V_{2inf} fuse into two procedural chunks, expressing egressive aspect.

Keywords: constructional approach; auxiliary verb; egressive aspect; verb “deixar”; verb “parar”.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1- Princípios dos MBU..... | 16 |
| Quadro 2- Os processos cognitivos de domínio geral aplicado à linguagem | 18 |
| Quadro 3- As dimensões das construções | 24 |
| Quadro 4- Hipóteses para a concepção de verbo auxiliar | 35 |
| Quadro 5- Expressões concretas das quais derivam os verbos auxiliares..... | 36 |
| Quadro 6- Critérios de auxiliaridade de Lobato (1975)..... | 37 |
| Quadro 7- Critérios de auxiliaridade de Heine (1993)..... | 38 |
| Quadro 8- Critérios de auxiliaridade de Longo e Campos (2002)..... | 39 |
| Quadro 9- Critérios de auxiliaridade de Ilari e Basso (2008) | 40 |
| Quadro 10- Quadro-síntese dos critérios de auxiliaridade | 41 |
| Quadro 11- Tipologia aspectual proposta por Castilho (2002)..... | 46 |
| Quadro 12- Tipologia aspectual proposta por Travaglia (2014)..... | 49 |
| Quadro 13 – Entidades semânticas exercidas pelo nome..... | 60 |
| Quadro 14 - Escala dos traços semântico-pragmáticos verbais | 62 |
| Quadro 15 - Síntese dos parâmetros de análise..... | 64 |
| Quadro 16 - Diferentes sentidos da construção transitiva com “deixar” | 66 |
| Quadro 17- Valores verbais instanciados por “deixar” no português | 73 |
| Quadro 18- Diferentes sentidos das construções transitiva e intransitiva com “parar” | 74 |
| Quadro 19 - Valores verbais instanciados por “parar” no português. | 77 |
| Quadro 20 - Abstratização do sujeito e do objeto da microconstrução transitiva com “deixar” | 85 |
| Quadro 21 - Abstratização do sujeito e do objeto da microconstrução transitiva com “parar” | 88 |
| Quadro 22- V_{2inf} da microconstrução com “deixar” | 139 |
| Quadro 23- V_{2inf} da microconstrução com “parar” | 141 |

FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1- Modelo da estrutura simbólica de uma construção na Gramática Radical de Construções | 23 |
| Figura 2- Representação de uma rede conceitual | 25 |
| Figura 3 - Uma pequena rede conceitual | 26 |
| Figura 4 - Hierarquia taxonômica..... | 28 |
| Figura 5 - Classificação das oposições aspectuais | 45 |
| Figura 6 - Forma de apresentação do objeto de investigação..... | 57 |
| Figura 7 - Rede das microconstruções transitivas com “deixar” e “parar” | 79 |
| Figura 8 - Rede das microconstruções auxiliares com “deixar” e “parar” | 90 |
| Figura 9 - Intersecção entre as redes de transitividade e auxiliaridade | 91 |
| Figura 10 - Rede hierárquica das construções aspectuais do português..... | 95 |

GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1 - Elementos intervenientes entre os constituintes das microconstruções auxiliares com “deixar” e “parar” | 104 |
| Gráfico 2 – Tipo de entidade sancionada pelo sujeito da microconstrução com “deixar” | 119 |
| Gráfico 3 - Tipo de entidade sancionada pelo sujeito da microconstrução com “parar” | 120 |
| Gráfico 4 - Frequência <i>token</i> de V_{2inf} . da microconstrução com “deixar” | 122 |
| Gráfico 5 - Frequência <i>type</i> de V_{2inf} . da microconstrução com “deixar” | 122 |
| Gráfico 6 - Frequência <i>token</i> de V_{2inf} . da microconstrução com “parar” | 125 |
| Gráfico 7 - Frequência <i>type</i> de V_{2inf} . da microconstrução com “parar” | 126 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 - Número de ocorrências com “deixar” e “parar” através dos séculos | 55 |
| Tabela 2 - Recorte de dados para análise e descrição..... | 56 |
| Tabela 3 - Distribuição das microconstruções ao longo dos séculos..... | 97 |
| Tabela 4 - Microconstruções de aspecto final no português arcaico | 98 |
| Tabela 5 - Presença ou ausência de elementos intervenientes..... | 101 |
| Tabela 6 – Forma verbal de V_1 | 107 |
| Tabela 7 – Categorias semânticas do sujeito das microconstruções com “deixar” e “parar” | 116 |
| Tabela 8 - Frequência <i>token</i> e <i>type</i> dos feixes de $V_{2inf.}$ com “deixar” | 121 |
| Tabela 9 - Frequência <i>token</i> e <i>type</i> dos feixes de $V_{2inf.}$ com “parar” | 124 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 15 |
| 1 Modelos Baseados no Uso | 15 |
| 1.1 A língua como sistema adaptativo complexo e a gramática baseada no uso .. | 17 |
| 1.2 Processos cognitivos de domínio geral | 18 |
| 1.3 Abordagem construcional da mudança linguística | 21 |
| 1.3.1 O conceito de construção e a língua como rede de construções..... | 22 |
| 1.3.2 Elos relacionais e de herança..... | 27 |
| 1.3.3 Propriedades construcionais | 28 |
| 1.3.4 Tipos de mudança: mudança construcional e construcionalização | 30 |
| 1.3.5 Mecanismos de mudança: neanálise e analogização | 33 |
| 2 Auxiliaridade | 34 |
| 2.1 Caracterização de verbo auxiliar | 34 |
| 2.2 Critérios de auxiliaridade | 36 |
| 2.2.1 Critérios de Lobato (1975) | 37 |
| 2.2.2 Critérios de Heine (1993) | 38 |
| 2.2.3 Critérios de Longo e Campos (2002) | 39 |
| 2.2.4 Critérios de Ilari e Basso (2008)..... | 40 |
| 2.3 Auxiliarização | 42 |
| 3 A categoria gramatical de aspecto | 43 |
| 3.1 Tipologia aspectual | 44 |
| 4 Síntese | 52 |
| CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 54 |
| 1 O corpus de análise | 54 |
| 2 Parâmetros de forma e de significado | 57 |
| 2.1 Caracterização das microconstruções | 58 |
| 2.2 Parâmetros de forma | 58 |
| 2.2.1 Esquematização da microconstrução: presença ou ausência de materiais intervenientes..... | 58 |
| 2.2.2 Forma verbal de V ₁ | 59 |
| 2.3 Parâmetros de significado | 60 |

| | | |
|--|--|------------|
| 2.3.1 | Tipo de entidade representada pelo SN sujeito | 60 |
| 2.3.2 | Feixes semânticos de V_{2inf} | 61 |
| 3 | Objetivos e hipótese | 63 |
| 4 | Síntese | 64 |
| CAPÍTULO 3 - PERCURSO HISTÓRICO DOS VALORES VERBAIS DE “DEIXAR” E “PARAR” E SEUS ELOS DE HERANÇA | | 65 |
| 1 | Valores verbais de “deixar” | 65 |
| 2 | Valores verbais de “parar” | 74 |
| 3 | Elos de herança | 77 |
| 4 | Síntese | 93 |
| CAPÍTULO 4 – TRAÇOS DEFINIDORES DE AUXILIARIDADE DAS MICROCONSTRUÇÕES ASPECTUAIS FINAIS | | 94 |
| 1 | Caracterização das microconstruções auxiliares em perspectiva diacrônica | 94 |
| 2 | Parâmetros de forma | 99 |
| 2.1 | Esquematização da microconstrução: presença ou ausência de materiais intervenientes | 99 |
| 2.2 | Forma verbal de V_1 | 105 |
| 3 | Parâmetros de significado | 114 |
| 3.1 | Tipo de entidade representada pelo SN sujeito | 114 |
| 3.2 | Feixes semânticos de V_{2inf} | 120 |
| 4 | Síntese | 128 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | | 130 |
| REFERÊNCIAS | | 133 |
| APÊNDICE A- FREQUÊNCIA <i>TOKEN</i> E <i>TYPE</i> DOS FEIXES SEMÂNTICOS DE V_{2INF}. ATRAVÉS DOS SÉCULOS | | 139 |

INTRODUÇÃO

Nos estudos linguísticos, é reconhecido que a classe verbal apresenta um comportamento heterogêneo. Uma construção verbal, à medida que é usada, pode assumir diferentes valores e situar-se em diferentes pontos do *continuum* léxico-gramática ou, em termos construcionais, dos polos contedúístico-procedural.

Esse fato pode ser comprovado por estudos realizados nos últimos anos, sob a perspectiva clássica da gramaticalização, como os de Heine (1993), sobre verbos auxiliares, Casseb-Galvão (2001), sobre a construção “diz-que”, Gonçalves (2003), sobre os usos do verbo “parecer”, Travaglia (2003), sobre os verbos aspectuais, Salomão (2008), sobre as construções modais com o verbo “dar”, Chishman e Abreu (2014), sobre os verbos suporte “dar e “fazer” e Coelho (2014), sobre as formas verbais “(a)garrar”, “danar”, “desandar” e “desatar”, e também em estudos mais recentes, na perspectiva construcional da linguagem, como o de Vieira (2014; 2017), sobre complexos verbo-nominais com o verbo “dar”, e o de Robuste (2018), sobre o subesquema [V₁+ver], que instancia verbos como “ir”, “querer” e “deixar”, entre outros.

Essas pesquisas procuram discutir a multifuncionalidade de construções verbais a partir da observação de suas propriedades tanto formais quanto semântico-pragmáticas e, principalmente, os processos de mudança linguística das formas verbais em português e em outras línguas. Assim, inspirados por esses trabalhos, a proposta desta dissertação é investigar, com base na abordagem construcional da linguagem, as microconstruções auxiliares aspectuais com os verbos “deixar” e “parar”, [deixar+de+V_{2inf.}] e [parar+de+V_{2inf.}], no português em perspectiva diacrônica,¹ ilustradas em (1) e (2).

- (1) *Estou muito preocupada com o meu namorado, penso que ele está com uma depressão. Ele não sai de casa, **deixou de estudar**, e agora demitiu-se do trabalho porque diz que está farto. (20apsicologaresponde.blogspot.com).*
- (2) *Eu também tinha pressão meio alta **parei de comer** carne, leite, ovos, açúcar refinado, e tomo uma colher de água com uma pitadinha de bicarbonato de sódio em jejum. (20arautodofuturo.wordpress.com).*

¹ O presente estudo tem origem em um projeto de iniciação científica intitulado “Gramaticalização do verbo “deixar” no português brasileiro: uma abordagem construcional”, desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza e apoiado financeiramente pela Fapesp (Processo Fapesp nº 2015/21622-5). Esse projeto buscou aferir, em um primeiro momento, a multifuncionalidade do verbo “deixar” no português, elencando seus valores lexicais e gramaticais e, em um segundo momento, analisar e descrever os valores de natureza auxiliar: modal e aspectual.

Nos estudos sobre aspecto, as microconstruções [deixar+de+V_{2inf.}] e [parar+de+V_{2inf.}] são tratadas como perífrases verbais cuja definição se refere a “qualquer aglomerado verbal em que tenhamos um verbo (denominado auxiliar) ao lado de outro verbo em uma das formas nominais (denominado principal)” (TRAVAGLIA, 2014, p. 181), e encontram-se classificadas, em perspectiva sincrônica, como marcadoras dos momentos finais de uma determinada situação durativa. Castilho (2002), por exemplo, generaliza e designa o termo “terminativo” para contemplar a noção de fim, enquanto Travaglia (2014) lança mão de duas distinções sobre os momentos finais da situação: “cessativo” e “terminativo”.

Assim, constatamos a necessidade de um estudo analítico e descritivo na linguística portuguesa que investigue a emergência e a consolidação das microconstruções aspectuais em perspectiva diacrônica, tendo em vista que pouco se sabe sobre o processo de formação das microconstruções envolvendo os verbos “deixar” e “parar”. O fazer científico dessa dissertação, diferentemente dos trabalhos anteriormente citados, é tecer um estudo diacrônico dessas perífrases, aqui concebidas sob o rótulo de microconstruções auxiliares, a partir dos pressupostos dos Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), averiguando sua auxiliaridade durante os séculos.

Para isso, propomos um trabalho diacrônico de cunho qualitativo e quantitativo que chegue a uma contribuição para o estudo de verbo auxiliar no português em perspectiva construcional. Como universo de investigação, utilizamos o *Corpus do Português* (DAVIS; FERREIRA, 2006; 2016) para a coleta de ocorrências do século XIII ao XXI. Essas ocorrências são analisadas por meio de parâmetros de forma e de significado, baseados na literatura sobre auxiliaridade (LOBATO, 1975; HEINE, 1993; LONGO; CAMPOS, 2002; ILARI; BASSO, 2008), para que possamos averiguar as propriedades construcionais de esquematicidade, produtividade e composicionalidade no que diz respeito à consolidação das microconstruções na rede de verbos auxiliares do português.

A nossa hipótese está assentada na premissa básica dos estudos clássicos de gramaticalização que compreendem a emergência de construções gramaticais a partir de significados verbais básicos, concretos, relacionados ao domínio biossocial humano (TRAUGOTT, 1980; HEINE, 1993). Segundo esses estudos, a emergência de formas auxiliares se inicia pelos esquemas de evento [X verbo Y] em que o complemento Y instancia no polo contedístico uma categoria de *objeto* ou *espaço*, possuindo o traço de [+ concreto], durante a mudança. O complemento Y passa a codificar *atividade*, se alocando no polo procedural e apresentando o traço de [+ abstrato], e o predicado perde sua função de expressar a semântica

de verbo principal e assume uma função gramatical, seja ela temporal, aspectual ou modal. (HEINE, 1993, p. 47).

Com base nessa premissa, realizamos um estudo diacrônico a fim de verificar a hipótese de que as microconstruções aspectuais com “deixar” e “parar” emergem e se consolidam via construcionalização gramatical, a partir do esquema transitivo em que há transferência do complemento Y, cuja marcação é de *objeto* ou de *espaço*, para um complemento *atividade* que se refere à fase final da situação, alocando as microconstruções no esquema auxiliar do português.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No capítulo 1, apresentamos os pressupostos teóricos dos Modelos Baseados no Uso, elucidando as propostas de Bybee (2016) e de Traugott e Trousdale (2013) e, em seguida, tecemos considerações sobre auxiliaridade e sobre aspecto; na sequência, no capítulo 2, expomos os procedimentos metodológicos que nortearam esta investigação. No capítulo 3, trazemos um breve percurso histórico sobre os valores de “deixar” e “parar” e estabelecemos seus elos de herança. No capítulo 4, desenvolvemos a descrição e análise das microconstruções em foco por meio de parâmetros de forma e de significado, a fim de aferir sua auxiliaridade. Finalmente, tecemos as considerações finais em que apresentamos os resultados em termos gerais e pontuamos encaminhamentos futuros.

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, sistematizamos os fundamentos teóricos que sustentam esta pesquisa. Primeiramente, na seção 1, apresentamos os Modelos Baseados no Uso, focalizando as principais premissas da abordagem construcional da mudança linguística. Na sequência, seção 2, caracterizamos auxiliaridade, elencando propriedades e critérios que definem os verbos auxiliares; mais adiante, na seção 3, discorreremos sobre a categoria gramatical de aspecto, discutindo as tipologias já reconhecidas nesse campo com foco no tipo fasal final. Finalmente, a seção 4 traz uma síntese dos conceitos essenciais para a investigação aqui proposta.

1 Modelos Baseados no Uso

O termo “Modelos Baseados no Uso” (MBU) foi, primeiramente, introduzido na *Gramática Cognitiva* de Langacker (1987) e depois se estendeu aos estudos funcionalistas que concebem a gramática e sua estrutura como resultado da experiência humana com as coisas do mundo e com a linguagem. Esses modelos teórico-metodológicos têm interesse em investigar o papel do uso, do processamento de linguagem e da mudança linguística em uma perspectiva holística, ou seja, os níveis de análise, da fonologia ao discurso, contribuem conjuntamente para a descrição e a análise das estruturas da língua. A abordagem de Bybee (2016) e a abordagem construcional da mudança linguística de Traugott e Trousdale (2013) que norteiam este trabalho são exemplos de MBU.

Com o intuito de tornar mais claro o que se entende por MBU, dispomos, no quadro 1, nove princípios, explicitados por Barlow e Kemmer (2000), que orientam pesquisas desenvolvidas sob esses modelos.

Quadro 1- Princípios dos MBU

| | PRÍNCIPIO | CONCEITO |
|----|--|--|
| a. | Íntima relação entre estruturas linguísticas e instâncias do uso da língua | Os MBU compreendem que as representações linguísticas são ligadas aos eventos de uso. O sistema linguístico é construído a partir de instâncias lexicais específicas que, gradualmente, se abstraem, tornando-se representações mais gerais, pela repetição de instâncias de uso similares. As unidades da língua, de fonemas a construções, não são fixas, mas dinâmicas, sujeitas à extensão criativa e à remodelagem no uso. Então, os eventos de uso têm um duplo papel no sistema: eles resultam e também formam o próprio sistema linguístico. |
| b. | Importância da frequência de uso | O sistema é amplamente dirigido pela experiência; portanto, a frequência de um determinado padrão é tanto resultado quanto força que modela o sistema. A frequência tem um indispensável papel para qualquer explicação sobre a linguagem. |
| c. | Compreensão e produção integradas (e não periféricas) ao sistema linguístico | Os eventos de uso conduzem à formação e à operação do sistema linguístico. A estrutura do sistema não é separada dos atos de processamento mental que ocorrem na língua em uso. A habilidade linguística do falante, de fato, é constituída por regularidades no processamento mental da linguagem. |
| d. | Foco sobre o papel do aprendizado e da experiência na aquisição da linguagem | Nos MBU, as instâncias de produção e compreensão linguísticas devem ser especialmente significantes na aquisição da linguagem, quando o sistema está tomando forma. Nega-se o inatismo de estruturas linguísticas. |
| e. | Representações linguísticas emergentes (não estocadas como entidades fixas) | As unidades linguísticas são vistas como rotinas cognitivas, elas são mais que padrões recorrentes de ativação mental. Então, elas não são estocadas em nenhum local neural particular, uma vez que, durante o processamento linguístico, tais unidades são sempre emergentes. |
| f. | Importância de dados de uso na construção e na descrição da teoria | A língua em uso é a melhor evidência para determinar a natureza e especificar a organização dos sistemas linguísticos; portanto, as teorias linguísticas devem ser baseadas na observação de dados do uso real, porque tais dados podem contribuir para a compreensão de questões como: quais unidades sofrem sedimentação [<i>entrenchment</i>] no sistema linguístico dos usuários? Como tais unidades se relacionam no sistema gramatical? etc. |
| g. | Íntima relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica | Os usuários da língua são influenciados pelas produções da comunidade linguística da qual são membros. O uso linguístico é o <i>locus</i> da mudança. O usuário é responsável por micromudanças diacrônicas em seu próprio sistema linguístico e de outros usuários. Em cada estágio de mudança, as mesmas motivações são operantes: cognitiva, articulatória e social; os efeitos dessas motivações são cumulativos no tempo. Nessa dinâmica de uso, há sempre uma relação entre diacronia e sincronia. |
| h. | Interconexão do sistema linguístico com sistemas cognitivos não-linguísticos | Os humanos são sensíveis aos padrões de experiência e aprendem padrões que podem ser de diferentes tipos, contraídos em tipos particulares de propriedades gerais de nossa cognição e nossa experiência pré-linguística. Dessa maneira, a estrutura linguística é parte de estruturas conceituais mais gerais. |
| i. | Papel crucial do contexto no funcionamento do sistema linguístico | O sentido é construído no contexto. A língua não “carrega” significado por si. Todos os aspectos linguísticos (da fonologia à semântica) são suscetíveis à influência contextual, seja linguística ou não-linguística. Há sempre uma interação complexa entre representações cognitivas (experiências similares já rotinizadas) e fatores contextuais na situação imediata de uso. |

Fonte: Elaboração própria, baseada em Barlow e Kemmer (2000).

1.1 A língua como sistema adaptativo complexo e a gramática baseada no uso

De acordo com Bybee (2016), a língua, não apenas apresenta estrutura regular, como também exibe gradiência e variação em todos os níveis da gramática. Por essa razão, entendendo a língua como parte do sistema cognitivo mais amplo do homem, a autora a define como um sistema adaptativo complexo, que emerge e se molda no uso, no modo de conceitualização das experiências humanas.²

Bybee (2016) diz que a gradiência e a variação nas línguas não negam seu padrão regular, uma vez que a língua apresenta uma estabilidade relativa, sendo sempre afetada pelo uso e pelo impacto que essa experiência tem sobre nosso sistema cognitivo. Portanto,

a gradiência se refere ao fato de que muitas categorias da língua ou da gramática são difíceis de serem distinguidas, geralmente porque a mudança ocorre no tempo de um modo gradual, movendo um elemento de uma categoria a outra ao longo de um contínuo. [...] A variação refere-se ao fato de que unidades estruturais da língua exibem variação no uso sincrônico, normalmente ao longo das trajetórias contínuas de mudança que criam a gradiência. (BYBEE, 2016, p. 18).

Em suma, as categorias linguísticas não são discretas, e a língua é uma estrutura mental em constante uso, sempre filtrada pelas atividades de processamento que a modificam. Nessa perspectiva, a gramática é pensada como uma organização cognitiva de experiências com a língua (BYBEE, 2016, p. 28). Nega-se, assim, a autonomia da sintaxe e postula-se que os níveis linguísticos são holísticos, pois há codeterminação entre forma e significado.

Para advogar em prol dessa noção de gramática, a autora toma como unidade de análise a construção, por considerá-la mais adequada para a representação morfológica e sintática. A construção é entendida como um pareamento entre forma e significado, apresentando uma estrutura sequencial, com posições estruturais que podem ser fixas ou abertas.

Essa perspectiva defende que a língua pode ser derivada a partir de processos cognitivos dinâmicos e gerais inerentes à cognição humana, levando à criação da gramática, à mudança linguística e ao processamento de linguagem; por essa razão, Bybee (2016) lança em sua obra o mote “derivar a língua da não língua”, justamente para se referir a esses processos que subjazem à estrutura linguística e que serão esclarecidos a seguir.

² Essa noção de língua reporta-se à noção de gramática emergente de Hopper (1987).

1.2 Processos cognitivos de domínio geral

Como apontado acima, os MBU situam a linguagem no contexto mais amplo do comportamento humano, reconhecendo que processos cognitivos mais gerais que operam na cognição também operam na linguagem. Portanto, a tarefa de uma abordagem do uso é identificar esses processos que estão na base da mudança e que são responsáveis pela emergência da estrutura linguística.

Os processos cognitivos listados por Bybee (2016) são: *categorização*, *chunking*, *memória enriquecida*, *analogia* e *associação transmodal*. O quadro 2 traz a definição de cada um desses processos e sua atuação na cognição (domínio geral) e na linguagem (domínio específico).

Quadro 2- Os processos cognitivos de domínio geral aplicado à linguagem

| | | |
|----------------------------|---------------------|--|
| Categorização | <i>Na cognição</i> | Pela categorização, as categorias perceptuais de vários tipos são criadas a partir da experiência. |
| | <i>Na linguagem</i> | Por categorização, a autora entende a similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações já estocadas na mente. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico, sejam elas unidades sonoras, morfemas, palavras, sintagmas ou construções. |
| Chunking | <i>Na cognição</i> | <i>Chunking</i> ajuda a explicar por que as pessoas se aprimoram em tarefas cognitivas e neuromotoras com a prática. |
| | <i>Na linguagem</i> | Trata-se de um processo pelo qual sequências de unidades são usadas juntas, na formação de unidades mais complexas. <i>Chunking</i> é básico para a formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. Sequências repetidas de palavras (ou morfemas) são embaladas juntas na cognição de modo que a sequência é acessada como uma unidade simples. É na interação entre <i>chunking</i> e categorização que surgem sequências convencionais de diferentes graus de analisabilidade e de composicionalidade. |
| Memória enriquecida | <i>Na cognição</i> | Memórias não linguísticas também têm impacto nas representações cognitivas e na estrutura neurológica. |
| | <i>Na linguagem</i> | Refere-se à estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados. A memória para formas linguísticas é representada em exemplares, constituídos com base em ocorrências de experiência linguística que são consideradas idênticas. O argumento primário para a representação por um feixe de exemplares é que cada experiência com a língua tem um impacto nas representações cognitivas. |

| | | |
|------------------------------|---------------------|---|
| Analogia | <i>Na cognição</i> | Tem sido estudada em termos de estruturas relacionais sobre estímulos visuais, como cenas, formatos e cores. |
| | <i>Na linguagem</i> | Processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias. A analogia também requer categorização; as partes de ocorrências produzidas podem ser segmentadas em unidades que são alinhadas e categorizadas antes de que novos enunciados possam ser formados com essas partes. |
| Associação transmodal | <i>Na cognição</i> | Experiências coocorrentes tendem a estar cognitivamente associadas. Os processos implícitos, automáticos, na detecção de padrões que ocorrem nessas modalidades de representação, implicam que qualquer associação transmodal ocorre tipicamente entre os níveis encadeados mais altos de nódulos ativados. |
| | <i>Na linguagem</i> | Fornece o elo entre significado e forma. O sentido é associado à maior sequência/cadeia disponível uma palavra, um sintagma ou uma construção. Nota-se que inferências feitas pelo contexto de enunciados particulares também podem vir a ser associadas com sequências particulares, dando surgimento a mudanças no significado. |

Fonte: Elaboração própria, baseada em Bybee, 2016, p. 26-28.

Categorização é o processo base e perpassa os outros processos cognitivos, visto que, a partir das experiências de mundo, o usuário da língua vai formando seu sistema cognitivo, caracterizado como um conjunto de conceitos organizados em categorias pelo contato com a realidade. Um exemplo de categorização é quando levamos uma criança ao zoológico, e, ao avistar um avestruz, ela diz ao adulto que a acompanha: *galinha grande!*. Esse fato ocorre porque categorizamos aquilo que experienciamos por meio de categorias preexistentes, construtos culturais. Assim, a criança já tem disponível a categoria AVE, formada por traços prototípicos extraídos de exemplares mais comuns à sua experiência, como galinha, pardal etc. Desse modo, ela insere avestruz na categoria AVE, salientando, ainda, o traço diferenciador de outros membros, o tamanho.

Na linguagem, a categorização diz respeito à classificação dos tipos de textos, às classes de palavras, aos componentes do sintagma e às configurações mórficas e fônicas. Esse processo envolve gradualidade, uma vez que há, numa dada categoria, membros mais protótipos e outros mais marginais. A título de ilustração, observemos a categoria verbo. Oliveira (2017, p. 22) mostra a trajetória gradual de categorização do verbo “andar” (verbo pleno: *Ele anda pela rua de madrugada* > verbo de ligação: *Ele anda doente essa semana* > verbo auxiliar: *Ele anda falando mal dos outros*”).

Chunking pode ser exemplificado, como processo geral, pela situação neomotora “*aprender a dirigir*”. No início dessa nova atividade, o usuário aprende passo a passo como colocar o carro em movimento; no entanto, essa atividade torna-se tão rotinizada que não precisamos pensar mais nos passos para executá-la. De modo análogo, na linguagem, sequências de palavras que ocorrem juntas e repetidas são rotinizadas e têm processamento automático na cognição do falante, isto é, analisamos

e atribuímos significação ao bloco, ao *chunk*. As construções com os verbos “dar” e “fazer”, analisadas por Alonso e Cezario (2015), como *dar um pulo*; *dar uma mão*, *fazer um papelão* e *fazer sala* perdem a fronteira de constituintes e passam a ser conceitualizadas como um bloco, um *chunk*.

Memória enriquecida diz respeito à estocagem de experiências, detalhes na memória. Por exemplo, quando compramos um novo aparelho eletrônico, sabemos como manuseá-lo, pelos detalhes experienciados previamente com outros aparelhos da mesma classe. Na linguagem, cada enunciado particular serve para que o usuário extraia propriedades para usos futuros; por exemplo, quando utilizamos o imperativo (*faça!*, *coma!*, *vá embora!*), os detalhes fonéticos, morfológicos e os contextos de usos desse modo verbal faz com que estoquemos em nossa memória o significado de ordem, permitindo-nos o uso de tais expressões em outros momentos de interação.

Analogia refere-se à capacidade de pensamento analógico dos seres humanos, os quais sempre formam novas construções a partir de outras já existentes. Exemplos de analogia, no domínio geral, são os nomes das cores de esmalte, como *rosa chiclete*, *sufê de goiaba*, *grão de café*, entre outros, relacionando as similaridades, via analogia, do espectro de cor, com os elementos comparados. Na linguagem, tomamos, como exemplo, os participios duplos (regular e irregular) de certos verbos que levam à analogia de outros, como o verbo “pagar” e “chegar” em *eu já tinha pago/pagado* e em *eu já tinha chego/chegado*. Então, *chego* está para *chegado* assim como *pago* está para *pagado*. Ressaltamos que esse processo cognitivo é muito importante para este trabalho; por isso, dedicaremos atenção especial a ele mais adiante.

A associação transmodal revela a habilidade no estabelecimento de conexões, análises por elos associativos, entre as experiências coocorrentes no mundo. No domínio geral, observemos a seguinte situação, Evento 1: *acordo pela manhã, abro a porta do quarto*; Evento 2: *meu gato aparece e começa a miar*; Associação na memória: *o gato quer ser alimentado*. Na linguagem, esse processo é exemplificado por Oliveira (2017, p. 27-28) com o verbo *vender*, o qual não pode ser considerado uma atividade isolada, em si mesma, mas deve evocar todo um evento, envolvendo, no mínimo, dois participantes (aquele que vende e aquele que compra), o objeto e o preço da venda, o lugar, o tempo, o motivo da venda etc. Essa configuração semântica, segundo a autora, corresponde à configuração sintática, tendo quem vende como sujeito: *João vendeu*, o que é vendido como objeto: *João vendeu seu carro*, quem compra como objeto indireto: *João vendeu seu carro a Paulo* e informações acessórias, como o preço: *João vendeu seu carro a Paulo por 30 mil reais*, entre outras informações possíveis.

A partir desses exemplos, concluímos que nossa mente não é organizada em módulos compartimentados e independentes; pelo contrário, ela é de natureza holística, pois buscamos sempre compreender o que acontece a nossa volta com base na sua globalidade, por meio de

processos cognitivos de domínio geral, os quais operam em várias áreas da cognição humana e podem derivar a estrutura linguística, operando, portanto, em múltiplas instâncias da língua em uso.

É nesse sentido, a exemplo do que propõe Bybee (2016), que a abordagem construcional da mudança linguística, formulada por Traugott e Trousdale (2013), concilia tais pressupostos, buscando entender como os processos elencados acima operam na língua e na mente do falante, no que tange à formação e à convencionalização de novas construções. Passemos, agora, a elucidar essa abordagem.

1.3 Abordagem construcional da mudança linguística

Convém dizer que a abordagem construcional da mudança linguística se alinha a outros modelos³ construcionais que tomam a construção como unidade básica de análise, compartilhando com eles os seguintes princípios gerais:

- a) a unidade básica da gramática é a construção, um pareamento convencional de forma e significado;
- b) a estrutura semântica é mapeada, diretamente, na superfície da estrutura sintática, sem derivações;
- c) a linguagem, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e de ligações entre eles; associações entre alguns desses nós são entendidos como hierarquia de herança (relações taxonômicas que capturam o grau ao qual as propriedades de nível mais baixo de construções são previsíveis a partir de construções mais gerais);
- d) a variação translinguística (e dialetal) pode ser entendida de várias maneiras, incluindo processos cognitivos de domínio geral e construções de variedade específica;
- e) a estrutura linguística é moldada no uso.

(GOLDBERG, 2003 *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 3).

O modelo construcional de Traugott e Trousdale (2013), por ser um MBU, compartilha das premissas de Bybee (2016) explicitadas acima. Entende-se, então, que nenhum nível de organização da gramática é autônomo – pragmática, semântica, morfossintaxe e fonologia operam juntas em uma construção. Concebe-se, também, que a estrutura linguística deriva de processos cognitivos gerais, os quais são experienciados e praticados pelos usuários na interação (produção e percepção *on-line*). Essa abordagem constitui um modo de repensar e incorporar aspectos de estudos anteriores sobre mudança linguística, em especial sobre

³ Outros modelos construcionais são: *Gramática de Construções de Berkeley* (FILLMORE, 1988; FILLMORE; KAY, 1997); *Gramática de Construções Baseada no Signo* (BOAS; SANG, 2012); *Gramática de Construções Cognitiva* (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT; CRUSE, 2004); *Gramática Radical de Construções* (CROFT, 2001); *Gramática Cognitiva* (LANGACKER, 1987; 1991; 2005).

gramaticalização e lexicalização, procurando identificar os fatores cruciais no surgimento e no desenvolvimento de novos pareamentos de forma e significado.

Para tanto, os autores apresentam três princípios fundamentais do modelo: i) considerando que redes, organização hierárquica e herança podem ser universais e compartilhadas com outros sistemas cognitivos, a gramática é entendida como conhecimento de um sistema linguístico específico, como o português, o inglês, o árabe; ii) o *locus* da mudança é o constructo, uma instância de uso, iii) a diferença entre inovação e mudança, em que a primeira é individual, podendo constituir uma potencial mudança, ao passo que a segunda é convencionalizada, replicada entre comunidades de usuários (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 2).

Por conceber a mudança no constructo, no uso efetivo, tem-se, então, uma abordagem *bottom-up*, isto é, o conhecimento linguístico, lugar de inovações, é obtido com base na experiência com a língua. As representações esquemáticas são abstratizadas e baseadas em *inputs* e *tokens*. (TAYLOR, 2002 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 47).

1.3.1 O conceito de construção e a língua como rede de construções

Com relação à noção de construção, podemos listar as seguintes características: i) as construções são convencionais, porque só se estabilizam na língua quando são compartilhadas por um determinado grupo de falantes; ii) são simbólicas, porque são signos arbitrários (associações de forma-significado); e iii) são unidades, porque em algum aspecto do signo elas são idiossincráticas (GOLDBERG, 1995) ou tão frequentes (GOLDBERG, 2006), que o signo está enraizado na mente dos usuários da língua (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 1). A proposta de Traugott e Trousdale (2013) partilha do conceito de construção, pareamento de forma e significado, como aparece em Goldberg (1995; 2006) e em Croft (2001).

Goldberg (1995) argumenta que as construções são essenciais para descrever a língua e as toma como unidade básica da língua. Para a autora, as construções podem ser de qualquer tamanho, desde um morfema até um padrão textual. Em suas palavras:

qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja, estritamente, previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. Ademais, padrões são armazenados como construções, mesmo se eles são totalmente previsíveis, desde que ocorram com frequência suficiente. (GOLDBERG, 2006, p. 5).⁴

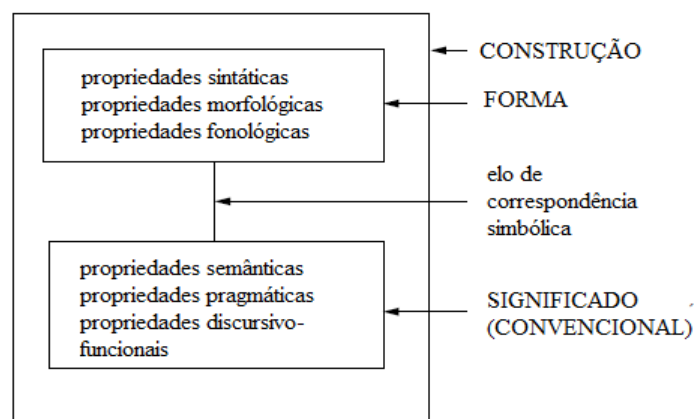
⁴ Todas traduções presentes nessa dissertação são de nossa autoria. *No original*: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its

A autora postula um axioma básico: “conhecimento de língua é conhecimento” (GOLDBERG, 2006, p. 59).⁵ As construções linguísticas exibem uma estrutura prototípica e formam redes de associações. As noções de hierarquias de herança de redes semânticas, que são úteis para organizar outros tipos de conhecimento, são adotadas para explicar nosso conhecimento linguístico (GOLDBERG, 1995, p. 5).

Em diálogo com a proposta de Goldberg, Croft (2001) defende a natureza taxonômica do conhecimento construcional, a relação de hierarquia de herança entre construções mais gerais e mais específicas e a importância do uso linguístico na determinação de aspectos da estrutura linguística. Em sua *Gramática Radical de Construções*, Croft (2001) define construção como entidade específica da língua, e as categorias linguísticas são definidas, especificamente, a partir do tipo de construção que elas representam; por exemplo, verbo auxiliar é uma categoria inserida na construção auxiliar de uma determinada língua.

A figura 1 apresenta como as ligações entre forma e significação se entrelaçam, formando a estrutura simbólica da construção.

Figura 1- Modelo da estrutura simbólica de uma construção na Gramática Radical de Construções



Fonte: Croft, 2001, p. 18.

Seguindo os pressupostos construcionais de Goldberg (1995; 2006) e de Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013) propõe a seguinte representação para as construções:

$$[[F] \leftrightarrow [S]] \quad (\text{TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 8})$$

component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.”

⁵ *No original*: “Knowledge of language is knowledge.”

Os autores entendem esse pareamento de forma e de significado como uma unidade convencionalizada, em que F [Forma] abarca sintaxe, morfologia e fonologia, enquanto S [Significado] compreende discurso, semântica e pragmática. Esses níveis são propriedades das construções e devem ser concebidos como holísticos.

A construção como um pareamento de forma-significado pode ser descrita observando-se três dimensões gradientes, como mostrado no quadro 3, adaptado de Traugott e Trousdale (2013), para exemplos do português.

Quadro 3- As dimensões das construções

| DIMENSÃO | ESPECIFICAÇÃO | EXEMPLO |
|----------------------------------|---|--|
| TAMANHO | <u>Atômica:</u> Construções monomorfêmicas | <i>azul;</i> <i>[-s] (pl.)</i> , como em <i>livros</i> . |
| | <u>Intermediária:</u> Construções parcialmente analisáveis | <i>pré-escola;</i> <i>bissexual</i> . |
| | <u>Complexa:</u> Unidades formadas de <i>chunks</i> analisáveis | <i>dar uma olhada</i> . |
| ESPECIFICIDADE FONOLÓGICA | <u>Substantiva:</u> Fonologicamente e completamente especificada | <i>mesa,</i> <i>[-idade]</i> , como em <i>felicidade</i> . |
| | <u>Intermediária:</u> Entre especificação e abstração | <i>[V-ção]</i> , como em <i>inspiração</i> ; |
| | <u>Esquemática:</u> Completa abstração | <i>[SUJ+V+OBJ]</i> , como em <i>Maria quebrou a cadeira;</i> <i>[V₁+Prep+ V_{2inf}]</i> , como em <i>acabou de fazer</i> . |
| CONCEITO | <u>Conteudística:</u> Lexical | <i>flor;</i> <i>SN</i> , como em <i>o professor</i> |
| | <u>Intermediária:</u> Entre conteúdo e processo. | <i>[V_{1eve}+SN]</i> , como em <i>deixou claro</i> . |
| | <u>Procedural:</u> Gramatical | <i>[V₁+V₂]</i> , como em <i>vou fazer;</i> <i>[-s] (pl.)</i> , como em <i>canetas</i> . |

Fonte: Traugott e Trousdale, 2013, com adaptação.

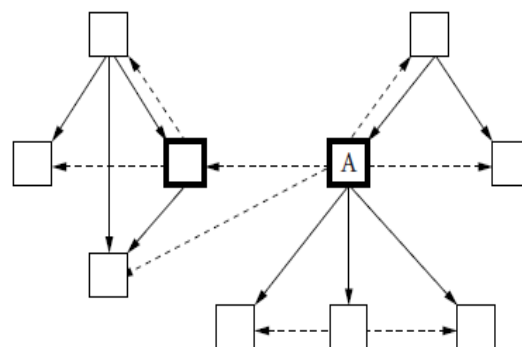
Um dos princípios dos MBU é a conceitualização de língua como uma rede construções. A ideia de redes retoma a premissa da Linguística Cognitiva de que outros aspectos da cognição humana, tais como visão, habilidades musicais etc., são redes estruturadas; então, concebendo a linguagem como uma faceta da cognição, entende-se por que a organização da língua não é diferente da organização de outros aspectos da cognição humana (LANGACKER, 2008).

Segundo Langacker (2008),

nós podemos descrever a língua como um inventário **estruturado** de unidades linguísticas convencionais. Essa estrutura — a organização de unidades em redes e conjuntos — é intimamente relacionada ao uso da língua, ambos [redes e conjuntos] moldam e são moldados pelo uso. (LANGACKER, 2008, grifo no original, p. 222).⁶

O modelo de rede é útil aos estudos linguísticos, uma vez que ele captura as propriedades essenciais das construções, mostrando suas relações e em que medida tais construções são mais centrais que outras e suas múltiplas variantes. Langacker (2008) propõe um esquema, representado na figura 2, que exemplifica a configuração de uma rede construcional.

Figura 2- Representação de uma rede conceitual



Fonte: Langacker, 2008, p. 226.

A rede é composta por construções associadas em que há, no centro, um protótipo, representado pelo quadrado em negrito com a letra A e as variações relacionadas à essa construção central. Os quadrados da rede são nós, construções, individuais e estruturados por diferentes graus de complexidade. As setas mostram como as construções são ativadas pelo usuário e seus graus de sedimentação; as setas descontínuas representam uma relação de elaboração entre os nós: o nó de partida é uma unidade convencional e o nó de chegada é uma faceta do evento de uso categorizado pelo nó dominante. Setas descontínuas representam uma relação de extensão entre os nós. Quanto mais em negrito é representado o nó, mais facilmente ele é ativado pelo usuário; quanto menos em negrito, mais distante do protótipo ele é.

Como podemos notar, conceber a língua pela metáfora de redes é muito válido para os MBU, uma vez que “a totalidade do nosso conhecimento de língua é capturada por uma rede de construções”⁷ (GOLDBERG, 2003). Ademais, tal visão reforça o caráter multidimensional das línguas, já que as redes reforçam que as dimensões da linguagem não são modulares, mas

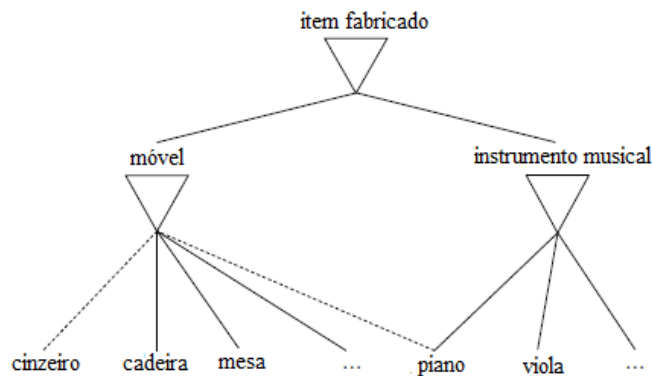
⁶ *No original*: “We can describe a language as a **structured** inventory of conventional linguistic units. This structure—the organization of units into networks and assemblies—is intimately related to language use, both shaping it and being shaped by it.”

⁷ *No original*: “The totality of our knowledge of language is captured by a network of constructions.”

são radiais e representadas por níveis de categorização de ordenação das construções em nossa mente. Há, portanto, graus de abstratização, generalização e ligações entre os nós.

Traugott e Trousdale (2013, p. 10) apresentam a pequena rede conceitual, reproduzida na figura 3.

Figura 3 - Uma pequena rede conceitual



Fonte: Traugott e Trousdale, 2013, p. 10.

Na rede reproduzida acima, tem-se associações entre conceitos de categorias de nível mais básico, como *cadeira*, *mesa*, e os de nível mais genérico, como *móvel*. As diferentes linhas representam associações entre os conceitos: as linhas contínuas representam membros centrais de uma categoria mais geral, como *cadeira* é para *móvel*; as linhas pontilhadas representam membros marginais daquela categoria mais geral, como *cinzeiro*, objeto que não compartilha traços com membros mais prototípicos como *mesa*. Por sua vez, *piano*, também em linha pontilhada, representa membro marginal pela associação de traços com a categoria *móvel*, mas membro central da categoria *instrumento musical*.

Os níveis de categorização apresentados na rede da figura 3, conceito superordenado [+ geral], conceito mais básico e conceito subordinado [+ específico], são reformulados na representação gramatical em esquema, subesquema e microconstrução, como veremos mais adiante.

Essa pequena rede conceitual revela a multidimensionalidade da língua e sua arquitetura; conceitos, ou ainda, construções, estão interconectados via ligações de diferentes tipos, constituindo redes de diferentes graus de generalização. Assim, “tudo na língua pode ser descrito formalmente em termos de nós e suas relações”. (HUDSON, 2007).⁸

⁸ *No original*: “everything in language can be described formally in terms of nodes and their relations.”

1.3.2 Elos relacionais e de herança

Os MBU distinguem dois tipos de elos na rede: os relacionais e o de herança. De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 59), a reconfiguração destes elos seja entre microconstruções, subesquemas ou esquemas é de extrema importância para analisar a mudança linguística.

Os elos relacionais, no plano horizontal, especificam os tipos de relações entre as construções. Conforme proposto por Goldberg (1995), esses elos são de quatro tipos: a) *polissêmico*: captura a natureza das relações semânticas entre um significado central de uma construção e qualquer extensão a partir desse sentido; b) *subparte*: quando uma construção é uma subparte de outra construção e existe independentemente; c) *instanciação*: uma construção é uma versão mais específica de outra construção; e, d) *extensão metafórica*: quando duas construções são relacionadas por um mapeamento metafórico.

O elo de herança, no plano vertical, é de natureza taxonômica e hierárquica, pois cada nó herda propriedades de nós dominantes, ou seja, nós mais específicos (microconstruções) apresentam propriedades de herança dos nós mais gerais (subesquemas ou esquemas) da rede. Goldberg (1995, p. 72) postula que esse tipo de elo é assimétrico, uma vez que “a construção A motiva a construção B se, e somente se, B herda traços de A.”⁹

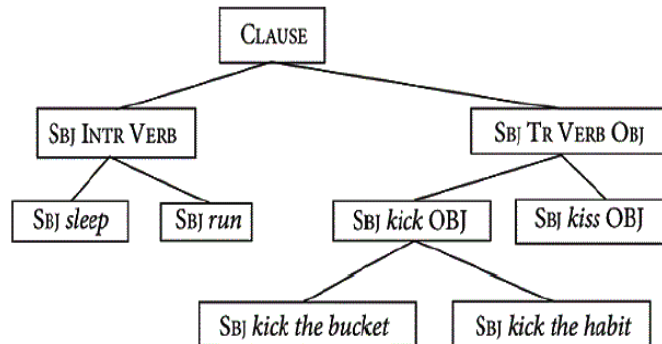
Traugott e Trousdale (2013), seguindo os postulados de Goldberg (1995), assinalam que as construções que compõem uma rede são ligadas por relações de herança, as quais motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança nos permite capturar generalizações através das construções enquanto, ao mesmo tempo, nos permite pensar em subregularidades e exceções (GOLDBERG, 1995, p. 67).

Para explicar esse tipo de elo, Boas (2013), com base na hierarquia taxonômica de Croft e Cruse (2004), retrata o caso de duas expressões idiomáticas do inglês “*kick the bucket*” (chutar o balde) e “*kick the habit*” (perder um vício). Esses *tokens* se encontram na base da hierarquia, exibindo a mesma estrutura argumental, como os usos transitivos do verbo “*kick*”, o qual está em um nível mais alto da rede. Assim, podemos dizer que essas expressões idiomáticas herdam propriedades mais gerais do nível mais alto, como flexão verbal, realização fonológica e especificações do sujeito [+ animado]. Já o verbo transitivo “*kick*”, localizado em um grau mais alto, herda seu padrão de estrutura argumental de uma construção mais

⁹ *No original*: construction A motivates construction B iff B inherits from A.

esquemática, a construção transitiva, a qual, por sua vez, herda propriedades de uma construção ainda mais esquemática: a oração.

Figura 4 - Hierarquia taxonômica



Fonte: Boas, 2013 *apud* Croft e Cruse, 2004.¹⁰

Em suma, as construções, pensadas como portadoras de elos de herança, têm uma estrutura interna, se relacionam hierarquicamente e podem emergir a partir de esquemas produtivos mais gerais. Além disso, essas relações entre construções nos permite uma melhor representação dos nós construcionais disponíveis em rede.

1.3.3 Propriedades construcionais

Além de apresentarem diferentes dimensões e serem ligadas por vários tipos de elos, as construções também possuem propriedades centrais e todas são gradientes: esquematicidade, produtividade, composicionalidade. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2016). De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 13-14), esquematicidade é uma propriedade da categorização que envolve, crucialmente, abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias linguísticas ou não. Na visão dos autores, os esquemas linguísticos são grupos gerais abstratos e semânticos de construções, contedúísticas ou procedurais.

Tais esquemas são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções, as quais são membros específicos de esquemas mais abstratos. Por exemplo, a microconstrução [parar+de+V_{2inf.}] é um membro específico do esquema auxiliar aspectual [V₁ +Prep+V_{2inf.}]. As microconstruções são instanciadas por construtos, *tokens*, empiricamente

¹⁰ Optamos por não traduzir a rede citada por Boas (2013) para que os sentidos expressos pelo verbo “kick” e as construções idiomáticas advindas dele não perdessem seu sentido original.

atestados em propósito comunicativo, como *parar de comer* é um *token* ligado à microconstrução [parar+de+V_{2inf.}], ligada ao esquema [V₁+Prep+V_{2inf.}].

Logo,

esquemas e subesquemas são subpartes do sistema linguístico que o linguista seleciona para discussão e análise. [...] A esquematicidade de uma construção linguística está relacionada à extensão com que ela captura padrões mais gerais através de uma série de construções mais específicas. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14).¹¹

A segunda propriedade é a produtividade, cuja caracterização se dá pelo grau de extensibilidade (BARDDAL, 2008) e pelos limites de uma construção (BOAS, 2008). A noção de produtividade está relacionada à frequência *token* (o número de vezes que a mesma unidade ocorre no texto) e à frequência *type* (o número de expressões diferentes de um padrão). (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 18). Por exemplo, a produtividade de [V₁+Prep+V_{2inf.}] pode ser aferida a partir da extensão de feixes verbais de V_{2inf.} nas microconstruções [deixar+de+V_{2inf.}] e [parar +de+V_{2inf.}].

Para Bybee (2016, p. 155), o mecanismo cognitivo por detrás da produtividade é o processo cognitivo de analogia: “uma construção com uma posição fixa de alta frequência de tipo será mais provavelmente usada para formar um enunciado novo do que uma com frequência de tipo mais baixa, simplesmente porque há mais candidatos em que basear a analogia”. Esse é o fator que embasa nossa hipótese de que o esquema auxiliar [V₁+Prep+V_{2inf.}] recruta novas construções, via o mecanismo de analogização, devido sua alta frequência de uso. Uma construção altamente produtiva pode atrair construções menos esquemáticas, que passam, a partir daí, a integrar o rol de construções que estão ligadas a um mesmo esquema construcional mais geral e abstrato e já devidamente convencionalizado na língua.

A composicionalidade, terceira propriedade construcional, diz respeito à extensão de significado de uma construção, isto é, o grau de transparência do elo entre forma e significado. Por um lado, quando a construção é composicional, seu significado é derivado da soma do significado das subpartes que a compõem, sendo considerada semanticamente transparente; por outro lado, quando a construção é não-composicional, seu sentido decorre do todo, sendo ela considerada opaca.

¹¹ *No original*: “schemas and subschemas are the subparts of the linguistic system that the linguist picks out for discussion and analysis. [...] The schematicity of a linguistic construction is concerned with the extent to which it captures more general patterns across a series of more specific constructions.”

Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 19), se um construto é, semanticamente, composicional, então o falante produziu uma sequência sintática convencional, permitindo que o ouvinte entenda o significado de cada item individual e seja capaz de decodificar o significado do todo. Se o construto não é composicional, haverá uma divergência entre o significado individual dos itens e o significado do todo da construção. Por exemplo, a construção “não deixa sombra de dúvida” é semanticamente menos composicional do que a construção “deixar sequelas”, como mostram Souza e Prezotto Jr. (2017).

Essas propriedades construcionais não são independentes, mas interligadas, porque quando uma construção é mais esquemática, por exemplo, ela também é altamente produtiva e quando é menos composicional, ela decresce em esquematicidade e produtividade.

1.3.4 Tipos de mudança: mudança construcional e construcionalização

A mudança linguística pode ser vista como “locada na *interação* e ... negociada entre os falantes no curso da interação”. (MILROY, 1992 *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 21, *itálico no original*)¹². Portanto, a abordagem construcional, por ser um MBU, advoga que a mudança ocorre no uso, não somente na aquisição da linguagem.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), se algo muda ou não em um dado contexto de uso na história da língua, é devido às constantes avaliações dos falantes acerca das funções das construções no curso da interação. Dessa forma, a mudança inicia-se com uma nova representação na mente do usuário da língua. Nesse fenômeno, dois mecanismos atuam: a neoanálise, quando um elemento da construção se modifica, e a analogização, quando um subesquema ou esquema é capaz de atrair para si novas construções.

Traugott e Trousdale (2013) definem dois tipos de mudança linguística: a construcionalização e a mudança construcional. A primeira refere-se à

*criação de (combinações de) signos com forma_{nova}significado_{novo}. Ela forma novos nós (types), com nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. É acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e é, portanto, gradual. Novas microconstruções podem ser, igualmente, criadas gradualmente, mas também podem ser instantâneas. As microconstruções formadas gradualmente tendem a ser processuais, e as formadas instantaneamente tendem a ser de conteúdoísticas.*¹³ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, *itálico no original*).

¹² *No original*: “located in speaker-interaction and . . . negotiated between speakers in the course of interaction.”

¹³ *No original*: “the creation of formnew-meaningnew (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The

A construcionalização envolve neoanálise de propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas, que, quando ocorrem de forma gradual, pressupõem, conseqüentemente, mudanças construcionais anteriores. Essa mudança, seja instantânea ou gradual, envolve uma sucessão de micropassos, os quais desencadeiam o surgimento de um novo nó na rede linguística.

O processo de construcionalização pode ser de dois tipos: a) construcionalização gramatical (procedural); b) construcionalização lexical (conteudística). Neste trabalho, nosso foco está no primeiro tipo, pois nosso objeto é de natureza procedural.

Já a mudança construcional afeta a dimensão interna de uma construção, seja na forma ou no significado, não envolvendo, pois, a criação de um novo nó, de uma nova construção. Em outras palavras, antes da construcionalização, há uma sucessão de etapas graduais convencionalizadas, chamadas de mudança construcional. Depois que a construcionalização ocorre, a construção resultante ainda continua alimentando-se de mais mudanças construcionais, das quais podem resultar casos de pós-construcionalização por expansão de colocações, e, também, por redução morfológica e fonética.

Na visão de Traugott e Trousdale (2013), uma certa mudança construcional não levará, necessariamente, à construcionalização, mas, como eles argumentam, a construcionalização pode ser explicada com o surgimento de uma série de pequenas mudanças locais em um determinado contexto.

Baseando-nos no que foi dito anteriormente, a construcionalização gramatical é entendida como

[...] o desenvolvimento, por meio de uma série de pequenas mudanças de um novo pareamento de forma-significado de um determinado signo, o qual é, principalmente, procedural em função. Um signo gramatical sugere como o falante conceitua relações entre os referentes na (s) cláusula (s) e como o destinatário deve interpretá-la (s). Nos diversos casos de construcionalização gramatical, têm-se a perda de significado lexical, entretanto as fontes também podem ser não-lexicais [...] ¹⁴ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 147).

constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful.

¹⁴ *No original:* “Grammatical constructionalization is the development through a series of small-step changes of a form_{new}-meaning_{new} sign that is (mostly) procedural in function. A grammatical sign cues how the speaker conceptualizes relationships between referents within the clause(s), and how the addressee is to interpret the clause(s). In many cases grammatical constructionalization involves loss of lexical meaning but the sources may also be non-lexical [...]”

A construcionalização gramatical deve ser vista como resultado de mudança, não como processo, como é o caso de mudanças construcionais. A natureza desse tipo de mudança é procedural, uma vez que o novo nó emergido na rede “tem significado abstrato que sinaliza relações linguísticas” (TRAUGOTT; TROUSALE, 2013, p. 12) gramaticais, como tempo, aspecto, modo, entre outros.

É importante pontuar que os polos procedural e conteudístico não são dicotômicos, mas gradientes, como os dêiticos, que transitam entre os dois polos, evidenciando que os significados procedurais e conteudísticos estão em relação e não em oposição.

Segundo essa perspectiva, a gramática como não-modular, porque privilegia-se os processos que atuam na formação de formas gramaticais, como rotinas, *chunks*. Traugott e Trousdale (2013) sustentam que a construcionalização gramatical pode ser explicada com relação à produtividade, esquematicidade e composicionalidade, o que se verifica é um aumento de produtividade e esquematicidade e uma redução no nível de composicionalidade.¹⁵

A título de exemplo, apresentamos abaixo a construcionalização gramatical e as mudanças construcionais do marcador discursivo “pois não” no português (LÔBO, 2017). A microconstrução “pois não”, em seu uso mais antigo, funciona no interior de uma construção complexa mais esquemática e mais composicional, conforme representado em (3). Segundo a autora, “pois” é conjunção conclusiva, ligando duas orações e “não” atua como marcador de negação.

- (3) aux. modal + CONJ.conclusiva + [PREP.] + NÃO + V.principal + COMPLEMENTO
Haveria, pois, de não realizar seu pedido?
Poderia, pois, --- não ajudar você?
 (LÔBO, 2017, p. 78).

O primeiro micropasso em direção à construcionalização gramatical é a mudança de “pois” que se desloca para posição pré-verbal, perde função conjuntiva e passa a marcar as funções parentética e enfática. O segundo micropasso revela que o verbo auxiliar modal é suplantado pelo verbo principal, assumindo, assim, a função modalizadora. Aqui, há menos composicionalidade e esquematicidade parcial, pois o *slot* em que se encontra “pois” pode ser substituído por outros elementos, como advérbios interrogativos, sem alteração do sentido da oração modal, e “não” ainda continua atuando como elemento de negação. A ocorrência em (4) explicita essa mudança construcional.

¹⁵ É importante mencionar que, na construcionalização lexical, também acontece alteração nas propriedades construcionais. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a tendência, nesse tipo de mudança, é a perda de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade.

- (4) POIS discursivo + NÃO + V. aux. modal + [PREP.] + V. principal + COMPL.
Pois não Ø Ø realizaria seu pedido?
Pois não Ø Ø ajudaria você?

(LÔBO, 2017, p. 84).

Finalmente, a construcionalização gramatical ocorre quando “pois não” constitui um novo nó procedural funcionando como marcador discursivo. Lôbo (2017) argumenta que o usuário toma como opção comunicativa somente a microconstrução em foco, dispensado toda estrutura oracional, tratando-se, pois, de um processo de economia linguística. Nesse último contexto, “não” perde sua função negativa e se associa ao “pois”, formando um *chunk*. Para a autora, esse resultado de mudança mostra a microconstrução como menos composicional, mais esquemática e mais produtiva.

- (5) POIS NÃO V. aux. modal [PREP.] V. principal COMPLEMENTO
Pois não? Ø Ø Ø Ø

(LÔBO, 2017, p. 86).

1.3.5 Mecanismos de mudança: neoanálise e analogização

Os mecanismos de mudança, como a neoanálise e a analogização, são “processos que ocorrem enquanto a língua está sendo usada, e são esses processos que criam a língua” (BYBEE, 2001, p. 190).¹⁶

A neoanálise é um micropasso de mudança construcional na forma ou no significado de uma construção, desencadeando ou não a criação de um novo nó na rede linguística. Os autores optam por esse termo em vez de “reanálise”, muito usual nas pesquisas de gramaticalização clássica, pois “se o usuário da língua que ainda não internalizou uma determinada construção, a interpreta de forma diferente do falante, ‘re-análise’ não ocorre, apenas uma ‘análise diferente’ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 36).”¹⁷ Portanto, o que acontece é uma nova análise da construção pelo usuário, uma vez que este não seria capaz de reanalisar uma estrutura que ainda não está totalmente ativada e consolidada em sua cognição.

Outro mecanismo importante aos estudos de mudança é analogia, entendida como o “processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências

¹⁶ *No original*: “processes that occur while language is being used, and these are the processes that create language structure.”

¹⁷ *No original*: “If a language user who has not yet internalized the construction in question, interprets a construction in a different way from the speaker, ‘re’-analysis has not occurred, only ‘different’ analysis.”

prévias.” (BYBEE, 2016, p. 27). No domínio da linguagem, a analogia é entendida como o processo pelo qual o usuário passa a usar um novo item numa construção, a partir da experiência linguística prévia. Além disso, a gradiência opera nesse mecanismo, uma vez que a base está na extensão de similaridade com usos anteriores de determinadas construções (BYBEE, 2016, p. 99).

Quando falamos em analogia, estamos compreendendo-a tanto como um tipo de mudança histórica como um mecanismo cognitivo, uma vez que “todos os mecanismos de mudança devem ser baseados em mecanismos de processamento” (BYBEE, 2016, p. 122). Porém, na visão de Traugott e Trousdale (2013), analogia é concebida como analogização, porque eles distinguem entre mecanismos de mudança e motivações para a mudança, evitando, assim, uma ambiguidade entre pensamento (motivação) e mudança centrada num padrão correspondente (mecanismo). Assim, “a analogização é um mecanismo ou processo de mudança que acontece na correspondência entre forma e significado, que não existia antes” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 38).¹⁸

Por esse mecanismo temos a confirmação de que as construções emergentes são sempre fundadas por enunciados anteriores cuja estruturação e significação são organizadas, convencionalizadas e contextualizadas nas situações reais de comunicação. Esse fato ocorre porque “o processamento analógico é a base da capacidade humana para criar novos enunciados” (BYBEE, 2016, p. 126).

Em razão disso, atribuímos tanto à neoanálise como à analogização o papel central na emergência e consolidação das microconstruções em foco e em sua atribuição como membros do esquema auxiliar [V₁+Prep+V_{2inf.}].

2 Auxiliaridade

2.1 Caracterização de verbo auxiliar

A caracterização de verbo auxiliar na literatura linguística é um tanto problemática pelos inúmeros critérios, taxonomias e propriedades que o definem. Muitas abordagens entendem esse tipo verbal como morfema ou classe de palavras, como categoria sintática, como entidade funcional ou semanticamente definida (HEINE, 1993, p. 4).

¹⁸ *No original*: “analogization is a mechanism or process of change bringing about matches of meaning and form that did not exist before.”

Uma resposta clássica do que seja um auxiliar é a de que esse tipo de verbo, diferentemente daquele com sentido pleno, desempenha uma função gramatical na língua (ILARI; BASSO, 2008, p. 176). Outra resposta é a de que se trata de uma relação de complementação entre duas formas verbais, com o auxiliar tomando por complemento um verbo principal (verbo-base) e formando uma perífrase ou locução verbal, em que se observa a presença de um verbo flexionado e de uma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio) numa só predicação. (LONGO; CAMPOS, 2002, p. 447).

Em busca de definir verbo auxiliar, Heine (1993) apresenta três hipóteses para aferir a auxiliaridade, sendo a última adotada pelo autor.

Quadro 4- Hipóteses para a concepção de verbo auxiliar

| | | |
|------------------|------------------------|--|
| Hipóteses | Autonomia | Os auxiliares ou os elementos sob o rótulo “AUX” constituem uma categoria distinta, diferente dos verbos e de outras categorias. É uma categoria universal, mesmo se há diferentes realizações em diferentes línguas (PUGLIELI, 1987). |
| | Verbo principal | Os auxiliares e os verbos plenos são ambos membros da mesma categoria lexical (ROSS, 1969) ou são um subconjunto especial da categoria verbo (PULLUM; WILSON, 1977) |
| | Gradiência | Não há limites que separam os auxiliares dos verbos principais. Ambos devem ser vistos na forma de um <i>continuum</i> ou gradientes. Essa hipótese se associa, por um lado, ao paradigma dos estudos de gramaticalização (GIVÓN, 1975; 1979; 1984; 1989) e, por outro lado, à noção de continuum (GARCÍA, 1967) ou gradiência (BOLINGER, 1980). |

Fonte: Elaboração própria, baseada em Heine, 1993, p. 8-9.

Para o tratamento de auxiliares, julgamos mais procedente a hipótese da gradiência definida por Heine (1993, p. 3), que concebe a língua como uma entidade dinâmica, constantemente moldada por forças externas: forças cognitivas, manipulação pragmática e história, concepção que se equipara à de Bybee (2016) de que a língua é um sistema adaptativo complexo. Assumindo uma visão gradiente dos elementos que compõem a rede, estamos distantes de uma visão estática de língua e próximos da dinamicidade linguística construída no uso.

Em vista disso, seguimos, aqui, a proposta de Heine (1993) para os auxiliares. O autor defende o emprego do termo “auxiliar” para se referir a um item linguístico que possui o maior número de propriedades da auxiliaridade. Portanto, quanto maior o número dessas propriedades mais propicio um item está para constituir um “bom auxiliar” na língua.

Em termos gerais, um “bom auxiliar” é o verbo que é usado “para alocar uma situação descrita em uma sentença com referência ao tempo dêitico (tempo), atribuir um contorno

temporal a ela (aspecto) ou para avaliar sua realidade (modalidade).” (HEINE, 1993, p. 22).¹⁹ Heine (1993) trata os auxiliares como produtos da gramaticalização, que se localizam ao longo de uma cadeia de gramaticalização (*verb-to-TAM*). A maior estratégia de emergência dos verbos auxiliares é a possibilidade de conceber e expressar experiências mais abstratas em termos mais concretos (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Os conceitos gramaticais são abstratos, uma vez que fazem referência às suas funções no discurso, diferentemente de conceitos mais concretos que fazem referência à natureza biossocial do falante. Assim, no que se refere aos verbos auxiliares, que codificam, em geral, as noções de tempo, aspecto e modo, Heine (1993, p. 28) assinala que tais usos gramaticais advêm de domínios mais concretos, como mostra o quadro 5:

Quadro 5- Expressões concretas das quais derivam os verbos auxiliares

| <i>Classificação</i> | <i>Forma conceitual</i> |
|----------------------|-------------------------|
| Locativo | “X está em Y” |
| Movimento | “X move para/de Y” |
| Ação | “X faz Y” |
| Volição | “X quer Y” |
| Mudança de estado | “X se torna Y” |
| Equação | “X é (como) um Y” |
| Comitativo | “X está com Y” |
| Posse | “X tem Y” |

Fonte: Elaboração própria, adaptada de Heine, 1993, p. 31.

O autor argumenta que esses esquemas são limitados, mas suas diversidades são enormes, já que cada esquema apresenta características conceituais diferentes e isso é refletido na morfossintaxe da língua. Além disso, em todos os esquemas de evento, o complemento Y é tipicamente uma instância categorial ontológica de *objeto* ou *espaço*, ou seja, Y é uma entidade referencial, concreta. Na gênese do auxiliar, tais categorias podem instanciar outra categoria ontológica *atividade*, que se refere a atos, ações, atividades, processos e eventos, correspondendo ao que Lyons (1977) chama de “situação dinâmica” (HEINE, 1993, p. 45).

2.2 Critérios de auxiliaridade

Assim como a caracterização de auxiliar é problemática na literatura sobre o tema, os critérios que o definem também seguem esse mesmo caminho. Tomamos como base, para o

¹⁹ *No original*: “to place the situation described in the sentence with reference to deitic time (tense), to ascribe a temporal contour to it (aspect), or to assess its reality (modality).”

desenvolvimento desta pesquisa, os critérios elencados por Lobato (1975), Heine (1993), Longo e Campos (2002) e Ilari e Basso (2008), e selecionamos aqueles que são mais relevantes para a análise das construções auxiliares com “deixar” e “parar”, com o objetivo de aferir a auxiliaridade das microconstruções em estudo.

2.2.1 Critérios de Lobato (1975)

A proposta de Lobato (1975) é de uma hierarquização de critérios e de duas possibilidades de classificação dos auxiliares. Há dois tipos de verbos que constituem essa classe: i) *auxiliar*: número restrito de verbos que resistem à aplicação de todos os critérios de auxiliaridade, e ii) *auxiliante*: verbos operacionais, como verbos modais, cujo sentido de auxiliaridade é mais amplo.

A concepção binária da autora, ao considerar somente verbos auxiliares aqueles em que todos os critérios se aplicam e de que há somente quatro auxiliares no português: “ser”, “estar”, “ter” e “haver”, nega a concepção gradiente de auxiliaridade (HEINE, 1993), pois, à medida em que a língua é usada, há possibilidade de outros verbos virem a ser auxiliares no português, mesmo não seguindo todos os critérios por ela propostos.

O quadro abaixo explicita tais critérios.

Quadro 6- Critérios de auxiliaridade de Lobato (1975)

| | CRITÉRIO | DEFINIÇÃO |
|-----|---|---|
| 1. | <i>Semântico</i> | Atribuição de perda sêmica ao auxiliar, devido a sua gramaticalização. |
| 2. | <i>Unidade significativa</i> | O conjunto forma uma unidade significativa, isto é, o auxiliar intervém unicamente como elemento gramatical e o auxiliado como lexical. |
| 3. | <i>Identidade de sujeitos</i> | Se realmente se dá na língua o processo de auxiliação no sentido estrito da palavra, será verdade que os dois verbos terão um só sujeito. |
| 4. | <i>Acepção egocêntrica</i> | Todo verbo auxiliar, numa relação de auxiliação, está sem ligação semântica com seu sujeito gramatical, mas estando relacionado com o locutor [suj. gramatical <i>versus</i> suj. lógico] |
| 5. | <i>Restrição paradigmática</i> | Todo auxiliar é defectivo, faltando-lhe o particípio passado e o imperativo. |
| 6. | <i>Separabilidade</i> | Um grupo verbal semanticamente uno e formando um todo funcional, do mesmo modo que uma lexia, seria indissociável. |
| 7. | <i>Impossibilidade de orações completivas</i> | Impossibilidade de V ₁ e V ₂ representarem juntos caso de oração completiva. |
| 8. | <i>Prosódico</i> | O conjunto auxiliar + auxiliado forma um só grupo fonético ou grupo acentual, onde o auxiliar é uma forma átona e proclítica. |
| 9. | <i>Frequência da ocorrência</i> | Só poderia ser considerada auxiliar a unidade verbal muito frequentemente seguida de infinitivo, gerúndio ou particípio. |
| 10. | <i>Formação de um único constituinte</i> | O grupo verbal (auxiliar + auxiliado) forma um único constituinte, o sintagma verbal. |

| | | |
|-----|--|---|
| 11. | <i>Incidência do circunstante de tempo</i> | Será um sintagma verbal o conjunto que permitir a incidência do circunstante temporal sobre o grupo verbal e não sobre suas partes independentes. |
| 12. | <i>Apassivação</i> | Se há na língua uma classe de auxiliares, esses devem pertencer ao grupo de verbos suscetíveis de coocorrer com um verbo apassivável, havendo relação de paráfrase entre as formas ativa e passiva. |
| 13. | <i>Integração das seqüências verbais</i> | Quanto maior liberdade é a escolha, mais lexicalizada seria a unidade. As categorias gramaticais são passagens obrigatórias que não deixam escolha ao locutor, ao contrário da liberdade de escolha existente no campo lexical. |
| 14. | <i>Extensão do campo de aplicação de morfema</i> | Só seriam considerados auxiliares os verbos sem restrição quanto ao sujeito ou quanto ao auxiliado. |
| 15. | <i>Negativização</i> | Uma seqüência verbal em auxiliação não pode ser separada por uma negação, do mesmo modo que uma lexia não pode ser dissociada por adjetivação. A negação deve incidir sobre todo o grupo verbal. |
| 16. | <i>Pronominalização</i> | Consiste em determinar se o auxiliado é ou não substituível por um pronome. Em caso afirmativo, os dois verbos seriam principais, sendo o infinito uma nominalização. |
| 17. | <i>Oposição</i> | O auxiliar prototípico é o conjunto verbal que contém sua contraparte na forma simples. |

Fonte: Elaboração própria, baseada em Lobato, 1975, p. 30-76.

2.2.2 Critérios de Heine (1993)

Como mostrado acima, para Heine (1993), o auxiliar prototípico é o verbo que codifica tempo, aspecto e modo, a partir da codificação da maioria dos critérios elencados por ele. O autor ainda acentua que tais critérios são, muitas vezes, contraditórios, por isso ele trata da prototipia de auxiliares. A seguir, apresentamos um quadro com os critérios definidos por Heine (1993).

Quadro 7- Critérios de auxiliaridade de Heine (1993)

| | |
|-----|--|
| 1. | Auxiliares tendem a compor expressões por uma pequena gama de domínios conceituais, especialmente, os domínios de tempo, aspecto e modalidade. |
| 2. | Auxiliares formam um conjunto fechado de unidades linguísticas. |
| 3. | Eles não são nem unidades claramente lexicais nem unidades claramente gramaticais. |
| 4. | Eles também ocorrem como verbos principais. Para alguns autores (ABRAHAM, 1990), esse “papel gêmeo” constitui, de fato, uma das definições das propriedades dos auxiliares. |
| 5. | Eles expressam funções gramaticais, mas exibem, ao menos em alguns contextos, uma morfossintaxe verbal. Em alguns trabalhos, eles são definidos como um conjunto de verbos. |
| 6. | Embora tenham propriedades verbais, eles mostram um comportamento verbal reduzido, integrando “paradigmas altamente defectivos”. Tipicamente, eles podem ser associados com um espectro distintivo de tempo/aspecto e/ou de flexões verbais, podem não ser apassivados, não têm formas imperativas, não podem ser negados independentemente. |
| 7. | Eles não podem ser predicado principal (semântico) da oração. |
| 8. | Eles podem ter duas variantes livres. Uma é a forma plena (como em <i>I will go</i>) e outra a forma reduzida (como em <i>I'll go</i>), ou uma é um clítico e outra um afixo. |
| 9. | Eles tendem a não ser enfatizados ou são incapazes de receber contraste enfático. |
| 10. | Eles tendem a ser cliticizáveis ou necessariamente clíticos. |

| | |
|-----|--|
| 11. | Eles carregam toda informação morfológica do predicado principal, como a marcação de flexão de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade, negação, concordância. |
| 12. | Enquanto auxiliares são, obrigatoriamente, partes de orações finitas em certas línguas, isso não acontece, necessariamente, em orações não-finitas ou imperativas. |
| 13. | Auxiliares não podem ser regidos por outros auxiliares ou por um grupo limitado de auxiliares. |
| 14. | Eles não têm um significado próprio ou não contribuem para o significado da sentença, são “sinsemânticos” e “sincategoramáticos” para o lexema ao qual se aplicam (tipicamente, o verbo principal). |
| 15. | Eles tendem a ocorrer separadamente do verbo principal. |
| 16. | Eles podem fazer limite com outros elementos adjacentes. |
| 17. | Distintamente dos verbos, eles não podem ser nominalizados ou ocorrerem em combinações. |
| 18. | Eles tendem a ocorrer em uma ordem fixa ou em uma posição fixa na oração. |
| 19. | Línguas SVO/VSO tendem a apresentar a ordem “aux. + verbo principal”; enquanto línguas SOV apresentam a ordem “verbo principal + auxiliar” |
| 20. | Na presença de um auxiliar, o verbo principal tende a ser usado na forma não-finita, carregando, frequentemente, algum elemento morfológico como uma nominalização, a marca de infinitivo, gerúndio ou particípio. |
| 21. | Na presença de auxiliares, o verbo principal pode ser associado com alguma morfologia locativa. |

Fonte: Elaboração própria, baseada em Heine, 1993, p. 22-24.

2.2.3 Critérios de Longo e Campos (2002)

Longo e Campos (2002) concebem os auxiliares como frutos da gramaticalização. Em seu trabalho, elas recorrem à Bybee *et. al.* (1991) e a Hopper (1991) para definir o grau de gramaticalização das perífrases temporais e aspectuais por elas estudadas. Dessa maneira, Longo e Campos (2002) propõem alguns critérios para verificação do grau de gramaticalidade e, por sua vez, de auxiliaridade, das perífrases do português. O quadro 11 sintetiza tais critérios.

Quadro 8- Critérios de auxiliaridade de Longo e Campos (2002)

| | CRITÉRIO | DEFINIÇÃO |
|----|--|--|
| 1. | <i>Inseparabilidade</i> | Na presença de itens intervenientes, o grau de fusão é baixo. Perífrases mais gramaticalizadas não são separadas por nenhum tipo de material interveniente. |
| 2. | <i>Irreversibilidade</i> | A perífrase é sempre constituída de um verbo auxiliar seguido de uma forma nominal. Se forem constatadas anteposições ou mudança de ordem, o grau de gramaticalização é mais baixo. |
| 3. | <i>Esvaziamento semântico</i> | Esse critério, em parte, superpõe-se ao da detematização. ²⁰ Trata-se da possibilidade de o significado original desaparecer. |
| 4. | <i>Recursividade</i> | A possibilidade de um verbo poder incidir sobre uma base idêntica é indício de que os falantes não sentem o verbo auxiliar e a base como sinônimos, e de que o auxiliar se esvaziou semanticamente, adquirindo valor gramatical. |
| 5. | <i>Perda de características sintáticas</i> | Refere-se à ausência de complementos acusativos ou locativos. A presença de tais complementos indica baixo grau de gramaticalização. Por exemplo, verbos “ir”, “haver” e “ter” não exercem o papel de núcleos lexicais, operando, assim, como categorias funcionais. |

Fonte: Elaboração própria, baseada em Longo e Campos, 2002, p. 472.

²⁰ Perda sofrida, pelo auxiliar, da propriedade de atribuir papéis semânticos ou temáticos aos elementos nominais com que se combina (LONGO; CAMPOS, 2002, p. 475).

2.2.4 Critérios de Ilari e Basso (2008)

Ilari e Basso (2008) alegam que os linguistas do português dispõem de vários testes, de natureza distribucional, para definir o que caracteriza um verbo auxiliar. Esses testes dão conta de uma forte intuição do falante nativo, o qual reconhece que o verbo auxiliar sempre combina com um verbo pleno constituindo uma unidade que, sintaticamente, equivale a um verbo simples (ILARI; BASSO, 2008, p. 178-179). Abaixo, apresentamos um quadro com os critérios de auxiliaridade definidos pelos autores.

Quadro 9- Critérios de auxiliaridade de Ilari e Basso (2008)

| | |
|----|---|
| 1. | O auxiliar e a base verbal precisam ter o mesmo sujeito. |
| 2. | O auxiliar e a base verbal não podem ser afetados, independentemente, pela negação. |
| 3. | A ocorrência de elementos entre V_1 e V_2 é nula, ou fica limitada a palavras de um tipo muito particular (por exemplo, pronomes átonos e adjuntos adverbiais). |
| 4. | O todo formado por V_1 e V_2 encaixa-se no quadro conjugacional emparelhando-se com a forma simples. |
| 5. | V_1 sofreu esvaziamento semântico, ou seja, quem estabelece condições semânticas sobre os demais termos da sentença é V_2 . |
| 6. | V_1 não se nominaliza de maneira independente. |
| 7. | V_1 e V_2 não entram em operações sintáticas. |

Fonte: Elaboração própria, baseada em Ilari e Basso, 2008, p. 179.

Apresentados os critérios de auxiliaridade de diferentes autores, nos inspiramos em Fernandes (2010) para propor um quadro-síntese e para sinalizar quais desses critérios serão aplicados à luz da abordagem construcional para a análise das microconstruções com “deixar” e “parar” no português.

Como podemos conferir no quadro-síntese abaixo, há, em suma, vinte e oito critérios diferentes, e somente os critérios de inseparabilidade da perífrase, de detematização e de negativização são compartilhados por todos autores mencionados. Esse fato corrobora a diversidade de tratamento da categoria de verbo auxiliar nos estudos linguísticos.

Quadro 10- Quadro-síntese dos critérios de auxiliaridade

| | Crítérios | Lobato (1975) | Heine (1993) | Longo e Campos (2002) | Ilari e Basso (2008) | Crítérios selecionados |
|-----|--|--------------------------|-------------------------|--------------------------------------|---------------------------------|-----------------------------------|
| 1. | <i>Inseparabilidade da perífrase (prosódica, sintática e semântica)</i> | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |
| 2. | <i>Detematização (sem propriedade de predicação)</i> | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |
| 3. | <i>Identidade de sujeitos (V_1 e V_2 possuem sujeito único e sem restrições semânticas)</i> | ✓ | | | ✓ | ✓ |
| 4. | <i>Restrição paradigmática (defectividade)</i> | ✓ | ✓ | | | |
| 5. | <i>Negativização</i> | ✓ | ✓ | | ✓ | ✓ |
| 6. | <i>Impossibilidade de desdobramento da oração</i> | ✓ | | | | |
| 7. | <i>Apassivação</i> | ✓ | | | | |
| 8. | <i>Frequência alta [$V_1 + V_2$ forma nominal]</i> | ✓ | ✓ | | | ✓ |
| 9. | <i>Incidência do circunstante de tempo</i> | ✓ | | | | |
| 10. | <i>Oposição a uma forma simples correspondente</i> | ✓ | | | ✓ | |
| 11. | <i>Pronominalização (Impossibilidade de substituição por um pronome)</i> | ✓ | | | | |
| 12. | <i>Acepção egocêntrica</i> | ✓ | | | | |
| 13. | <i>Impossibilidade de ser complementado por oração</i> | ✓ | | | | |
| 14. | <i>Integração das sequências verbais (quanto menor a possibilidade de escolha, mais gramaticalizada será a unidade).</i> | ✓ | | | | |
| 15. | <i>Categoria fluida entre pleno e auxiliar (auxiliares também ocorrem como verbos principais)</i> | | ✓ | | | |
| 16. | <i>Recursividade (coocorrência com a mesma raiz)</i> | | ✓ | ✓ | | |
| 17. | <i>Formação do complexo TAM</i> | | ✓ | | | ✓ |
| 18. | <i>Posição fixa da perífrase</i> | | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |
| 19. | <i>Impossibilidade de nominalização</i> | | ✓ | | ✓ | |
| 20. | <i>Formas variantes (plena e reduzida foneticamente)</i> | | ✓ | | | |
| 21. | <i>Impossibilidade de receber contraste enfático</i> | | ✓ | | | |
| 22. | <i>Tendência a se tornar clítico/afixo</i> | | ✓ | | | |
| 23. | <i>Flexão em pessoa, número, concordância, TAM etc</i> | | ✓ | | | ✓ |
| 24. | <i>Não-regência por outros auxiliares</i> | | ✓ | | | |
| 25. | <i>Sinsemânticos e sincategoremáticos</i> | | ✓ | | | |
| 26. | <i>Categoria separada do verbo principal</i> | | ✓ | | | ✓ |
| 27. | <i>Na presença de auxiliares, o verbo principal pode ser associado com alguma morfologia locativa.</i> | | ✓ | | | |
| 28. | <i>Perda de características sintáticas</i> | | | ✓ | ✓ | ✓ |

Fonte: Elaboração própria, adaptada de Fernandes (2010).

2.3 Auxiliarização

A mudança linguística não se dá de forma isolada, mas inserida em contextos e vinculada às capacidades cognitivas humanas de conceitualização. Essa é a principal premissa de Kuteva (2004) para o tratamento dos auxiliares. Segundo a autora, as formas auxiliares emergem a partir de fontes lexicais, cujo desenvolvimento não se dá em um item isolado, mas envolve construções²¹ inteiras, completas. Pode-se dizer que a emergência dos auxiliares é entendida como o envolvimento de uma mudança semântico-pragmática e morfossintática, em que a fonte lexical se funde em uma estrutura gramatical.

Esse processo complexo, em que estruturas verbais lexicais desenvolvem ao longo do tempo estruturas gramaticais auxiliares, envolvendo mudanças semânticas, morfossintáticas e fonológicas é denominado por Kuteva (2004) de auxiliarização.

Adotando a abordagem cognitivo-funcional e tomando os estudos de Heine (1993) como ponto de partida, Kuteva (2004) mostra que a mudança linguística não é arbitrária nem autônoma, mas um processo que envolve motivações conceituais e sistemáticas. Esse processo não ocorre fora de contexto, mas nas situações discursivas de contextos reais de uso.

A auxiliarização é entendida como uma cadeia da gramaticalização, ou seja, no desenvolvimento de construções mais gramaticais. Esse processo pode ocorrer em dois tipos de contexto: i) estrutural-sintagmático e ii) discursivo-pragmático. O primeiro consiste em estruturas particulares em que uma expressão lexical relevante ocorre, já o segundo envolve o uso da estrutura para atingir uma função particular.

Durante a auxiliarização, a expansão lexical pode ser descrita como uma manifestação linguística de um princípio cognitivo muito simples e muito geral: a conceitualização, em que a mesma situação/significado pode ser construída/concebida de mais de uma maneira. Isso ocorre porque o domínio do léxico ou da gramática são codificados por habilidades cognitivas que todos seres humanos compartilham, como a habilidade de estruturar uma cena em vários modos, a habilidade de transferir um conceito de um domínio a outro e a habilidade de compreender um conceito altamente abstrato em mais de um modo (LANGACKER, 1987). Tais argumentos se relacionam aos processos cognitivos propostos por Bybee (2016), explanados no primeiro capítulo deste trabalho.

²¹ A noção de construção adotada por Kuteva (2004) é referente ao item e aos elementos que o envolve, não um pareamento de forma e significado como adotado pela abordagem construcional.

3 A categoria gramatical de aspecto

Dos primeiros estudos sobre aspecto até os dias atuais, há uma vasta literatura e reflexões sobre classificações e definições, como afirma Castilho (1968):

[...] dentre a centena de autores que podemos consultar, nada raros são os que, esquecidos de que a conceituação do aspecto está longe de ser matéria pacífica, põem-se logo a enumerar seus casos, forçando o leitor a deduzir por conta própria aquela conceituação. Surgem daqui os freqüentes desentendimentos e a multiplicidade de interpretações desses mesmos fatos (CASTILHO, 1968, p. 39).

Neste trabalho, valemo-nos das propostas de Comrie (1976), Castilho (1968, 2002) e Travaglia (2014) a fim de classificar o tipo aspectual marcado pelas microconstruções auxiliares em foco. Mas antes, apresentamos, abaixo, três concepções de aspecto.

Aspecto corresponde às “várias maneiras de conceber a constituição temporal interna de uma situação.”²² (COMRIE, 1976, p. 3).

O aspecto verbal é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou, por outras palavras, as *fases* que ele pode compreender. (CASTILHO, 2002, p. 83, *itálico no original*).

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação. (TRAVAGLIA, 2014, p. 43, *negrito no original*).

Com base nos autores acima, podemos depreender, de forma sucinta, que há pontos convergentes nas três definições. De modo geral, aspecto corresponde às fases temporais internas de uma dada situação. Em outras palavras, essa categoria envolve o tempo interno da situação, indicando os graus de realização, de processamento, de término, de início, de resultado de uma determinada situação.

Seguindo a discussão sobre a conceito de aspecto, convém diferenciá-lo de tempo. Primeiramente, ambos são propriedades da predicação e se preocupam com a temporalidade de maneiras diferentes. Tempo é uma categoria gramatical dêitica, que retrata o tempo de uma determinada situação seja ela simultânea (tempo presente), anterior (tempo passado) ou posterior (tempo futuro) ao evento de fala (COMRIE, 1976). Essa categoria é voltada para a temporalidade externa da situação (CASTILHO, 2002). Em contrapartida, aspecto não é dependente do tempo externo, por se tratar de uma categoria relacionada à temporalidade

²² *No original*: “different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.”

interna da situação. Como afirma Castilho (2002, p. 85), “tempo pressupõe aspecto, mas este não pressupõe aquele.”

3.1 *Tipologia aspectual*

Assim como a definição da categoria gramatical de aspecto não é uniforme e consensual na teoria linguística, a tipologia aspectual também não apresenta uma uniformidade entre os autores.

Comrie (1976) propõe uma tipologia aspectual para as diferentes línguas do mundo. Para ele, como para a maioria daqueles que estudam aspecto, há uma oposição binária entre o perfectivo e o imperfectivo. Nessa dicotomia, o perfectivo funciona como membro não marcado e é compreendido como: “[...] a visão de uma situação como um todo único, sem distinção das várias fases separadas que constituem a situação. [...] Uma caracterização frequente da perfectividade é que ela indica uma ação completada [...], não ‘completa’.” (COMRIE, 1976, p. 16-18).²³

Nessa conceitualização, o autor distingue semanticamente os termos “completada” e “completa” para o perfectivo, uma vez que esse tipo aspectual denota uma situação completa, com começo e fim; se usarmos o termo “completada”, estamos colocando ênfase no momento final da situação enunciada. A ocorrência (6) com os verbos “comer”, “tomar”, “colocar” e “meter” exemplificam o aspecto perfectivo, simbolizando a situação como um todo.

- (6) ***Comi** um pouco da canjica, **tomei** um copo do refresco, **coloquei** algum dinheiro no bolso, a carteira do jornal e de identidade, **meti** as trancas nas portas. (19:Fic:Br:Louzeiro:Devotos).*

A parte opositiva do perfectivo é o imperfectivo, forma marcada da expressão aspectual. Comrie (1976, p. 24) entende que a “imperfectividade faz referência explícita à estrutura temporal interna de uma situação, vendo a situação de dentro”²⁴. Além disso, o autor divide o imperfeito em dois tipos: i) habitual e ii) contínuo: progressivo e não progressivo.

²³ *No original*: “[...] the view of a situation as a single whole, without distinction of the various separate phases that make up that situation. [...] a very frequent characterisation of perfectivity is that it indicates a completed action [...], not ‘complete’.”

²⁴ *No original*: “imperfectivity namely explicit reference to the internal temporal structure of a situation, viewing a situation from within”.

O imperfeito habitual refere-se à extensão de uma situação em um dado período de tempo não determinado, podendo ou não haver a presença da noção de iteratividade. Em (7), temos um exemplo com esse tipo aspectual com o verbo “acreditar” e “considerar”.

- (7) *Eu não **acreditava** em fantasmas. Ou melhor, até aquele dia, não só não **acreditava**, como **considerava** qualquer história que ouvia sobre eles [...] nada mais do que simplesmente isso, histórias. (20estantevertical.com.br).*

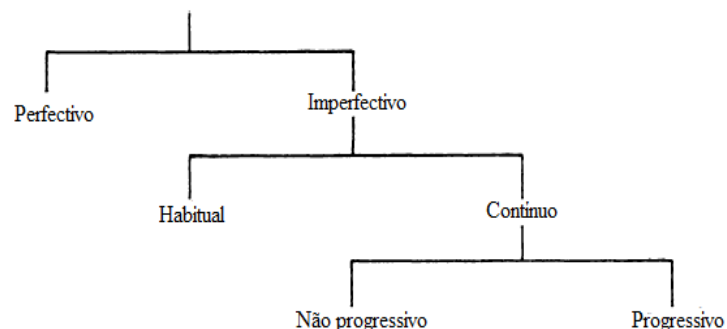
Já o imperfeito contínuo, subdividido em progressivo e não progressivo, denota as situações delimitadas no tempo e se refere a um estado de coisas mais ou menos permanente. Comrie (1976, p. 35) postula que a definição geral desse tipo aspectual se dá pela combinação do significado progressivo com o significado de um verbo não-estativo.

Em (8), reproduzimos um exemplo do português do Brasil dado pelo autor, com a perífrase de gerúndio “estar + brincar” e em (9) apresentamos um exemplo de aspecto contínuo não progressivo com o verbo “ficar”, caso em que há uma noção de continuidade, mas não de aumento crescente da ação, por se tratar de um verbo estativo. Como observa Comrie (1976), a forma não progressiva não exclui o significado de progressividade.

- (8) *Todas as tardes, quando ele chegava (imperfeito) em casa, as crianças **estavam brincando** (progressivo) na rua. (COMRIE, 1976, p. 34, grifos nosso).*
- (9) *Eles saíram e ela **ficou** em casa sozinha, com aquele aperto em o peito sobre o acontecimento de dois dias antes. (21dev.radio93.com.br).*

Em vista disso, reproduzimos o esquema de classificação das oposições aspectuais explicadas acima.

Figura 5 - Classificação das oposições aspectuais



Fonte: Comrie, 1976, p. 25.

A segunda proposta de tipologia aspectual é a de Castilho (2002). O autor sistematiza os tipos aspectuais em quantitativos e qualitativos, uma vez que “cada ocorrência verbal assume simultaneamente mais de uma face” (CASTILHO, 2002, p. 87). Portanto, excluindo os predicados estativos, ele organiza a categoria de aspecto da seguinte maneira:

Quadro 11- Tipologia aspectual proposta por Castilho (2002)

| | | |
|-------------------|---------------------------------|----------------------|
| Face qualitativa | Imperfectivo | Perfectivo |
| | Inceptivo, cursivo, terminativo | Pontual, resultativo |
| Face quantitativa | Semelfactivo, iterativo | |

Fonte: Castilho, 2002, p. 87.

Os tipos aspectuais advêm da composicionalidade semântica da acionalidade do verbo, enquanto item lexical, da interação da acionalidade com a flexão de tempo ou com o auxiliar nas formas perifrásticas e da interação do complexo construído com os advérbios aspectualizadores (CASTILHO, 2002, p. 88).

Como Comrie (1976), Castilho (2002) reconhece, na face qualitativa, a divisão entre perfectivo e imperfectivo. De acordo com o autor, o imperfectivo apresenta uma predicação dinâmica de sujeito/específico, na maior parte dos casos, e compreende uma fase inicial, uma fase em pleno curso e uma fase final do estado de coisas, sendo altamente recursivo nas estruturas de fundo (moldura do evento central) das narrativas.

O primeiro subtipo do imperfectivo, inceptivo, focaliza os momentos iniciais de uma situação, sendo encabeçado por construções perifrásticas de infinitivo e gerúndio “principiar (a); começar (a); pôr-se a; pegar a”. Em (10), apresentamos um exemplo de aspecto inceptivo com a construção “começar+a+falar”:

(10) *começa a falar mal de mim* (CASTILHO, 2002, p. 96).

O segundo subtipo, cursivo, apresenta a situação em pleno curso, sem fazer referência às fases iniciais ou finais. Para o autor, o presente de verbos atélcos²⁵ codifica, geralmente, esse

²⁵ Uma situação compreendida como tética envolve um processo que leva até um ponto final bem definido, e o processo não pode continuar; já uma situação atética não tem um ponto final definido e pode ser prolongada indefinidamente ou interrompida em qualquer ponto (COMRIE, 1976, p. 44). As propostas dos três autores, aqui descritas, consideram importante essa distinção conjugada à oposição perfectivo e imperfectivo para o estudo dos tipos aspectuais.

aspecto. Esse tipo assemelha-se ao progressivo de Comrie (1976). A ocorrência em (11) exemplifica o aspecto cursivo com a construção de gerúndio “estar+crescer”:

(11) *A cidade (...) **está crescendo** desordenadamente* (CASTILHO, 2002, p. 98).

O terceiro subtipo, terminativo, designa os momentos finais de duração de uma determinada situação. Castilho (2002, p. 101) diz que as perífrases que instanciam tal tipo aspectual são “acabar de/por; cessar de, deixar de, terminar de V_{2inf} ”. É nesse subtipo que se enquadra o significado mais geral das microconstruções com a preposição “de” em foco. Neste trabalho, no entanto, faremos, ao fim deste capítulo, uma discussão sobre aspecto final, abordando as nuances entre terminativo e cessativo, com o intuito de melhor caracterizar as microconstruções sob análise.

A ocorrência em (12) ilustra o aspecto terminativo com “terminar +de+brincar” e em (13), temos uma paráfrase da ocorrência anterior, com o microconstrução estudada neste trabalho.

(12) *Essa criança **termina de brincar**.*

(13) *Essa criança estava brincando mas **deixou de brincar**.*

(CASTILHO, 2002, p. 101).

O autor finaliza a caracterização do imperfectivo, concluindo que esse aspecto é dependente da acionalidade do verbo, por conta do fenômeno lexical da predominância dos verbos atélicos sobre os télicos.

No que se refere à noção de perfectivo, Castilho (2002, p. 102) argumenta que esse aspecto apresenta uma situação em sua completude, sem focalizar suas fases; ocorre com predicções dinâmicas com sujeito específico e ocorre na estrutura de figura (evento central) das narrativas. Esse tipo aspectual subdivide-se em dois: pontual e resultativo.

O pontual, com os tempos do presente, pretérito perfeito simples e pretérito mais-que-perfeito do indicativo unidos à acionalidade télica, indica a pontualidade da situação caso não haja advérbios e outros fatores para alterar essa noção. Em (14), apresentamos um exemplo de aspecto pontual com o verbo “encontrar”.

(14) *um momentinho porque eu **encontrei** uma definição.* (CASTILHO, 2002, p. 102).

O resultativo, segundo Castilho (2002, p. 105), ocorre nas situações estático-dinâmicas, associando uma ação a um estado. A ação deve ser tomada no passado e é pressuposta, e o estado presente decorre dessa ação. Nesse tipo aspectual, há relações com a voz passiva. Em (15) e (16), temos exemplos de aspecto resultativo.

(15) *então **ficou** muito bonito (quando a gente entrou)*

(16) *as provas **estão corrigidas**.*

(CASTILHO, 2002, p. 105).

A face quantitativa do aspecto compreende a iteratividade e a semelfactividade. Ambas apresentam uma quantificação do perfectivo e do imperfectivo. No iterativo, há a presença da noção de repetição; o sujeito das predicções quantificadas será, geralmente, não específico e pluralizado, e os verbos auxiliares que denotam esse tipo de aspecto é “costumar” e “habituar-se a”. No semelfactivo, tem-se uma duração singular, em que a situação ocorre uma única vez, isto é, sem sucessões.

As ocorrências em (17) e (18) ilustram essa distinção quantitativa com o mesmo verbo “entrevistar”; na primeira, o aspecto é semelfactivo e, na segunda, por conta da presença do adjunto adnominal “cada”, a noção de iteratividade se manifesta.

(17) *O jornalista **entrevistou** uma artista famosa.*

(18) *Cada jornalista **entrevistou** uma artista famosa.*

(CASTILHO, 2002, p. 109).

Passemos à tipologia aspectual de Travaglia (2014). O autor propõe 14 tipos aspectuais agrupados pelas noções de duração e fases. O quadro 12 ilustra a proposta do autor.

Quadro 12- Tipologia aspectual proposta por Travaglia (2014)

| | | Noções aspectuais | | Aspectos |
|--------------------------------|-------------------------------|--|--------------|-------------------------|
| I- Duração | 1. Duração | A. Contínua | a. Limitada | Durativo |
| | | | b. Ilimitada | Indeterminado |
| | | B. Descontínua | a. Limitada | Iterativo |
| | | | b. Ilimitada | Habitual |
| 2. Não duração ou Pontualidade | | | | Pontual |
| II- Fases | 1. Fases de realização | A. Por começar A'. Prestes a começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal) | | Não começado |
| | | B. Começado ou não começado | | Começado ou não acabado |
| | | C'. Acabado a pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal) C. Acabado | | Acabado |
| | 2. Fases de desenvolvimento | A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos) | | Inceptivo |
| | | B. Meio | | Cursivo |
| | | C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos) | | Terminativo |
| | 3. Fases de complemento | A. Completo | | Perfectivo |
| | | B. Incompleto | | Imperfectivo |
| | Ausência de noções aspectuais | | | |

Fonte: Travaglia, 2014, p. 84.

A proposta de Travaglia apresenta um grande refinamento acerca dos tipos aspectuais. No interior das noções de duração e fases, o autor elenca vários subtipos, apontando para a manifestação das faces qualitativa e quantitativa do aspecto.

Por meio da exemplificação dos tipos aspectuais, a partir das tipologias de Comrie (1976) e de Castilho (2002), não nos atemos à apresentação de mais exemplos dos tipos descritos por Travaglia (2014), porque eles se assemelham com os tipos explicitados anteriormente.

As aproximações percebidas entre os autores são: i) Comrie (1976) e Travaglia (2014) preferem não abordar a categoria de acionalidade em suas obras devido à confusão na literatura linguística entre essa e a categoria de aspecto; já Castilho (2002) propõe uma não distinção entre as duas categorias; ii) os três autores preveem em suas tipologias as propriedades aspectuais de quantidade e de qualidade, distinguindo, principalmente, aspecto perfectivo e imperfectivo e aspecto iterativo e pontual ou semelfactivo.

Os distanciamentos percebidos são: i) Comrie (1976) não traz a discussão da propriedade aspectual de fasalidade, focando somente nas propriedades qualitativas (perfectivo e imperfectivo) e quantitativa (habitual e progressivo); Castilho (2002) e Travaglia (2014) assumem a propriedade fasal do aspecto; ii) Comrie (1976) e Castilho (2002) não distinguem aspecto terminativo de aspecto cessativo, já Travaglia (2014) apresenta argumentos para tal distinção; iii) diferentemente de Castilho (2002), Comrie (1976) e Travaglia (2014) caracterizam aspecto prospectivo ou não começado.

Com base em Comrie (1976), Castilho (2002) e Travaglia (2014), reconhecemos que a categoria gramatical de aspecto compreende três propriedades: i) *qualitativa*, em que se considera a situação em termos de seu completamento ou não, isto é, se a situação é concebida como um todo ou se a situação permite a inferência de desenvolvimentos internos; ii) *fasal*, em que se considera as fases de realização de uma situação, em outras palavras, busca-se compreender se a situação é não-começada, se está em seus momentos iniciais, em curso ou em seus momentos finais, e, finalmente, iii) *quantitativa*, em que se evidencia a frequência da situação, isto é, se a situação se repete sucessivamente ou se ela ocorre somente uma vez.

Em vista dessa caracterização geral, o tipo aspectual relevante para nosso trabalho é o final, que manifesta os momentos finais de uma situação. Geralmente, não há uma clara distinção sobre a noção de finalização nos estudos aspectuais. Há autores, como Castilho (2002), que designam aspecto terminativo genericamente para o significado de fim; outros, como Travaglia (2014), quando descrevem as perífrases aspectuais do português, apontam distinções entre cessativo e terminativo, como segue

É bom que fique claro que o acabado da situação narrada, com os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo das perífrases “deixar ou parar ou cessar + de + infinitivo”, significa apenas que a situação não está mais em realização, já que não houve o atingimento de um ponto terminal. Portanto, logicamente, mas não gramaticalmente, o acabado que temos com as perífrases “deixar ou parar ou cessar + de + infinitivo” é diferente do acabado que temos, por exemplo, com as perífrases “acabar ou terminar + de + infinitivo”, uma vez que nas primeiras temos um ponto de cessamento, de interrupção na realização da situação narrada e não um ponto de término da mesma, como nas últimas. (TRAVAGLIA, 2014, p. 229-230).

Neste trabalho, reconhecemos que a fase final designa duas nuances, a cessativa, que não implica, necessariamente, a conclusão de um evento de uma ação, mas, sim, a suspensão temporária, e a terminativa, que implica, necessariamente, a conclusão de um evento ou de uma ação, sem possibilidade de retomada.

As ocorrências em (19) e (20) ilustram as nuances cessativa e terminativa de fase final, respectivamente.

- (19) *Segundo depoimento de Bia, o marido também **deixara de fumar** havia alguns meses, no entanto havia cinza recente no cinzeiro do carro e um maço aberto no porta-luvas. Há pessoas que, apesar de abandonarem o vício, mantêm um sempre à mão. (19:Fic:Br:Garcia:Silencio).*
- (20) *No ano passado, a farinha, com baixa produção, **parou de funcionar** e seu maquinário foi colocado à venda. (19N:Br:Cur).*

Em (19), se tomássemos a ocorrência até o sintagma adverbial, “alguns meses”, poderíamos entender que houve uma finalização. Porém, na sequência, há a oração adversativa “no entanto”, evidenciando apenas a interrupção da situação, não sua finalização, uma vez que o marido voltou a fumar. A flexão verbal, aqui, não corrobora o tipo aspectual, pois o pretérito mais que perfeito, geralmente, indica que a situação já se encontra finalizada. Além de todas essas indicações, os elementos contextuais da ocorrência como “a cinza recente no cinzeiro”, “o maço aberto”, contribuem, finalmente, para compreendermos a ocorrência como portadora da nuance de aspecto final do tipo cessativo.

A próxima ocorrência, (20), apresenta a situação como finalizada, uma vez que o sujeito da microconstrução, “a farinha”, teve seu funcionamento finalizado, não havendo possibilidade de continuar sua atividade. Aqui, a flexão verbal, “pretérito perfeito”, o sintagma adverbial “no ano passado” e os elementos contextuais “foi colocado à venda”, favorecem a noção de aspecto terminativo.

Conforme verificado, as nuances cessativa e terminativa para a marcação de aspecto final são estreitas nas microconstruções com “deixar” e “parar”. Muitas vezes, são necessários outros elementos, além de [deixar+de+V_{2inf.}] e [parar+de+V_{2inf.}], como sintagmas, orações antepostas ou pospostas, informações contextuais, para depreender, claramente, se determinada ocorrência marca uma ou outra nuance.

No entanto, há outras microconstruções no português, como [acabar+de+V_{2inf.}], que tem nuances finais mais claras. A ocorrência em (21) expressa a ideia de conclusão sem necessidade de recorrer a elementos outros, como aquelas com “deixar” e “parar”, manifestando, assim, aspecto fasal terminativo.

- (21) ***Acabei de ler** o romance que a Louise me deu no meu aniversário, com a recomendação de que não o mostrasse a ninguém: Madame Bovary. Gostei muito. (19:Fic:Br:Montello:Noite).*

É certo de que os autores que se debruçam sobre os estudos aspectuais reconhecem que há diferenças entre um fim conclusivo e um fim temporário de um evento; no entanto, essa questão não está bem resolvida na literatura, a exemplo de Travaglia (2014), quando lança a discussão sobre essa distinção, mas, no quadro 12, o autor não aloca o tipo cessativo na noção de fim, como faz com o terminativo.

Então, assumimos que há as duas nuances de aspecto final, e, certamente, os autores que se debruçam sobre os estudos aspectuais reconhecem que há as diferenças entre o fim conclusivo e o fim temporário de um evento, mas por conta do não consenso na literatura sobre essa questão, não distinguiremos tais nuances neste trabalho, classificando as microconstruções, objetos deste estudo, como marcadoras de aspecto fasal final, noção que abarca cessamento e término de evento.

4 Síntese

Com base na abordagem teórica dos MBU e nos estudos sobre auxiliaridade e aspecto, apresentamos, a seguir, os conceitos que são essenciais para nosso objeto de estudo e como eles são operacionalizados em nossa análise:

- a) Construção: pareamento de forma e de significado, para investigar como emergem os significados aspectuais das microconstruções com “deixar” e “parar”;
- b) Rede de construção: ao conceber a língua como uma rede de construções, os MBU entendem que as construções compartilham traços, pois estão ligadas via elos relacionais e de herança, para apreender se as microconstruções realmente são membros da rede auxiliar e se elas contraem relações com outras redes;
- c) Propriedades construcionais: i) *esquematicidade*: abstratização de uma construção em esquemas; ii) *produtividade*: capacidade de uma construção mais esquemática atrair construções menos esquemáticas; iii) *composicionalidade*: extensão do significado (transparência ou opacidade semântica) de uma construção, para aferir a auxiliaridade das microconstruções em foco a partir dos diferentes graus manifestados por essas propriedades.
- d) Tipos de mudança: i) *mudança construcional*: um micropasso convencionalizado, afeta ou a forma ou o significado de uma construção, não envolve a criação de um novo nó na rede, ii) *construcionalização*: envolve a criação de um novo nó, com nova forma e novo significado, pode ser conteudística ou procedural, para investigar,

diacronicamente, os micropassos que levam à construcionalização gramatical das microconstruções sob análise.

- e) Mecanismos de mudança: i) *neoanálise*: um micropasso na mudança construcional em que ou a forma ou o significado pode ser alterado; e, ii) *analogização*: mecanismo que ocorre em correspondência aos pares de forma e significado que não existiam antes, para evidenciar a atuação desses mecanismos na consolidação das microconstruções enquanto marcadoras de aspecto final no português.
- f) Auxiliar: verbo que abarca o maior número de propriedades de auxiliaridade e que compreende três categorias gramaticais: tempo (tempo dêitico); contorno temporal da sentença (aspecto) e avaliação de sua realidade (modo/modalidade), para atestar se as microconstruções são, realmente, auxiliares no português.
- g) Aspecto: categoria gramatical que envolve as fases temporais internas de uma dada situação, indicando realização, processamento, término, início ou resultado, para classificarmos as microconstruções em estudo.
- h) Aspecto final: fase final de uma situação. Abrange as nuances de cessamento, em que há uma suspensão temporária do estado de coisas expresso, e de término em que há, necessariamente, a ideia de conclusão do estado de coisas, para melhor classificarmos o tipo de aspecto manifestado pelas microconstruções com “deixar” e “parar”.

CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A investigação das microconstruções auxiliares aspectuais finais com os verbos “deixar” e “parar” compreendeu três fases. Primeiramente, discutimos no capítulo 1 as premissas dos MBU, em especial as propostas de Bybee (2016) e de Traugott e Trousdale (2013). Na sequência, apresentamos um apanhado dos estudos de auxiliaridade (LOBATO, 1975; HEINE, 1993; LONGO; CAMPOS, 2002; ILARI; BASSO, 2008) e da categoria de aspecto (COMRIE, 1976; CASTILHO, 1968, 2002; TRAVAGLIA, 2014), buscando identificar os parâmetros formais e funcionais que são mais relevantes para análise do nosso objeto de estudo.

A segunda fase contou com o levantamento de dados no *Corpus do Português* (DAVIS; FERREIRA, 2006; 2016), seguida de um terceiro e crucial momento, os procedimentos de análise e descrição dos dados coletados, divididos em: i) exposição dos valores verbais de “deixar” e “parar” e estabelecimento de elos de herança entre eles; e ii) parâmetros de forma e de significado para aferir a auxiliaridade e evidenciar a reconfiguração de rede de cujas microconstruções são membros. Passemos, então, a discorrer sobre o tratamento metodológico das duas últimas fases.

1 O *corpus* de análise

Guiados por uma pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa, utilizamos o *Corpus do Português* [gênero/histórico e web/dialetos] (DAVIS; FERREIRA, 2006; 2016), que contempla usos reais da língua como universo de investigação. Tal *corpus* subdivide-se em dois grandes *subcorpora*: o primeiro [gênero/histórico] é composto por mais de 45 milhões de palavras (mais de 57 mil textos escritos em Português do século XIII ao século XX), e o segundo [web/dialetos] é composto por 1 bilhão de palavras, reunindo dados de páginas eletrônicas de quatro países lusófonos (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). Essa segunda amostra privilegia ocorrências do Português contemporâneo (século XXI).²⁶

Esse *corpus* apresenta alguns problemas no que tange à compilação dos textos que compõem cada uma das sincronias (séculos), principalmente em termos de extensão. Notamos,

²⁶ O *corpus* está disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

por exemplo, que certas ocorrências se repetiam em uma mesma sincronia e que não era possível um controle rígido para o tratamento dos textos disponíveis. Por esse motivo, durante a fase de coleta, selecionamos as entradas [leix*]; [deix*] e [par*] em cada sincronia, do século XIII ao XXI, a fim de contemplar todas as flexões de V_1 e de possibilitar o encontro de materiais intervenientes entre V_1 e $V_{2inf.}$. Assim, coletamos as cem primeiras ocorrências de cada século, e ressaltamos que, no português arcaico, as microconstruções não eram tão frequentes, por isso, nesses séculos com baixa frequência de dados, coletamos todas as ocorrências das microconstruções aspectuais disponíveis.

A tabela 1, a seguir, resume o resultado desse procedimento. Verticalmente, a tabela apresenta o número de ocorrências dos dois V_1 em foco. Para cada verbo há duas colunas, a primeira com frequência *token*, quando se busca as entradas indicadas acima e a segunda com a frequência *type*, quando V_1 assume traços específicos que interessam à formação das microconstruções, objeto de nosso interesse, formando assim nosso corpo de análise.²⁷

Tabela 1 - Número de ocorrências com “deixar” e “parar” através dos séculos

| SÉCULOS | DEIXAR | | PARAR | |
|--|-----------------------------|--------------------------|----------------------------|--------------------------|
| | <i>Corpus do Português</i> | <i>Corpus de análise</i> | <i>Corpus do Português</i> | <i>Corpus de análise</i> |
| XIII [leix*]; [par*] | 409 | 16 | 125 | 0 |
| XIV [leix*]; [par*] | 1154 | 76 | 117 | 0 |
| XV [leix*]; [par*] | 2518 | 100 | 159 | 0 |
| XVI [leix*]; [deix*] [par*] | 1186 [leix*] 2989[deix*] | 45 [leix*] 55 [deix*] | 188 | 0 |
| XVII [deix*]; [par*] | 2772 | 100 | 212 | 0 |
| XVIII [deix*]; [par*] | 1531 | 100 | 254 | 1 |
| XIX [deix*]; [par*] | 13998 | 100 | 2315 | 7 |
| XX [deix*]; [par*] | 16103 | 100 | 3806 | 100 |
| XXI [deix*]; [par*] | 648595 | 100 | 148523 | 100 |
| TOTAL | 691255 | 792 | 155699 | 208 |

Fonte: Elaboração própria.

²⁷ Frequência *token* (de símbolo, sinal) ou frequência textual é a ocorrência de uma unidade, independentemente de seu valor semântico ou pragmático. Frequência *type* (tipo) é a frequência de um padrão particular de dicionário. (BYBEE, 2003).

É importante também mencionarmos que utilizamos os seguintes dicionários e glossários para interpretar as ocorrências do português arcaico e médio, principalmente para elaborar as adaptações das ocorrências para o português moderno: i) *Dicionário de Verbos Portugueses do século 12 e 13/14* (XAVIER, et al., 2003); ii) *Vocabulário histórico-cronológico do Português medieval* (CUNHA, 2014); iii) *Glosario da poesia medieval profana galego-portuguesa* (FERREIRO, 2014); iv) *Glossário das Cantigas de Santa Maria* (METTMANN, 1972); e, e) *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* (LOPES, et. al., 2011).

As ocorrências coletadas foram catalogadas mediante os parâmetros de análise listados abaixo e quantificadas, em termos de frequência/porcentagem, por meio do programa de processamento e de análise de dados *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), com o intuito de garantir uma análise quantitativa mais equânime.

Ao analisar as ocorrências selecionadas, notamos que a forma prototípica das microconstruções aspectuais instanciava valores de modal deôntico e de marcador de negação, além de outros tipos aspectuais, como o prospectivo. (cf. capítulo 3). Como nosso foco é analisar somente as microconstruções aspectuais finais, optamos por não incluir esses casos nesta pesquisa, e, para esse recorte, nos guiamos pelos parâmetros de correferencialidade de sujeito de sujeito e de negação para separar os casos que nos serviriam às análises das extensões contextuais, micropassos de mudança, que levam à emergência das microconstruções (capítulo 3) e às análises diacrônicas da auxiliaridade das microconstruções formadas (capítulo 4).

Dessa forma, o recorte que constitui a análise e a descrição do objeto em questão se apresenta conforme os dados dispostos na tabela 2. Os valores sublinhados não serão contemplados. Então, o recorte constitui-se de 544 ocorrências para análise.

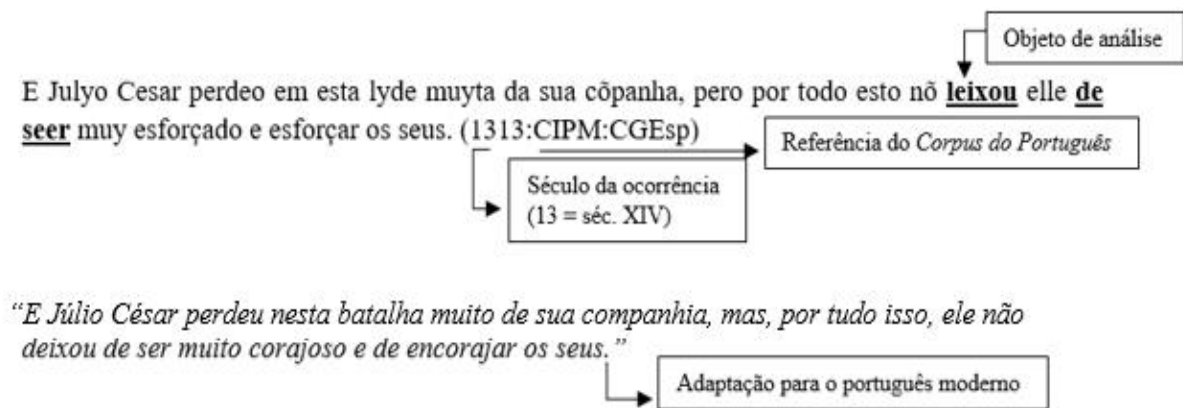
Tabela 2 - Recorte de dados para análise e descrição

| Tipo de microconstrução | V ₁ | | Total |
|------------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|
| | Deixar | Parar | |
| Aspectual final | 390 71.7% | 154 28.3% | 544 54.4% |
| <u>Polaridade positiva</u> | 199 84.3% | 37 15.7% | 236 23.6% |
| <u>Aspectual prospectiva</u> | 45 100% | - | 45 4.5% |
| <u>Modal deôntica</u> | 41 70.7% | 17 29.3% | 58 5.8% |
| <u>Marcador negativo</u> | 117 100% | - | 117 11.7% |
| Total coletado | 792 79.2% | 208 20.8% | 1000 100% |

Fonte: Elaboração própria.

Neste trabalho, o objeto de investigação em ocorrências analisadas encontra-se sublinhado e em negrito. A ocorrência vem seguida da referência de sua catalogação, com um número indicando o século, seguido da referência do *Corpus*. Abaixo da ocorrência, em dados dos séculos XIII ao XV, apresentamos uma adaptação para o português moderno, com o intuito de propiciar melhor compreensão do dado. A figura 6 exemplifica a forma de apresentação.

Figura 6 - Forma de apresentação do objeto de investigação



Fonte: Elaboração própria.

2 Parâmetros de forma e de significado

A terceira e última fase concerne à descrição e à análise dos dados coletados. Essa fase foi dividida em dois momentos. O primeiro diz respeito à identificação dos valores verbais de “deixar” e “parar”, fundamentados na literatura e no *Dicionário de Verbos do Português Medieval*, parte integrante do *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)*, (XAVIER, *et al.*, 2003), e à composição dos elos de herança compartilhados por esses verbos. O segundo momento é referente à averiguação da auxiliaridade das microconstruções em foco. Em vista disso, propomos cinco parâmetros de análise que abordam tanto aspectos de forma quanto aspectos de significado e estão baseados na revisão dos critérios clássicos de auxiliaridade de Lobato (1975), Heine (1993), Longo e Campos (2002) e Ilari e Basso (2008).

Ao analisarmos os parâmetros clássicos das construções auxiliares, juntamente, com as propriedades construcionais de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade, demonstramos como os estudos anteriores sobre mudança podem ser repensados e como eles contribuem para uma descrição e análise mais abrangentes dentro da perspectiva construcional.

2.1 Caracterização das microconstruções

Sob esse primeiro parâmetro de significado, objetivamos promover uma descrição geral das microconstruções com “deixar” e “parar” que expressam aspecto final. Nosso intuito é buscar evidências diacrônicas para a caracterização do objeto em questão na história do português.

Para isso, seguindo a periodização de Matos e Silva (1992; 2006), dividimos as nove sincronias em três períodos: i) *português arcaico*, compreendendo os séculos XIII, XIV e XV; ii) *português médio/clássico*, situado entre os séculos XVI e XVIII; e, finalmente, iii) *português moderno*, correspondendo aos séculos XIX, XX e XXI.

Como exemplo, observemos as ocorrências em (22) e em (23), com “deixar” e “parar”, respectivamente.

- (22) *Segundo depoimento de Bia, o marido também **deixara de fumar** havia alguns meses, no entanto havia cinza recente no cinzeiro do carro e um maço aberto no porta-luvas. Há pessoas que, apesar de abandonarem o vício, mantêm um sempre à mão. (19:Fic:Br:Garcia:Silencio).*
- (23) *No ano passado, a farinha, com baixa produção, **parou de funcionar** e seu maquinário foi colocado à venda. (19N:Br:Cur).*

Partindo do pressuposto de que as situações instanciadas pelas ocorrências acima já ocorriam antes, apresentando o traço de [+ durativo], classificamo-las como portadoras de aspecto final, embora haja nuances entre as noções de cessamento e término, como geralmente se discute nos trabalhos sobre aspecto (cf. Capítulo 1).

2.2 Parâmetros de forma

2.2.1 Esquematização da microconstrução: presença ou ausência de materiais intervenientes

Por meio desse parâmetro, intimamente, ligado à abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013), examinaremos a esquematização das microconstruções pela presença ou pela ausência de material interveniente entre V_1 e V_{2inf} , como por exemplo, casos de sintagma nominal, sintagma adverbial, conjunção e clítico.

Primeiramente, identificamos se há ou não elementos entre os componentes de nosso objeto, depois, avaliamos se essa variação na forma é restrita a elementos específicos e se eles contribuem para um grau maior ou menor de auxiliaridade. Ao seguir esses passos, conseguimos traçar, diacronicamente, o caminho de convencionalização das microconstruções sob análise, evidenciando seu grau de esquematicidade. Além disso, podemos atestar a hipótese de que quando construcionalizada gramaticalmente, a microconstrução encontra-se mais esquemática.

A título de exemplo, a ocorrência em (24) apresenta um sintagma adverbial, “aqui”, e um sintagma nominal, “a estória”, e a ocorrência (25) apresenta um sintagma adverbial, “apenas”, entre os V_1 , “deixar” e “parar” e a preposição “de”, respectivamente. A presença desses elementos entre os constituintes das microconstruções mostram um grau parcial de esquematicidade.

- (24) Agora leixa aqui a estória de fallar del rei dom Ordonho e diremos de Abdenaamer, rei de Cordova, como lidarom elle e el rei dom Ordonho. (13:CIPM:CGEsp).

“Agora, deixa de falar aqui da estória do rei Dom Ordonho e diremos sobre Abdenaamer, rei de Cordova, de como ele e o rei Dom Ordonho combateram”.

- (25) Emerson Leão diz que parou apenas de treinar times durante esse ano. (20agoraetarde.band.uol.com.br).

2.2.2 Forma verbal de V_1

A forma verbal permite verificar quais são as possíveis relações estabelecidas entre as categorias de tempo e aspecto, via frequência. Portanto, nosso intuito com esse parâmetro é mapear, diacronicamente, o tipo de tempo associado ao aspecto expresso pelas microconstruções, com o objetivo de identificar se há algum tipo de correlação entre noção temporal e a expressão aspectual final. A ocorrência em (26) traz um caso em que “deixar” está flexionado no pretérito mais que perfeito do indicativo.

- (26) *Olímpia por esse tempo havia sido conduzida já para a casa do Figueiredo. Não lhe disseram que o pai deixara de existir. O enterro saiu às cinco horas da tarde do dia imediato ao falecimento do comendador. Foi muito concorrido.* (18:Azevedo:Girândola).

Em (26), há um eufemismo referente à morte do pai do sujeito ao usar a microconstrução final com “deixar” com o $V_{2inf.}$, “existir”. Esse exemplo mostra que o aspecto final pode se manifestar quando V_1 está flexionado no pretérito mais que perfeito do indicativo.

2.3 Parâmetros de significado

2.3.1 Tipo de entidade representada pelo SN sujeito

O controle de traços semânticos do sujeito das microconstruções refere-se aos tipos de entidades: *indivíduo*, *estado de coisas*, *proposição* e *ato de fala*. Ao verificar as entidades designadas pelo sujeito ao longo dos séculos, almejamos comprovar a hipótese de que, durante os séculos, o estatuto semântico de sujeito se expande, passando a sancionar referentes com traços mais abstratos, o que, em tese, apontaria para um estágio mais avançado de mudança. O quadro em 13 exemplifica as entidades semânticas expressas pelos referentes.

Quadro 13 – Entidades semânticas exercidas pelo nome

| TIPO | CARACTERÍSTICAS | AVALIAÇÃO | EXEMPLOS |
|-----------------------------------|---|-------------------------|--|
| <i>1ª ordem: indivíduo</i> | Relativamente constante, localizado no tempo e no espaço, observável publicamente. | Existência | <i>homem, livro, cachorro, cadeira etc.</i> |
| <i>2ª ordem: estado de coisas</i> | Localizado no tempo, tem duração temporal, ocorre (não existe, não é constante). | Realização | <i>festa, beleza, morte etc.</i> |
| <i>3ª ordem: proposição</i> | Fora do espaço e do tempo, afirmada, negada, lembrada, esquecida. | Verdade | <i>ideia, julgamento, crença, razão etc.</i> |
| <i>4ª ordem: ato de fala</i> | Localizado no espaço e no tempo, pode fazer referência ao tipo de entidade, mas não representa, pois é o ato ilocutivo que o designa. | Condições de felicidade | <i>pergunta, recado, afirmação, pedido, ordem etc.</i> |

Fonte: Elaboração própria, baseada em Camacho *et al.*, 2014.

As ocorrências em (27) e em (28) exemplificam o parâmetro em questão.

(27) *Recebi denúncias dos populares que falaram que há uma semana o médico **parou de atender** por conta da sujeira na unidade. (20brumadonoticias.com.br).*

(28) *No momento atual, a propaganda abolicionista **deixou de ser** um choque revolucionário, para ser o acordo consciencioso dos próprios senhores de escravizados na reorganização do trabalho agrícola. (18:Patrocínio:Campanha).*

A ocorrência em (27) é de natureza mais concreta, pois apresenta como sujeito da microconstrução com “parar” a entidade de primeira ordem: indivíduo. Esta entidade é avaliada em termos de sua existência no mundo. Diferentemente do caso anterior, a ocorrência em (28)

é mais abstrata pois tem como sujeito um estado de coisas, “a propaganda abolicionista”, avaliado em termos de sua realização.

Vale dizer que esse parâmetro não está diretamente ligado à auxiliaridade das microconstruções, uma vez que a restrição de sujeito advém de $V_{2inf.}$, não de V_1 ; no entanto, à medida em que uma microconstrução aspectual se consolida na língua, ela tende a não apresentar restrições quanto ao tipo de entidade designada pelo argumento sujeito. Se a hipótese for confirmada, isso poderá indicar um processo de evolução das microconstruções no que se refere ao aumento do grau de produtividade do *slot* de sujeito, que pode não se restringir a apenas um tipo de entidade semântica.

2.3.2 Feixes semânticos de $V_{2inf.}$

Com o controle do parâmetro feixes semânticos de $V_{2inf.}$, buscamos verificar a extensibilidade, em termos de frequência *type*, do *slot* de V_2 das microconstruções sob análise. Nosso intuito é investigar qual tipo de $V_{2inf.}$ pode ocorrer nesse *slot* e se há alguma restrição quanto à seleção de verbo principal para acompanhar o V_1 , “deixar” e “parar”, de modo a mostrar que a microconstrução já devidamente consolidada na língua tenderá a apresentar um maior grau de produtividade do *slot* de $V_{2inf.}$, selecionando diferentes tipos e verbos.

Para alcançar tais propósitos, relacionamos esse parâmetro a duas propostas, a de feixe de exemplares, cuja compreensão reside no fato de que todas construções na rede linguística têm representações por feixes de exemplares pela possibilidade de preenchimento por uma gama de elementos, como palavras ou sintagmas (BYBEE, 2016), e a escala de traços semântico-pragmáticos verbais de Tavares e Freitag (2010).

A escala proposta pelas autoras visa a uma organização hierárquica de verbos a partir de quinze traços verbais que são ordenados pelo critério de atividade decrescente, isto é, de traços mais concretos para traços mais abstratos. Essa classificação nos ajuda a mostrar o aumento da extensibilidade de feixes de $V_{2inf.}$ ao longo dos séculos, almejando corroborar a hipótese de que, à medida que as microconstruções se consolidam na rede linguística, mais verbos abstratos elas tendem a sancionar, permitindo classificá-las como produtivas, parcialmente produtivas ou não produtivas. O quadro em 14 apresenta essa escala.

Quadro 14 - Escala dos traços semântico-pragmáticos verbais

| | TIPO | CONCEITO | EXEMPLOS |
|-----|---|---|--|
| 1. | <i>Momentâneo</i> | Refere-se à atividade repentina, de curta duração. | <i>saltar, chutar, bater, derrubar, golpear, quebrar (intencional).</i> |
| 2. | <i>Atividade específica</i> | Evoca uma imagem específica. | <i>escrever, jogar, beber, desenhar, nadar, andar, sorrir.</i> |
| 3. | <i>Dicendi</i> | Precede a citação ou discurso direto. | <i>dizer, falar, responder, ordenar, perguntar.</i> |
| 4. | <i>Atividade difusa</i> | Não evoca uma imagem específica. | <i>aposentar-se, trabalhar, aprender, mendigar, estudar.</i> |
| 5. | <i>Instância</i> | Posição corporal estática. | <i>deitar(-se), recostar(-se), sentar(-se), pousar (-se), reclinar(-se).</i> |
| 6. | <i>Estímulo mental</i> | O sujeito da oração é o estímulo da experiência mental de outrem. | <i>impressionar, agradar, surpreender, assustar, espantar, aborrecer.</i> |
| 7. | <i>Evento transitório intencional</i> | Indica se o sujeito permanece em certo lugar. | <i>permanecer, residir, situar, estar (em um lugar).</i> |
| 8. | <i>Evento transitório não intencional</i> | Refere-se a ações não intencionais. | <i>cair, desmaiar, adormecer, acordar, quebrar (não intencional).</i> |
| 9. | <i>Processo</i> | Mudança não intencional sofrida por um corpo (+ ou - animado). | <i>deteriorar, crescer, amadurecer, transformar, ferver, congelar.</i> |
| 10. | <i>Experimentação mental</i> | O sujeito da oração é o experienciador. | <i>adorar, odiar, desejar, pensar, lembrar, entender.</i> |
| 11. | <i>Atenuação</i> | Distanciamento ou suavização da opinião. | achar, pensar. |
| 12. | <i>Relacional</i> | Representa relações assinaladas pelos homens em seu processo de percepção da realidade: identidade, analogia, comparação, posse, causa, finalidade, consequência etc. | <i>depende de, merecer, precisar; servir como, assemelhar-se, causar, igualar, ter (posse), determinar, faltar (algo), errar, resultar de/em, relacionar-se com, custar.</i> |
| 13. | <i>Sensação corporal</i> | Sensação física. | <i>machucar-se, doer, ferir, sentir, sofrer.</i> |
| 14. | <i>Existência</i> | Denota a existência de algo. | <i>ter, haver, existir.</i> |
| 15. | <i>Estado</i> | Denota um estado de alguém ou de algo. | <i>ser, estar, parecer, ter (olhos azuis).</i> |

Fonte: Elaboração própria, adaptada de Tavares e Freitag, 2010, p. 108.

Ao classificarmos os V_{2inf} a partir dos tipos representados na escala do quadro 14, compreendemos que cada tipo de verbo pode ser considerado um tipo de feixe semântico. Então, em nossa análise, caracterizamos os tipos de feixes semânticos de V_{2inf} das microconstruções e indicamos qual é o exemplar daquele feixe, através do controle de frequência *token* e *type*.

A título de exemplo, as ocorrências em (29) e em (30) apresentam o *slot* de V_{2inf} preenchido por diferentes feixes verbais. Na primeira, há um feixe de atividade específica, de

natureza mais concreta, cujo verbo é “beber”; já a segunda ocorrência tem como V_{2inf} . um exemplar do feixe de experimentação mental, de natureza mais abstrata, o verbo “pensar”, que não evoca uma ação física, mas uma atividade mental.

- (29) Até conheço padres que receberam licença para celebrar missa com suco de uva, em vez do vinho. Deixaram de beber e hoje são felizes. (20aabr.com.br).
- (30) Parei de pensar que eu poderia ter feito escolhas diferentes, que poderia ter ido em frente com os MEUS sonhos de ir estudar em um curso público. (20001pontodevista.zip.net).

A partir do aumento da extensibilidade de feixes de V_{2inf} ., de verbos com valores semânticos mais concretos para verbos com valores semânticos mais abstratos, podemos classificar as microconstruções como produtivas, parcialmente produtivas ou não produtivas.

3 Objetivos e hipótese

Os procedimentos metodológicos descritos se formam para atingir os seguintes objetivos: i) investigar a formação e a convencionalização das microconstruções aspectuais finais com os verbos “deixar” e “parar”, instanciadas pelo esquema $[V_1+Prep+V_{2inf}]$, na história do português, e ii) mostrar como as microconstruções aspectuais finais se relacionam, em termos de herança, com outros subesquemas construcionais da língua.

Levando em consideração as questões teóricas apresentadas até aqui e os objetivos elencados acima, construímos a hipótese deste trabalho tomando a premissa difundida pelos estudos clássicos de gramaticalização. Segundo essa premissa, há um *cline* dos domínios [+concreto > +abstrato], isto é, as construções gramaticais emergem, na língua, a partir de significados mais básicos, relacionados ao domínio biossocial humano (TRAUGOTT, 1980; HEINE, 1993; KUTEVA, 2004).

Em vista disso, almejamos verificar a hipótese de que as microconstruções aspectuais finais com “deixar” e “parar” emergem na rede linguística do português a partir do esquema transitivo $[Suj+V_{TR}+Obj]$, [+concreto], havendo abstratização do *slot* de objeto que passa a sancionar um V_{2inf} ., possibilitando a emergência das microconstruções aspectuais, via construcionalização gramatical, constituindo, então, um novo nó procedural [+abstrato] no esquema auxiliar, $[V_1+Prep+V_{2inf}]$, do português que adquire mais traços de auxiliaridade à medida que elas se consolidam na rede.

4 Síntese

O quadro 15 resume os parâmetros propostos para este trabalho.

Quadro 15 - Síntese dos parâmetros de análise

| | | |
|---|-----------|---|
| I. Caracterização das microconstruções | a. | <i>Caracterização das microconstruções</i> Caracterização diacrônica das microconstruções com “deixar” e “parar”, enquanto marcadoras de aspecto final. |
| II. Parâmetros de forma | b. | <i>Esquematização das microconstruções</i> Presença ou ausência de material interveniente entre V_1 e $V_{2inf.}$. |
| | c. | <i>Forma verbal de V_1</i> Tipo de forma verbal que V_1 carrega. |
| III. Parâmetros de significado | d. | <i>Tipo de entidade representada pelo SN sujeito</i> Entidades denotadas pelo sujeito das microconstruções: <i>indivíduo, estado de coisas, proposição e ato de fala.</i> |
| | e. | <i>Feixes semânticos de $V_{2inf.}$</i> O $V_{2inf.}$ pode ser preenchido por que feixe a partir da escala de traços semântico-pragmáticos verbais de Tavares e Freitag (2010). |

Fonte: Elaboração própria.

CAPÍTULO 3 - PERCURSO HISTÓRICO DOS VALORES VERBAIS DE “DEIXAR” E “PARAR” E SEUS ELOS DE HERANÇA

Antes de começarmos a descrição e a análise de nosso objeto a partir de parâmetros, com o intuito de aferir sua auxiliaridade, neste capítulo, exploramos quais valores denotam os verbos “deixar” e “parar” na história do português, com foco nas microconstruções transitivas e auxiliares.

Nesse caminho diacrônico, levantando as diferentes funções expressas por tais construções ao longo dos séculos, conseguimos, por fim, estabelecer elos de herança entre os esquemas transitivo e auxiliar, reforçando a premissa dos MBU de que o repertório de construções de uma língua não é desestruturado, pois as construções, por herdarem similaridades de forma e de significado de esquemas mais abstratos e por se ligarem e se relacionarem, formam redes.

1 Valores verbais de “deixar”

O verbo “deixar”, em toda história do português, apresenta um caráter multifuncional, veiculando sete valores verbais. Entendemos valores verbais como as diferentes funções assumidas pelo verbo na rede linguística, sejam elas contedísticas ou procedurais. “Deixar” deriva do verbo latino *laxo, āvi, atum, āre*, cujo caráter era transitivo e apresentava as seguintes acepções: “estender”, “ampliar”, “espaçar”, “afrouxar”, “largar”, “abandonar” (GAFFIOT, 1934, p. 895). Esse fato nos permite atestar que esse verbo preservou os sentidos de “dar espaço a algo”, “se afastar”, “largar” no português e também em outras línguas neolatinas.

Assim, fundamentados pelos estudos de Prezotto Jr. (2016; 2018), em que foram analisadas e descritas ocorrências desse verbo em perspectiva diacrônica, do século XIII ao XX, e pelo *Dicionário de Verbos do Português Medieval*, parte integrante do *Corpus Informatizado do Português Medieval*, (CIPM), (XAVIER; VICENTE; CRISPIM, 2003), passamos a descrever tais valores instanciados por “deixar”.

O primeiro valor é o transitivo [SUJ + deixar + OBJ], localizado no polo do conteúdo. Tal valor é de natureza bi-valencial, uma vez que há seleção de dois argumentos, o argumento sujeito e o argumento objeto. Se voltarmos ao esquema de evento de Heine (1993), podemos aferir que esse uso é o mais concreto e básico, pois seu significado se refere a um afastamento

no espaço, em que o sujeito, dotado de animacidade, “abandona” ou “larga” o objeto, podendo este ser mais concreto com traço de [+ animado]. Esse fato pode ser exemplificado com as ocorrências do quadro 16.

Quadro 16 - Diferentes sentidos da construção transitiva com “deixar”

| SENTIDO | | OCORRÊNCIA |
|----------------------------|-----------------------------------|---|
| Abandonar, largar | | (31) <i>a maa molher que <u>leixa</u> seu esposo ou marido e se uay cõ outro he chamada adulterina. (1489 TC). “A má mulher que deixa seu esposo ou marido e se vai com outro é chamada adúltera.”</i> |
| Separar por morte | | (32) <i>Se ho marido ou ha molher nã <u>deixaren</u> filhos nẽ parentes [...], o que fica herda os beẽs do outro. (1488 S). “Se o marido ou a mulher não deixarem filhos nem parentes [...] o que fica herda os bens do outro”</i> |
| Fazer ficar | Alguém deixa algo em uma situação | (33) <i>Se o que morre <u>lexar</u> a molher p(re)nhe e nã ouu(er) outros fillos. (1280? FR PBA) “Se o que morre deixar a mulher grávida ou não tiver outros filhos.”</i> |
| | Alguém deixa algo em algum lugar | (34) <i>E, pera fazer bem, ponha tambem o volver a azcuma ao collo, <u>deixando</u> sempre o porco à mão direita (S14 LM). “E, para fazer bem, coloque também a ascuma (pequena lança) em volta do pescoço, deixando sempre o porco a mão direita.”</i> |
| Nomear, instituir, delegar | | (35) <i>Joam Duque, que moreo na batalha, que <u>deixara</u> em ela por defemisor do lugar Afonso Lopes de Texeda que estava em Torres Novas. (S15 CDJI). “João Duque, que morreu na batalha, deixara por defensor do lugar Afonso Lopes de Texeda que estava em Torres Novas”.</i> |

Fonte: Elaboração própria.

Tanto o sujeito quanto o objeto podem possuir também o traço de [- animado], como “a carroça” na posição de sujeito e “o estábulo” na posição de objeto, em (36).

- (36) *O menino tinha voltado ao estado entorpecido e flácido, com o semblante ausente e febril. Quando a carroça deixou o estábulo, ela pensou que chorava melancolias. Em realidade estava vertendo amor verdadeiro em lágrimas. A mais profunda das emoções, porque mesmo encarcerado o verdadeiro amor sempre supera a intimidade dos corpos. (19:Fic:Br:Comparato:Guerra).*

Em vista do exposto, cabe apontar que, no português arcaico, séculos XIII- XV, “deixar” se apresentava sob a forma de “leixar”, como evidenciam as ocorrências em (31) e em (33). Além disso, o valor transitivo é o mais frequente em todas as sincronias analisadas por Prezotto Jr. (2016; 2018) e, conforme exemplificado, esse valor apresenta o significado geral de descontinuidade por afastamento, que é recuperado no contexto mais amplo da ocorrência, não pela microconstrução em si. Esse sentido, dotado de concretude, estabelece relações de herança com as microconstruções de aspecto final e com o outro verbo em análise, “parar”, conforme

veremos na última seção desse capítulo. Assim, essa microconstrução transitiva nos ajuda a verificar a hipótese de que a emergência das microconstruções auxiliares aspectuais e de sua construcionalização gramatical se deu a partir do esquema transitivo mais concreto [X deixa Y] (HEINE, 1993).

Ainda no tocante à esfera do conteúdo, o segundo valor encabeçado por “deixar” refere-se às construções idiomáticas e substantivas. Essas microconstruções são produtos da construcionalização lexical²⁸ e apresentam um grau elevado de cristalização semântica, pois seu significado é específico e não há possibilidades de inversão e de inserção de elementos na construção.

Prezotto Jr (2016; 2018) afirma que a frequência das construções substantivas, comparada aos outros valores é baixa. As ocorrências em (37) e (38) exemplificam esse valor.

(37) - " Pra quê " - " Vou me matar " - " **Deixe de fita** " - - " Juro por Deus que quero morrer " (19:Fic:Br:Verissimo:Tempo).

(38) *Nós vamos ter que sentar e **deixar a poeira baixar**. Que outra luta faz sentido senão a revanche? Agora essa é a última coisa em nossas mentes.* (20:Br:flavioanselmo.com.br).

A microconstrução em (37) não tem possibilidade de preenchimento de nenhum *slot*, por isso é classificada como substantiva (fechada). Assim, por serem idiomáticas, essas construções são usadas pelos usuários com o sentido de “parar de enrolar” e “parar de fazer graça”. Também com um sentido específico, a microconstrução em (38), “deixar a poeira baixar”, é usada com o significado de “esperar as coisas se acalmarem ou se normalizarem”.

Depois de descrevermos os dois valores de “deixar” alocados no polo do conteúdo, passamos à esfera intermediária da rede, ou seja, em que estão construções híbridas entre o léxico e a gramática. Nesse intermédio, estão alocados dois tipos de microconstruções que, para nós, apresentam diferenças: microconstruções de verbo suporte e microconstruções verbo-nominais, [SUJ + deixar + SN/Sprep].

As microconstruções de verbo-suporte são descritas por Prezotto Jr. (2016; 2018) como intermediárias, uma vez que compartilham ligações entre os dois polos. Primeiramente, as microconstruções preservam sua estrutura argumental, possuindo relações de herança com o valor verbal transitivo [conteúdo] e, ademais, elas constituem um *chunk* [V + SN/Sprep], como uma estrutura perifrástica [processo]. As ocorrências de (39) a (41) exemplificam esse caso.

²⁸ A construcionalização lexical envolve a criação de um novo nó pareado de forma e de significado no polo do conteúdo, apresentando a redução nos graus de esquematicidade e produtividade e um aumento no grau de composicionalidade. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

- (39) *Ele deixou claro que as questões mais prementes são a reforma fiscal e a ordem econômica. (19N:Br:Folha).*
- (40) *Estudos realizados com a população feminina soropositiva ou com AIDS, não podem deixar de lado as questões relativas à condição feminina, (19Ac:Br:Lac:Thes).*
- (41) *As pessoas que passam por o nosso caminho deixam marcas. Algumas deixam marcas inesquecíveis e agradáveis de se lembrar. (20ad-mensagensdeamor.blogspot.com).*

A principal diferença entre as microconstruções verbo-nominais e as microconstruções de verbo suporte é que, conforme se verifica em (39), (40) e (41), as microconstruções e verbo-suporte podem ser substituídas por verbos plenos com sentido semelhantes, como “esclarecer”, “excluir/largar”, e “marcar”, respectivamente.

As microconstruções verbo-nominais, por sua vez, assemelham-se na forma e na natureza híbrida das construções descritas anteriormente, mas divergem delas por não apresentarem um verbo pleno correspondente. As ocorrências em (42) e em (43) ilustram esses casos. As microconstruções aqui dispostas são semiabertas, porque apenas o *slot* de SN₁ pode ser preenchido por itens lexicais variados; portanto, temos em (42) [deixar + SN₁-vestígio] e em (43) [deixar + SN₁-uma imagem].

- (42) *O livro fica, o jornal passa e raramente deixa vestígio. (18:Br:Coelho:Conquista).*
- (43) *Quem já foi prefeito e deixou uma imagem, independente do partido, tem mais chance. (19Or:Br:Intrv:Cid).*

Souza e Prezotto Jr. (2017), com base em Vieira (2014), classificam essas microconstruções como semilexicalizadas, devido ao fato de apresentarem um sentido específico [conteúdo] e de constituírem, ainda, um *chunk* de ordem procedural na rede do português. Então, podemos evidenciar que o sentido dos dois valores intermediários são um tipo de abstratização do sentido original de afastamento de “deixar”.

Caminhando para o polo procedural, as microconstruções com “deixar” instanciam quatro valores: polar, modal, aspectual e de marcador discursivo. Apresentando a mesma forma das microconstruções auxiliares de aspecto final, objeto desta pesquisa, [deixar+de+V_{2inf.}], a microconstrução polaridade designa dois tipos: i) polaridade negativa, sem operador de negação: a polaridade negativa é valor *default* da microconstrução, e ii) polaridade positiva, com operador de negação: a negação do valor *default* (negativo) gera uma microconstrução

com polaridade positiva, em que negar a microconstrução polar negativa equivale a afirmar. As ocorrências em (44) e (45) se referem ao primeiro tipo.

- (44) *E dizee aos Turcos que lhes lembre da bondade que lhes eu fiz em outro tempo [...]. E **leixei de os destruir** e recebi-os por companheiros [...] (14: Mateus: Jcesar). “E disse aos turcos que lembrem-se da bondade que lhes fiz em outro momento [...]. E deixei de os destruir e os recebi por companheiros [...].”*
- (45) *Em 1996, **deixei de disputar** a reeleição ou a Prefeitura do Paulista para continuar no Detran. Hoje, estou liberado desta tarefa e, se o governador não precisar de mim no governo, começo a preparar a campanha. (19Or: Br: Intrv: Com).*

Tanto em (44) quanto em (45) o verbo “deixar” denota polaridade negativa, ou seja, o que se verifica é apenas a negação de “destruir” e “disputar”. As ocorrências acima podem ser parafraseadas em “não os destruí” e “não disputei a reeleição”, respectivamente. Esse tipo de construção ocorre em razão da própria semântica negativa de “deixar” (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 468).

O segundo tipo de microconstrução polar com “deixar”, serve à expressão positiva, em que a microconstrução apresenta um operador de negação escapando todos seus componentes.

As ocorrências em (46) e (47) são exemplos desse valor.

- (46) *E daly se defendiom os christãos mui rigamente e pouquos deles vemçiom muitos porque ho lugar era forte pera se defenderem, mas por todo iso não **leixaram de os combater** triguosamente por ganhar o monte. (14: Cron1419). “E dali os cristãos de defendiam muito rigorosamente e poucos deles venciam, porque o lugar era forte para se defenderem, mas, mesmo com tudo isso, os mouros não deixaram de os combater rapidamente para ganhar o monte”.*
- (47) *Foram conduzidos os presos à cidade de Lima, e posto que tratados com grandeza e afabilidade, não **deixaram de experimentar** os infortúnios e apertos da sujeição, que toleraram com sofrimento e disfarce, agradecendo o mesmo de que puderam queixarse. (17: Pita: America).*

Tanto em (46) quanto em (47), a microconstrução de “deixar” com o operador de negação inverte sua polaridade, passando a ser positiva, parafraseando a ocorrência temos, portanto, “os mouros combateram os cristãos” e “os presos experimentaram os infortúnios”, respectivamente. Além disso, vale ressaltar que esse tipo está presente no português desde o século XIII e permanece até a sincronia atual e, como mencionado no capítulo metodológico, que não analisaremos essa construção por não indicar aspecto, embora a forma seja a mesma.

O segundo valor procedural é o modal que se subdivide em dois tipos: modal deôntico, orientado para o participante [SUJ+deixar+SUJ/OBJ+V_{2inf.}], e modal epistêmico, orientado para o evento [deixar+a+V_{2inf.}]. Segundo Prezotto Jr. (2016; 2018), as microconstruções modais permissivas estão presentes na língua portuguesa desde o período arcaico. Na ocorrência (48), do século XIII, verifica-se a marcação de modalidade deôntica, orientada para o participante, implicando um participante que tem a permissão (ou não) para executar um evento designado pelo predicado (HENGEVELD, 2004).

- (48) *rrogou-lhe que o leixasse passar cõ sua vaca. e o outro disse. Mas leixa-me tu passar cõ meu trigo. (13CIPM:VidaSantos).
 “Rogou-lhe que o deixasse passar com sua vaca e o outro disse: mas me deixe passar com meu trigo”.*

Ainda sobre esse tipo de modalidade, convém destacar uma das passagens de Neves (2011, p. 160): “a modalidade deôntica está condicionada por traços lexicais específicos ligados ao falante ([+controle]) e, de outro lado, implica que o ouvinte aceite o valor de verdade do enunciado para executá-lo”. É isto que ocorre nas ocorrências com “deixar” neste valor.

- (49) *apresentavam-lhe muitas vezes ao dia diferentes qualidades de alimentos sem que Ihos deixassem tocar (17:FXOlveira:Cartas).*
- (50) *Falou assim, a troncos, uns bons cinco minutos; eu deixei a ir, olhando só, vivendo daquela vida que jorrava dela (18:Machado:Velha).*

As ocorrências listadas em (49) e em (50) apresentam a característica de modalidade de permissão, que é de afastar barreiras do falante, de permitir ou não a realização de um estado de coisas ao interlocutor. Aqui, há o traço de [+controle], uma vez que a ação do interlocutor depende de permissão.

O segundo tipo de valor modal é o de modalidade epistêmica, orientada para o evento. Segundo Hengeveld (2004), tal modalidade expressa um evento possível ou não de ocorrer com base no que o enunciador sabe sobre o mundo. “Deixar”, expressando esse valor, explicita as possibilidades que permitem a ocorrência do evento descrito na sentença. As ocorrências (51) e (52) exemplificam esse uso.

- (51) *Ele não quis dizer se haverá consórcios inabilitados, mas deixou a entender que isso poderá acontecer (19N:Br:SCat).*

- (52) *Ao fazer declarações tão incisivas depois de dias de bom humor, o prefeito **deixa a entender** que tem um trunfo político precioso (20 blogs.diariodepernambuco.com.br).*

Em (51), observa-se que o fato de haver “consórcios inabilitados”, em um dado empreendimento imobiliário pode ser algo possível; em (52), nota-se que o prefeito, por meio das circunstâncias conhecidas e das condições de suas declarações, nos leva a interpretar que ele tem um trunfo político.

É importante dizer que essa microconstrução modal epistêmica orientada para o evento aparece nas sincronias mais recentes, a partir do século XX (PREZOTTO JR., 2016; 2018). Por fim, outro aspecto relevante a ser dito é que tais valores modais, deôntico, orientado para o participante, e epistêmico, orientado para o evento, apresentam uma natureza intersubjetiva (TRAUGOTT; DASHER, 2005), divergindo dos valores aspectuais.

O terceiro valor a ser descrito é o aspectual. Esse valor divide-se em dois tipos de aspecto: prospectivo e final. O primeiro tipo é o prospectivo, cuja característica é de projeção da situação expressa pelo V_{2inf} para o futuro. Esse tipo aspectual não é tão frequente como os seguintes, mas está presente desde o período arcaico do português. As ocorrências em (53) e (54) explicitam esse tipo de aspecto.

- (53) *E feitas todas as necessarias para mais em breve fazerem sua jornada, levantaram as velas, e no caminho acharam a maior parte dos navios que buscavam a Clarinda, de maneira que chegaram a cidade de Constantinopla mais de quarenta velas com tanto prazer e alegria, quanto o imperador e a imperatriz sentiram. E por ser cousa para fazer grande volume, se **deixa por dizer** as honras que o imperador fez a Clarimundo, e tambem porque em tais tempos são são certas em quem as mereces, que não diz nada quem as conta. (15:Barros:Clarimundo).*
- (54) *Toda a gente sabe que os homens são brutos Que **deixam** camas **por fazer** E coisas por dizer Muito pouco astutos, muito pouco astutos. (20videoclipshd.com).*

Em (53), o narrador decide omitir as honras que o imperador fez a Clamimundo no curso de seu texto para evitar dizer informações demais sobre suas personagens. Em (54), os homens não arrumam as camas e não falam coisas. Assim, podemos inferir que os usuários da língua projetam tais V_{2inf} para um momento posterior (um futuro), com a possibilidade de ocorrer ou não; nas ocorrências apresentadas, parece que os V_{2inf} não se realizarão.

Como já mostrado no capítulo 2, o tipo prospectivo não será considerado para análise da auxiliabilidade, uma vez que nossa atenção recai sobre o segundo tipo aspectual, o final. Assim, por constituir o objeto desta pesquisa, esse uso será mais bem descrito e analisado no

capítulo seguinte. Esse tipo já é encontrado no século XIII e permanece na rede até as sincronias atuais.

Em (55), listamos apenas uma ocorrência em que “deixar” encabeça o aspecto final de uma situação.

- (55) *Fazer um piercing em a língua tornou- se muito comum em os últimos anos, a prática começou em meados de a década de 1990 e com o tempo realmente deixou de ser um tabu. (20a8se.com).*

O último valor procedural de “deixar” é o de marcador discursivo [xo’ + V_{2inf.}]; esse valor não foi encontrado na coleta de Prezotto Jr. (2016; 2018). Robuste (2018) analisa e descreve esse valor de “deixar” ao analisar o subesquema [V₁ + ver], explanando que essa construção é utilizada pelo usuário como uma estratégia de manutenção e de negociação de turno. Esse valor é explicitado nas ocorrências a seguir.

- (56) *Doc.: que mais que cê sabe jogá(r)?
Inf.: eu sei jogá::(r)... deixa eu vê(r)... éh::... ((a informante pensa um pouco)) sei jogá::(r)
Doc.: cê num LEMbra?
Inf.: não [AC-002-RP; L. 101] (ROBUSTE, 2018, p. 116).*
- (57) *tem uma esco::la... um posto de gasoli::na... um cam::po... hum:: deixa eu vê(r)... de frente da casa da minha vó... tem... um:: salão destruí::do [Doc.: uhum ((concordando))]
éh:: de(i)xa eu vê(r)... tem lá tem Coha::b tem... tem um monte de coisa legal [AC-007-DE; L. 67] (ROBUSTE, 2018, p. 120).*

De acordo com a autora, o uso de [deixar + ver] como marcador discursivo, exemplificado em (56) e em (57), é muito recorrente em situações de interação em que o usuário deseja se recordar de uma informação e planeja ganhar tempo para manter o turno conversacional para si. Ademais, há redução de massa fônica para duas ou três sílabas, rebaixando a tessitura da construção (ROBUSTE, 2018, p. 116-127).

Depois de apresentar os oito valores verbais assumidos por “deixar” em perspectiva histórica, concebemos um quadro síntese sobre as funções assumidas por esse verbo no português, apontando os polos e os séculos em que essas construções ocorrem. As linhas em que se encontram as reticências [...] significam que há outras construções do valor descrito.

Quadro 17-Valores verbais instanciados por “deixar” no português

| | | | |
|---------------|-----------------------------------|--|---|
| Conteudístico | Construção transitiva | <u>Transitivo</u> [SUJ+deixar+OBJ] (XIII- XXI) | <i>Há dez anos que morreu; não deixou parentes. E o pai de Magdá, vendo que o filho parecia sucumbido (18:Azevedo:Homem)</i> |
| | Construções substantivas | <i>Deixar de fita</i> [deixar + de fita] (XX- XXI) | <i>A Grazia passou agorinha mesmo. - Des-gra-ça-da! – Deixa de fita. Você joga amanhã contra o Esmeralda? - Não sei ainda. (19:Fic:Br:Castilho:Brás)</i> |
| | | <i>Deixar a poeira baixar</i> [deixar + a poeira + baixar] (XX- XXI) | <i>Mesmo que tenha acontecido apenas uma briga, é também indicado deixar a poeira baixar antes de falar com ele novamente. (20conquistarumhomem.com.br)</i> |
| | | | [...] |
| Intermediário | Construções intermediárias | <u>Verbo suporte</u> [SUJ+deixar+ SN/SPrep] (XX- XXI) | <i>O STF já deixou claro que vai votar por um novo julgamento de o mensalão. (20 apomba.blogspot.com)</i> |
| | | | <i>o medo a gente deixa de lado pra no futuro poder dizer se valeu a pena ou não. (20 afolhadajuventude.blogspot.com)</i> |
| | | | <i>Foi um filme que deixou marcas profundas, um momento muito forte do Cinema Novo. (19Or:Br:Intrv:ISP)</i> |
| | | <u>Verbo-nominais</u> [SUJ+deixar+ SN/SPrep] (XX- XXI) | <i>O primeiro encontro entre o professor e os alunos é fundamental para deixar uma imagem positiva. (20 aconversacompais.blogspot.com)</i> |
| | | <i>Sua esposa desaparece sem deixar vestígio algum. Isso o leva a uma busca intensa pela mulher. (20top10mais.org).</i> | [...] |
| Procedural | Construções polares | <u>Polaridade negativa</u> [deixar+ de + V _{2inf.}] (XIII-XXI) | <i>Outro erro muito comum é deixar de fazer suas coisas para o namorado e esperar que ele faça o mesmo. (2007blog.net).</i> |
| | | <u>Polaridade positiva</u> [não+deixar+de+V _{2inf.}] (XIII-XXI) | <i>Segundo ela, mesmo com o atraso do cronograma financeiro, a secretaria não deixou de realizar programas e de executar as ações necessárias para atacar a epidemia. (19N:Br:SP).</i> |
| | Construções modais | <u>Modal deontico orientado para o participante</u> (XIII- XXI) [SUJ+deixar+SUJ/OBJ +V _{2inf.}] | <i>Abriu a porta e me deixou entrar. Então eu a vi, pela última vez vi Dulce Veiga (19:Fic:Br:Abreu:Onde)</i> |
| | | <u>Modal epistêmico orientado para o evento</u> [deixar +a+V _{2inf.}] (XX- XXI) | <i>A música também deixa a entender que o sábado funciona como recompensa após passar a semana cheia de compromissos, muitas vezes atrelada a uma rotina maçante. (20tribunademinas.com.br).</i> |
| Aspectuais | Construções aspectuais | <u>Aspectual prospectivo</u> [deixar+por+V _{2inf.}] (XVI – XXI) | <i>Esta última é menos plausível porque deixa por responder demasiadas questões cruciais. (20ateus.net).</i> |
| | | <u>Aspectual final</u> [deixar+de+V _{2inf.}] (XIII – XXI) | <i>Estado - Caetano não quis retomar direitos sobre músicas dele? Araújo - Não, Caetano é uma pessoa honesta. Chorei quando deixei de fazer seus shows, mas continuamos amigos. (19Or:Br:Intrv:ISP).</i> |
| | Construção de marcador discursivo | <u>Marcador discursivo</u> [xo' + V _{2inf.}] (XXI) | <i>Por hora pega isso aqui, põe com esse laço, mmm xo ver. ah sim veste essa meia calça e esse óculos. (20paroutudo.com)</i> |

Fonte: Elaboração própria

2 Valores verbais de “parar”

Diferentemente de “deixar”, o verbo “parar” não possui um caráter sintático-semântico tão diversificado. Na rede linguística do português, esse verbo apresenta três valores que se situam nos polos contedúístico e procedural. “Parar” deriva do verbo transitivo latino *pāro, āvi, ātum, āre*, cujo significado era “preparar-se para fazer algo”, “preparar-se para terminar/acabar algo”, “organizar as coisas” (GAFFIOT, 1934, p. 1117).

Tais significados se transportam para o português arcaico com o valor de predicador pleno, mas se esvai semanticamente, quando “parar” preserva um único sentido, o de “deter-se”, de “terminar”, de “abandonar”, assemelhando-se ao “deixar”.

Com base no *Dicionário de Verbos do Português Medieval* (XAVIER; VICENTE; CRISPIM, 2003), passamos a descrever “parar” com o valor transitivo, situado no polo contedúístico. Nos séculos primeiros do português, o verbo em foco abrange diversos sentidos, como mostrado no quadro abaixo, podendo ser de natureza transitiva ou intransitiva, [SUJ+parar +OBJ] / [SUJ +parar].

As ocorrências de (61) a (67), dispostas no quadro 18, evidenciam a seleção de dois argumentos, o argumento sujeito animado [SUJ] e o argumento objeto [OBJ]. Já a ocorrência em (68) aponta para a seleção de um único argumento, o de sujeito animado.

Quadro 18-Diferentes sentidos das construções transitiva e intransitiva com “parar”

| SENTIDO | OCORRÊNCIA |
|---------------------------------|--|
| <i>Combinar, resolver</i> | (58) <i>q(ue) llos diam p(er)llo q(ue) eu aio en Morgade ou p(er) u fforē mellor parados [...]. (1281 HGP055 GOr). “Que os deem pelo que eu tenho em Morgade ou porque foram melhor resolvidos [...]”</i> |
| <i>Arranjar, preparar</i> | (59) <i>Se alguu ome fez(er) en sa h(er)dade ou doutrī couas ou parar laços p(er)a p(re)nder porcos monteses ou outras bestas b(ra)uas [...] (1280? FR PBA). “Se algum homem fazer em sua propriedade [...] ou preparar laços para prender porcos monteses ou outros animais bravos [...].”</i> |
| <i>Separar alguém de alguém</i> | (60) <i>Esto mādamos se o senhur morrer e o uassallo se quis(er) parar dos fillos d(e) seu senhor. (1280? FR PBA). “Isto mandamos, se o senhor morrer e o vassalo quiser separar os filhos de seu senhor”.</i> |
| <i>Apresentar</i> | (61) <i>Se alguu omē ouu(er) querella doutrē, parelli synal do alcaide [...]. (1280? FR PBA). “Se algum homem tiver alguma queixa de outra pessoa, apresente-a ao alcaide (governador da província) [...].”</i> |
| <i>Aplicar, submeter</i> | (62) <i>[...] se corregese segundo custume da terra E que o comendador parase a dereito perante a Justiça e que esto ouuese de veer [...] os danadores e nom enbargase de correger o que achassem que deuija de sseer corregido. (1336 CDA).</i> |

| | | |
|---------------------|----------------------------------|---|
| | | <i>“[...] se corrigisse segundo o costume da terra e o comendador applicasse o direito perante a justiça [...] os agitadores haveriam de ver e não os impediria de corrigir o que achassem que deveria ser corrigido.”</i> |
| <i>frequentar</i> | | (63) <i>E en logar hu nõ ha mays dũa jg(re)ia podem faz(er) duas entendendo q(ue) am mester por muyto onrrado o poboo <u>parando</u> os ffreegueses en ellas. (1350? PP). “No lugar onde não há mais de uma igreja, podem fazer duas, entendendo que há um ofício muito honrado, o povo frequentando [sendo fregueses] (d)elas [igrejas].”</i> |
| <i>Parar, deter</i> | <i>Alguém para algo</i> | (64) <i>e, quando o cavallo assi he [...], pode-o <u>parar</u> ou desviar en tal guisa que escusará o cajom [...]. (SM14). “E quando o cavalo é assim [...], pode detê-lo ou desviá-lo de tal maneira que evitará o desastre[...]”.</i> |
| | <i>Alguém para ante um lugar</i> | (65) <i>E foram asy corendo aalem do Rio antre huũas moutas de palmas onde estauam outros E aly <u>pararom</u>. (SM14). “E foram assim correndo além do Rio entre umas moitas de palmas onde estavam os outros e ali pararam”.</i> |

Fonte: Elaboração própria.

Durante a passagem do português arcaico, do século XIII ao XV, para o português médio, séculos XVI- XVIII, a maioria dos sentidos elencados acima desaparece, permanecendo somente o sentido de “deter-se ou deter algo”, promovendo a ideia de interrupção.

A ocorrência (69) instancia uma construção intransitiva, em que o argumento sujeito animado [SUJ] interrompe o progresso da situação, interrompendo o que estava até então acontecendo.

- (66)** *A conversa ia se esticar, eu nenhuma trégua, vamos direto. - Deveria estar longe, mas parei aqui, escolhi aqui.. Comecei e parei, respirei e observei o trânsito. Sorrindo. Não vou direto ao assunto. (19:Fic:Br:Paiva:Brasil).*

Divergindo do caso acima, “parar” também encabeça uma construção transitiva bivalente, em que um sujeito animado [SUJ] detém/intrompe o objeto [OBJ].

- (67)** *Compadeceu-se o piíssimo prelado. Parou a mula e perguntou ao rapaz porque se não recolhia da chuva e do frio, achando-se tão mal enroupado. (17:Guilherme:Conselheiro).*
- (68)** *Ele parou o show e disse algo assim: " Todo mundo balançando o corpo aqui em baixo e as senhoras balançando as jóias falsas lá em cima ". (19Or:Br:Intrv:ISP).*

Os substantivos expressos no *slot* de objeto nas ocorrências de valor transitivo têm diferentes funções semânticas. Em (70), o usuário da língua detém um substantivo mais concreto, “a mula”, que existe no mundo, e, em (71), o usuário interrompe um evento, “o show”,

um estado de coisas com duração temporal e realizado em algum momento, sendo, portanto mais abstrato que o primeiro. Assim, pontuamos que o estatuto semântico desse objeto é importante para a formação da microconstrução aspectual, conforme se evidencia na próxima seção.

Ainda no polo do conteúdo, o verbo em análise encabeça uma microconstrução substantiva no português arcaico, “parar mentes”, [SUJ+parar mentes], com o sentido de “atentar-se a algo”, sendo muito frequente nas sincronias pretéritas. A ocorrência em (72), do século XV, exhibe tal uso em que o marido se atenta ao modo como sua esposa lhe dava bebida.

- (69) *E, porque o marido era ensinado sobre as artes das molheres, parou mentes como sua molher lhe daua muyto a beuer. E hûu dia beueo mais. (14:Malr:Orto).*
“Visto que o marido era ensinado sobre as artes das mulheres, atentou-se em como sua mulher lhe dava muito de beber. E um dia, bebeu mais”.

Finalmente, no polo procedural, encontram-se as microconstruções aspectuais, a cursiva e a final. O primeiro tipo é o cursivo, quando há um marcador de negação escapando os constituintes da microconstrução.

- (70) *Tenho filhas lindas e netos que eu amo, amo, amo. Valeu a pena o esforço para permanecer viva e ativa nunca parei de trabalhar e após a apósentadoria tenho trabalhado muito, faço artesanato, cuido de dois blogs embora este esteja um pouco largadinho, cuido de a minha família com muito amor. (20adordesermulher.blogspot.com).*
- (71) *O mundo é cem por cento sexo, o resto é camuflagem, o Jorge me disse uma vez, bêbado; perguntei que resto, e ele não parou mais de rir pelo resto da noite. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebedos).*

Como ocorre com “deixar”, com o marcador de negação escapando a microconstrução, há a ideia de cursividade da situação expressa pelo V₂. Então, os eventos codificados por V_{2inf.} das ocorrências em (70) e em (71), “trabalhar” e “rir”, respectivamente, não são finalizados, mas continuam a ocorrer. Esse uso é encontrado na sincronia do século XIX e permanece até a sincronia atual, século XXI.

O segundo tipo aspectual é o final, objeto de estudo deste trabalho que não é discutido de forma detalhada aqui, porque esse uso será abordado de forma completa no capítulo 4. Por ora, adiantamos que esse tipo emerge na história do Português no século XVIII e continua ocorrendo até a sincronia presente. Em (72), trazemos uma ocorrência do século XX, em que “parar” instancia aspecto de fase final.

- (72) Segundo o padre, ele **parou de falar** assim que a polícia chegou, para vigiá-lo. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados).

Em vista do exposto, podemos observar que “parar” apresenta menos valores na rede do português quando o comparamos com “deixar”. Muitos de seus sentidos desaparecem, permanecendo somente o sentido de interrupção, de deter-se ou deter algo. Em suma, como forma de sintetizar os valores do verbo “parar”, apresentamos, a seguir, um quadro-síntese de seus valores de “parar”, elencados nesta seção.

Quadro 19 - Valores verbais instanciados por “parar” no português.

| | | | |
|---------------|--------------------------|---|---|
| Conteudístico | Construção intransitiva | [SUJ+ parar] ²⁹ | <i>Não corri precisamente; a meio caminho parei, advertindo que devia ser muito tarde, e podiam ler-me no semblante alguma cousa. (18:Machado:Casmurro)</i> |
| | Construção transitiva | [SUJ+ parar + OBJ] | <i>O motorista do outro carro tentava abrir a porta do pai das crianças para tirar ele de lá de dentro, que continuava caído em cima do volante. Parei o carro com o pisc-alerta ligado e fui andando até o acidente. (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)</i> |
| | Construções substantivas | <i>Parar mentes</i> [SUJ + parar mentes] (XIII-XVI) | <i>Aquele que parar mentes em esta lei evangelica e permanecer em ela vivendo segundo ela, [...] este seera bem aventurado em seu feito. (15:Cepeda:Auto)</i> <i>“Aquele que atentar-se à esta lei evangélica e permanecer nela, vivendo segundo ela, [...] este será bem aventurado em seu feito”.</i> |
| Procedural | Construções aspectuais | <u>Aspectual cursiva</u> [não+parar + de + V _{2inf.}] (XIX-XXI) | <i>– Ela não parou de chorar - disse Lauro referindo-se a Bia que soluçava ao lado do caixão. (19:Fic:Br:Amaral:Amigos)</i> |
| | | <u>Aspectual final</u> [parar + de + V _{2inf.}] (XVIII – XXI) | <i>Já tenho meu modelo GT-C3222 há algum tempo e há uns dois dias ele parou de fazer o registro de chamadas, nenhuma nova chamada é salva. (20answers.br.samsung.com)</i> |

Fonte: Elaboração própria.

3 Elos de herança

Compreendendo os elos de herança como um processo *on-line*, usado para apontar as especificações de construções dominadas, as microconstruções e subesquemas, a partir de construções dominantes, os esquemas, passemos agora a tratar das relações entre as microconstruções transitivas e auxiliares instanciadas por “deixar” e “parar”.

²⁹ Parar” instancia, desde o século XIII, construções predicativas, no entanto, com outros sentidos. Optamos, aqui, por dispor apenas o uso da sincronia atual do Português.

Para explicitar tais relações, são necessários três passos: i) apontar os elos entre o esquema transitivo e as microconstruções com os verbos “deixar” e “parar”, membros desse esquema, a fim de traçar um possível caminho de emergência das microconstruções auxiliares aspectuais com os mesmos verbos; ii) apontar os elos entre o esquema auxiliar e as microconstruções aspectuais estudadas, situando-as na rede de auxiliaridade para, então, iii) mostrar a intersecção das duas redes e discorrer sobre os princípios psicológicos atuantes na organização das redes descritas.

As microconstruções transitivas, instanciadas por “deixar” e “parar”, são membros do esquema transitivo do português cuja forma é [SUJ + V_{TR} + OBJ] e o significado central é [Agente *causa alteração ao* Paciente]. Entre o dominante, esquema transitivo, e as dominadas, microconstruções, há um ponto de mediação, o subesquema transitivo que compartilha da forma geral, mas difere, minimamente, do sentido: [Agente *causa relação descontínua ao* Paciente].

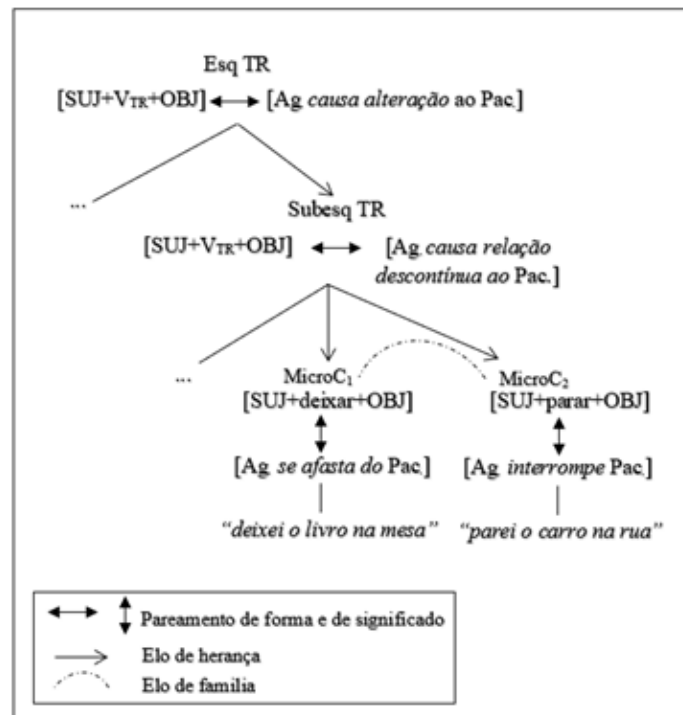
Desse subesquema derivam as microconstruções com “deixar” e “parar” que exibem duas extensões semânticas a partir do compartilhamento do significado transitivo central do subesquema: descontinuidade das relações estabelecidas entre os verbos transitivos e seus argumentos. Tal descontinuidade pode ser por *afastamento*, como “deixar”, ou por *interrupção*, como “parar”.

As extensões *afastamento* e *interrupção* são responsáveis por abranger as microconstruções transitivas, respectivamente, sob a forma: [SUJ+ deixar + OBJ], com o sentido de [Agente *se afasta de* Paciente] e [SUJ + parar + OBJ], com o sentido de [Agente *interrompe* Paciente]. Essas extensões mostram que elas passam a compartilhar um traço a mais que as aproximam, além da relação de familiaridade já estabelecida pelo compartilhamento do esquema transitivo.

Unindo a proposta de elos de herança de Traugott e Trousdale (2013), que se baseiam em Goldberg (1995; 2006), à proposta de auxiliaridade de Heine (1993), afirmamos que as microconstruções transitivas com “deixar” e “parar” expressam a descontinuação de uma situação concreta, ou seja, um distanciamento ou interrupção entre o [SUJ], representada pela categoria *indivíduo* (LYONS, 1977) e o [OBJ] instanciado pela categoria *objeto* ou *espaço*. Tais microconstruções, seguindo Heine (1993), são membros do esquema de evento [X verbo Y]: [X deixa Y] e [X para Y].

Em conformidade com o argumento de Goldberg (1995) de que a rede de herança nos permite compreender as generalizações através das construções, indicamos os elos entre “deixar” e “parar” na rede transitiva do português.

Figura 7 - Rede das microconstruções transitivas com “deixar” e “parar”



Fonte: Elaboração própria.

Formando uma hierarquia, a rede em que as microconstruções transitivas com os verbos “deixar” e “parar” se situam parte, verticalmente, de um esquema transitivo abstrato, “Esq TR”, formado pelo pareamento [SUJ + V_{TR} + OBJ] ↔ [Agente *causa alteração ao Paciente*]. A partir de um elo de herança, representado pela linha com seta, esse esquema abre-se em outros subesquemas, na rede da figura 7, em um subesquema que denota uma relação descontínua entre os participantes do evento representados pelos constituintes argumentais, [SUJ + V_{TR} + OBJ] ↔ [Agente *causa relação descontínua ao Paciente*].

Advindas do subesquema citado, herdando forma e significado, as microconstruções com “deixar” e “parar” revelam duas extensões semânticas: *afastamento* e *interrupção*, representados pelos arcos tracejados que também revelam a familiaridade entre as microconstruções e, mais abaixo, há os *tokens*, exemplares de uso, com “deixar”, “*deixei o livro na mesa*”, e com “parar”, “*parei o carro na rua*”. É importante ressaltar que os pontilhados [...] representam outros esquemas, subesquemas e microconstruções possíveis na rede do português.

A fim de comprovar os argumentos dispostos acima, passemos a evidenciar essas relações através dos séculos. É importante mencionarmos que as microconstruções transitivas com os verbos em foco convivem, desde o século XIII, com a microconstrução auxiliar de

“deixar” e, posteriormente, no século XVIII, com a microconstrução de “parar”. No entanto, elas não estavam totalmente consolidadas, conforme é explanado no capítulo seguinte. Então, traçamos um possível caminho de emergência das microconstruções auxiliares aspectuais³⁰ a partir da análise dos tipos de entidades expressos na posição de sujeito e de objeto das transitivas com “deixar” e “parar”.

Na microconstrução transitiva com “deixar”, os tipos de sujeito sancionados se expandem ao longo dos séculos, considerando a hierarquia de entidades semânticas *indivíduo* > *estado de coisas* > *proposição* > *ato de fala* (LYONS, 1977). No português arcaico, séculos XIII-XV, há apenas sintagmas nominais mais concretos, codificando *indivíduo*. No português médio, séculos XVI-XVIII, essa microconstrução passa a sancionar sintagmas nominais codificando *estado de coisas*. Finalmente, no português moderno, séculos XIX-XXI, há possibilidade de ocorrer sintagmas nominais mais abstratos, codificando *proposição* e de *ato de fala*. As ocorrências de (73) a (76) mostram a abstratização dos tipos de sujeito.

(73) *E leixou elrei dom Henrique rrecado na villa de Bragança e foi-sse pera Castella.* (14:Lopes:Fernando).

“E o rei Dom Henrique deixou um recado na vila de Bragança e foi-se para Castella”.

(74) *ainda que eu abri estas feridas com minhas culpas, rogue-lhe Vossa Mercê não me feche as portas que seu amor deixou abertas.* (16:Chagas:Cartas).

(75) *O julgamento deixou indícios de que os eleitores já estavam suficientemente esclarecidos.* (20blog-sem-juizo.blogspot.com).

(76) *Dê- me, então, aquele velho cajado, aquele que se encontra perdido e jogado dentro do palácio. Ele me permitirá caminhar com mais facilidade ”». O pedido deixou o Faraó sem palavras.* (20morasha.com.br).

A ocorrência em (73) apresenta, no *slot* de sujeito, um SN na função de *indivíduo*, “El rei Dom Henrique”, dotado dos traços de [+ agentividade], representando o tipo mais concreto encontrado na microconstrução transitiva com “deixar”. A ocorrência em (74), por sua vez, expressa um sujeito mais abstrato, “seu amor”, denotando um *estado de coisas*; por fim, as ocorrências em (75) e em (76) têm sujeitos avaliados em termos de verdade e de condições de

³⁰ Salientamos que não é nosso objetivo mostrar o exato trajeto de verbo pleno a verbo auxiliar, como geralmente é feito nos trabalhos em perspectiva da gramaticalização, uma vez que não dispomos de dados suficientes e assertivos para essa tarefa. Por isso, propomos um possível caminho para que possamos melhor estabelecer as relações entre as microconstruções com “deixar” e “parar” que são objeto de investigação deste estudo.

felicidade, respectivamente, sendo, assim, mais abstratos que os primeiros. (75) apresenta no *slot* em foco uma *proposição*, “o julgamento”, e (76), um *ato de fala*, “o pedido”.

Diferentemente dos tipos de sujeito que respeitam a hierarquia de entidades e se expandem através das sincronias, os tipos de entidade representada pelo objeto já se encontram abstratizados. No português arcaico e médio, a microconstrução transitiva admite *indivíduo* e *ato de fala*, (77) e (73), e, provavelmente, deve admitir tipos intermediários como *estado de coisas* e *proposição*. Ademais, essa microconstrução sanciona objetos com diferentes estruturas formais: sintagma nominal, nominalização e verbo nominalizado.³¹ No português moderno, ela admite somente sintagma nominal e nominalização. Uma resposta apropriada para o tipo de objeto não seguir a hierarquia da crescente abstratização de entidades seria existência da microconstrução auxiliar com “deixar” desde os primeiros séculos do português.

A partir desse fato, podemos chegar a uma resposta possível de como a microconstrução auxiliar aspectual emergiu, pois, à medida que as funções semânticas se abstratizam, expressando *estados de coisas* e formas próximas àquela exigida por um V_{2inf.}, mais indícios temos do surgimento de nosso objeto de análise. As ocorrências de (77) a (80) explicitam os diferentes tipos de objeto.

(77) *E logo aa terça seguimte como el Rei comeo a cabo d'huûa ora. **leixou sua molher.** que nom ualeo rrogo nem lagrimas da rrainha dona Maria sua madre. (14:Lopes:Pedro).*

“Depois, na terça seguinte, como o rei comeu em uma hora, deixou sua mulher, não valendo nem o pedido nem as lágrimas da rainha dona Maria, sua mãe”.

(78) *Aquesta cousa deteve aqueles que combatiam per terra o paaço, [...] Quando **leixarom o combate** pera acorrer ao fogo da cidade, era ja acerca de vespera. E veio a noite. (14:Mateus:Jcesar).*

“Essa coisa deteve aqueles que combatiam por terra o palácio, [...]. Quando deixaram o combate para socorrer a cidade do fogo, já era próximo da véspera. E veio a noite.”

(79) *Por consequência, Rogers tornou- se conselheira espiritual sobre cientologia de diversas celebridades de Hollywood, inclusive o ex-marido, Tom Cruise. No entanto, ela **deixou a crença** afirmando que a igreja é opressora e corrupta. (20portaldecinema.com.br).*

(80) *Agora te **deixo a pergunta** que não quer calar: Você tem fome de quê? Você tem sede de quê? Você já sabe qual deve ser o anseio de a sua alma. (20alinemunhozpt.blogspot.com7).*

³¹ Sob o rótulo de verbo nominalizado, referimo-nos ao processo de formação de palavras denominado *derivação imprópria* ou *conversão*: “processo de transposição de uma palavra de uma classe gramatical para outra. [...] Podemos ter conversões de adjetivo para substantivo (*o impossível acontece*) e vice-versa (*um vestido rosa*); podemos também ter conversões de verbo para substantivo (*o poder e o dever*) e de adjetivo para advérbio (*ele falou alto*) (BASÍLIO, 2002, p. 60-61).

As ocorrências acima têm a estrutura formal de um SN no *slot* de objeto, expressando diferentes tipos de entidade. Em (77), do português arcaico, o objeto, “sua mulher”, expressa a entidade *indivíduo*, sendo mais concreto por ser algo existente no mundo real; em (78), também do período arcaico, o objeto de verbal se refere a um *estado de coisas*, “o combate”, denotando um evento que não é mais realizado; em (79) o objeto designa uma *proposição*, mais abstrato, em que o usuário larga o construto mental de acreditar em uma crença, finalmente, em (80), a entidade do objeto, “ a pergunta” é de *ato de fala*, mais abstrato que os demais até então apresentados.

Seguindo a descrição dos tipos de entidade representada pelo objeto da microconstrução transitiva com “deixar”, apresentamos ocorrências que permitem estabelecer o surgimento da microconstrução auxiliar aspectual. Em (81), diferentemente das ocorrências acima de um SN prototípico no *slot* de objeto, há a estrutura de nominalização, “a partida”, que se aproxima das características verbais e denota a entidade *estado de coisas*.

- (81) *vendo que muitos estavam determinados a acompanhar-me, fingí **deixar a partida** para o dia seguinte* e antes de ver a Aurora, cheguei a um porto de mar, donde saía uma embarcação para Atenas, em a qual no mesmo dia embarcamos com grande alegria. 17:Orta:Diofanos.*

Além da nominalização explicitada em (81), há casos, desde o português arcaico, que o *slot* de objeto é sancionado por um verbo nominalizado, sob a forma [determinante + V_{inf.}]. Vejamos a ocorrência em (82).

- | | |
|--|--|
| <p>(82) <i>Joam Vaásquez, moiro por saber de vós por que leixastes o trobar, ou se foi el vos primeiro leixar, ca vedes o que ouço a todos dizer: ca o trobar acordou' s em atal: que 'stava vosco en pecado mortal e leixa-vos foi por se non perder.</i> (12Cantigas2).</p> | <p><i>“João Vasques, morro por saber de vós porque deixastes o trovar, ou terá sido o trovar que te deixou primeiro? Porque, vede, o que ouço todos dizer: o trovar concluiu que estava em pecado mortal convosco, e vos deixou para não se perder”.</i></p> |
|--|--|

Em (82), estrofe de uma cantiga de escárnio e mal dizer do século XIII, o *estado de coisas* expresso por [o + trovar] mostra a zombaria do eu-lírico para com outro poeta, questionando do porquê João Vasques havia se afastado, ou ainda, deixado o fazer poético.

É evidente que, nesse contexto, “deixar” ainda é membro do esquema transitivo. Há um afastamento, mas não de algo concreto, expresso pela entidade *indivíduo*, mas um *estado de*

coisas, de ordem mais abstrata, sob uma forma típica de um V_{2inf} . que compõe a estrutura auxiliar. Portanto, o afastamento da ação de trovar, de fazer poesia, pode ser parafraseado pela fase final dessa ação, de um estado de coisas que acontecia antes, mas que atingiu seu ponto final.

A nosso ver, esse é o ponto de passagem da rede transitiva para rede auxiliar, em que o *slot* de objeto, tipicamente expresso por um SN, é neoanalisado e passa ocorrer com um V_{2inf} ., posposto a “deixar”. Então, argumentamos que esse uso é o gatilho que possibilitou a neoanálise do *slot* de objeto e, conseqüentemente, a construcionalização gramatical da microconstrução auxiliar aspectual com “deixar”. A ocorrência em (83), do século XVII, apresenta mais um exemplo desse contexto, em que o usuário solicita o fim da ação de zombaria, por meio de um verbo nominalizado.

(83) *Bem sei que estás zombando -tornou ele. E falando com o hóspede, disse: -- Este meu m.os*o gasta bom humor e por isso nao o estranhe vossa mercê. [...] Ora acaba já, - disse ele – deixa o zombar para outro dia [...]. (16:Ribelo-Florinda).*

“Bem, sei que estás zombando- tornou ele. E, falando com o hóspede, disse: - Este meu moço tem bom humor e, por isso, o senhor não o estranhe. [...] Agora, acabe já - disse ele- deixa o zombar para outro dia [...].”

É importante pontuar que, no português moderno, não encontramos verbos na forma nominal no *slot* de objeto das microconstruções transitivas, o que nos permite argumentar que, convivendo concomitantemente as microconstruções transitiva e auxiliar século a século, a última se consolida na rede auxiliar e o usuário tem, por conseguinte, possibilidade de expressar a fase final de uma situação não mais ativando o nó transitivo, sob a forma [SUJ + deixar + o + V_{inf} .], mas ativando a microconstrução auxiliar [deixar + de + V_{2inf} .], membro da rede auxiliar do português.

Além disso, o que também corrobora essa alegação de passagem de um verbo nominalizado para um V_{2inf} . são contextos em que não há mais o determinante junto ao verbo nominalizado para situarmos a ocorrência na rede transitiva, nem há a presença de um componente da microconstrução, a preposição “de”, para situarmos-na na rede auxiliar. Esse contexto é ilustrado em (84).

(84) *Entom leixaram eles fazer as combatos que dantes faziam a Cesar, que a hoste crecia cada dia e corriam arredor dos muros d'Alexandria, a todas partes, e guardavam as saidas da terra e da agua em tal guisa que nêhuû nom podia sair. (14:Mateus:Jcesar).*

“Então, eles deixaram de fazer os combates que antes faziam a César, porque exército crescia a cada dia. Corriam ao redor dos muros de Alexandria, em todas as partes, e protegiam as saídas da terra e da água de tal modo que ninguém podia sair”.

Divergindo das ocorrências em (82) e (83) com um verbo nominalizado no *slot* de objeto, acompanhando “deixar”, a ocorrência em (84) representa um contexto mais próximo para a emergência e formação da microconstrução auxiliar. Esse contexto é interpretado, claramente, como a finalização de uma situação em curso, promovendo a marcação de aspecto final. Ademais, mesmo com a ausência da preposição “de”, o verbo “fazer” relaciona-se com “deixar”, ocupando a posição típica de V_{2inf} . e construindo toda estrutura argumental da ocorrência.

Com intuito de sintetizar a discussão proposta, dispomos, no quadro 20, os tipos de entidades representadas pelos SN sujeito e de objeto. O quadro está organizado em função da abstratização do objeto, uma vez que nosso interesse recai sobre esse *slot* para evidenciar o surgimento de um V_{2inf} . Então, a hierarquia de abstratização se refere à forma *SN > nominalização > verbo nominalizado* e às entidades *indivíduo > estado de coisas > proposição > ato de fala*.

Quadro 20 - Abstratização do sujeito e do objeto da microconstrução transitiva com “deixar”

| | [SUJEITO | DEIXAR | OBJETO] |
|-------------------|--|------------------|---|
| Português arcaico | SN [INDIVÍDUO] <i>El rey</i> | <i>leixou</i> | SN [INDIVÍDUO] <i>recado</i> |
| | <i>Eles</i> | <i>leixarom</i> | SN [ESCO] <i>o combate</i> |
| | <i>Vós</i> | <i>leixastes</i> | VERBO NOMINALIZADO [ESCO] <i>o trovar</i> |
| Português médio | SN [INDIVÍDUO] <i>A língua latina</i> | <i>leixou</i> | SN [INDIVÍDUO] <i>este sinal</i> |
| | <i>Eu</i> | <i>deixar</i> | NOMINALIZAÇÃO [ESCO] <i>a partida</i> |
| | <i>Tu</i> | <i>deixa</i> | VERBO NOMINALIZADO [ESCO] <i>o zombar</i> |
| | SN [ESCO] <i>O amor</i> | <i>deixou</i> | SN [INDIVÍDUO] <i>as portas abertas</i> |
| Português moderno | SN [INDIVÍDUO] <i>O hospital</i> | <i>deixou</i> | NOMINALIZAÇÃO [ESCO] <i>a investigação</i> |
| | <i>Ela</i> | <i>deixou</i> | SN [PROPOSIÇÃO] <i>a crença</i> |
| | <i>Eu</i> | <i>deixo</i> | SN [ATO DE FALA] <i>a pergunta</i> |
| | SN [ESCO] <i>A morte</i> | <i>deixa</i> | SN [ESCO] <i>uma saudade</i> |
| | SN [PROPOSIÇÃO] <i>O julgamento</i> | <i>deixou</i> | SN [INDIVÍDUO] <i>indícios</i> |
| | SN [ATO DE FALA] <i>O pedido</i> | <i>deixou</i> | <i>o faraó sem palavras</i> |

Fonte: Elaboração própria.

Na microconstrução transitiva com “parar”, os tipos entidades representadas pelo sujeito também se expandem ao longo dos séculos e, embora “parar” apresente vários sentidos no período arcaico, como mostra o quadro 18, tomamos aqui somente o sentido de interrupção que está diretamente relacionado à microconstrução auxiliar com esse verbo.

No português arcaico, o *slot* de sujeito tem a função semântica apenas de *indivíduo*, expandindo para *estado de coisas*, no português médio, e para as demais funções, *proposição* e *ato de fala* no português moderno. As ocorrências de (85) a (88) ilustram essa abstratização.

- (85) *O conde avya muy gram voontade de se juntar cõ os mouros. E, estando assi, hûu cavaleiro dos seus deu das sporas ao cavallo pera sayr açima dhûu outeiro. E, quando quis parar o cavallo, abryusse a terra e colheu dentro en sy assi elle como o cavallo. (13:CIPM:CGEsp).*

“O conde tinha muita vontade de juntar com os mouros. Um de seus cavaleiros deu esporas no cavalo para ir ao alto de um Outeiro (monte/colina). E, quando quis parar o cavalo, a terra se abriu e apanhou para dentro de si ele e o cavalo.”

- (86) *O maior cuidado que me deu o estilicídio foi vir misturado com sangue, mas como parou a febre parei eu também com os medicamentos, e quero antes passar com os achaques que intentar livrar-me deles com mais risco. (16:Vieira:Cartas).*
- (87) *Aerial Regional-scale Environmental Surveyor, conhecido por a sigla Ares, será uma aeronave dobrável, de o tamanho de um avião de pequeno porte. Levada até Marte por um foguete, ela faria explorações mais precisas de o terreno. Em 2007, chegou a se cogitar a hipótese de ela ser enviada, mas a ideia parou por aí. (20pbrasil.wordpress.com).*
- (88) *Como Nestor não respondesse, o velho achou que ignorá-lo seria o seu dever. Nem lhe voltou as costas. - Boa tarde - repetiu Gumercindo. A conversa parou e houve um silêncio como de repulsa. Gumercindo suportou-o procurando objetos imaginários nos bolsos, Ra-malho debruçou-se no balcão, assoviando. (19:Fic:Br:Lins:Fiel).*

As ocorrências elencadas acima mostram diferentes funções semânticas exercidas pelo sujeito da microconstrução transitiva com “parar”. Em (85), do século XIV, o sujeito elíptico, “ele”, denota um *indivíduo*, entidade mais concreta, que tenta deter seu cavalo, mas não consegue; em (86), do século XVII, o sujeito “a febre” refere-se a um *estado de coisas*, um evento que tem duração temporal; em (87), do século XXI, o *slot* em foco expressa uma *proposição*, “a ideia”, indicando a interrupção desse construto mental; finalmente, em (88), do século XX, há o sujeito mais abstrato da hierarquia, “a conversa”, denotando um *ato de fala* que é cessado.

Diferentemente de “deixar”, os tipos de entidade representada pelo objeto da microconstrução transitiva de “parar” seguem a hierarquia das entidades semânticas, abstratizando-se ao longo dos séculos. No português arcaico, o *slot* de objeto pode ser sancionado apenas por SNs que expressam *indivíduo*; no período médio, os tipos se expandem para SNs e nominalizações que denotam *estado de coisas* e esse feito se repete no português moderno. É importante mencionar que não encontramos ocorrências de verbos nominalizados nesse *slot*. As ocorrências de (89) a (92) explicitam esses usos.

- (89) *Compadeceu-se o pitíssimo prelado. Parou a mula e perguntou ao rapaz porque se não recolhia da chuva e do frio, achando-se tao mal enroupado. (17:Guilherme:Conselheiro).*
- (90) *Ele parou o show e disse algo assim: " Todo mundo balançando o corpo aqui em baixo e as senhoras balançando as jóias falsas lá em cima". (19Or:Br:Intrv:ISP).*

- (91) *Lenita **parou o movimento** brando da cadeira de balanço, largou o Correio da Europa que estava lendo, deixou cair os braços sobre as coxas, recostou a cabeça no espaldar, quedou-se imóvel, muito pálida, quase desfalecida. (18:Ribeiro:Carne).*
- (92) *Puxe a picape de BH para a Brasília, e o cardã fazia o Dodge vibrar inteiro, quando passava de 140 km/h, e depois **parava a vibração** a medida que eu aumentava a velocidade. (20autoentusiastas.blogspot.com).*

As ocorrências acima exibem SNs que denotam as entidades de *indivíduo*, “a mula”, e de *estado de coisas*, “o show”, respectivamente. Em (89), de caráter mais concreto, o usuário da língua detém o animal para realizar um outro evento e, em (90), o usuário relata a interrupção de um *estado de coisas*. A nosso ver, a função semântica dessa ocorrência é essencial para que, no lugar do evento codificado por um SN, um evento codificado por um V_{2inf} emerja.

Mais abstratas que nos contextos anteriores, as ocorrências em (91) e (92) exibem, no *slot* de objeto, nominalizações, denotando *estados de coisa*. Em (91), “Lenita”, sujeito com traço [+ agentividade], interrompe a realização do “movimento” do balanço e, em (92), o sujeito, “o cardã”, dotado de [- agentividade] interrompia a vibração quando a velocidade crescia.

Por conseguinte, embora não encontremos verbos nominalizados como argumento da microconstrução transitiva com “parar”, que pode ter sido o gatilho para a neanálise de V_{2inf} no lugar do objeto, conforme ocorre com “deixar”, explicando um possível trajeto de sua construcionalização gramatical, o *slot* de objeto da transitiva com “parar” aproxima-se das características semânticas verbais por permitir SNs e nominalizações que expressam *estados de coisa*, fazendo com que, por meio da atuação da analogização, a microconstrução aspectual final emerja, herdando traços do esquema e portando relações de familiaridade com a microconstrução aspectual de “deixar”.

No quadro 21, apresentamos uma síntese dos tipos de sujeito e de objeto sancionados pela microconstrução transitiva de “parar”. Como realizado com “deixar”, esse quadro se encontra organizado em função da abstratização do objeto.

Quadro 21 - Abstratização do sujeito e do objeto da microconstrução transitiva com “parar”

| | [SUJEITO | PARAR | OBJETO] |
|--------------------------|---------------------------------------|----------------|--|
| <i>Português arcaico</i> | SN [INDIVÍDUO] <i>Ele</i> | <i>parou</i> | SN [INDIVÍDUO] <i>o cavalo</i> |
| <i>Português médio</i> | SN [INDIVÍDUO] <i>Ele</i> | <i>parou</i> | SN [INDIVÍDUO] <i>a mula</i> |
| | <i>O bonde</i> | <i>parou</i> | ∅ |
| | <i>Lenita</i> | <i>parou</i> | NOMINALIZAÇÃO [ESCO] <i>o movimento</i> |
| | SN [ESCO] <i>A febre</i> | <i>parou</i> | ∅ |
| <i>Português moderno</i> | SN [INDIVÍDUO] <i>Eles</i> | <i>pararam</i> | SN [INDIVÍDUO] <i>o barco</i> |
| | <i>Ele</i> | <i>parou</i> | SN [ESCO] <i>o show</i> |
| | <i>Dodge (carro)</i> | <i>parava</i> | NOMINALIZAÇÃO [ESCO] <i>a vibração</i> |
| | SN [ESCO] <i>A música</i> | <i>parou</i> | ∅ |
| | SN [PROPOSIÇÃO] <i>A ideia</i> | <i>parou</i> | ∅ |
| | SN [ATO DE FALA] <i>A conversa</i> | <i>parou</i> | ∅ |
| | | | ∅ |

Fonte: Elaboração própria.

A partir das evidências diacrônicas apresentadas, corroboramos a hipótese de que o surgimento das microconstruções auxiliares com “deixar” e “parar” se dá a partir de usos mais concretos. Em outras palavras, elas emergiram de um esquema transitivo em que o *slot* de objeto é neoanalisado e passa sancionar um V_{2inf.}, responsável pela estrutura argumental, formando, junto com “deixar” e “parar” mais a preposição “de”, um *chunk* procedural de aspecto final.

Demonstrado o ponto de passagem entre o esquema transitivo para o esquema auxiliar, apresentamos, então, as relações de herança das microconstruções aspectuais finais na rede auxiliar para que assim possamos sumarizar a intersecção das duas redes e os princípios psicológicos que nelas atuam.

Tratando da rede auxiliar, as microconstruções com “deixar” e “parar” são membros do esquema de auxiliabilidade do português [V₁+Prep+V_{2inf.}] pareado ao significado central de [ASPECTO]. As microconstruções herdam tanto a forma quanto o significado de tal esquema.

Entre o esquema auxiliar e as microconstruções com “deixar” e “parar”, há subesquemas auxiliares que herdam a mesma forma, [V₁+Prep+V_{2inf.}], mas que denotam outros tipos de aspecto. Aqui, focaremos o subesquema com sentido de [ASPECTO FINAL]. A noção semântica de fim é um termo genérico que engloba tanto o término quanto o cessamento do evento expresso pelo V_{2inf.}.

Nesse subesquema, há uma extensão semântica a partir da acepção central do esquema [ASPECTO]. Essa extensão codifica a fasalidade aspectual, nesse caso, referente à fase final de uma situação [+ durativa] que ocorria antes: [ASPECTO FINAL]. Como consequência dessa extensão, as microconstruções com “deixar” e “parar” apresentam uma relação de familiaridade, sendo irmãs na rede.

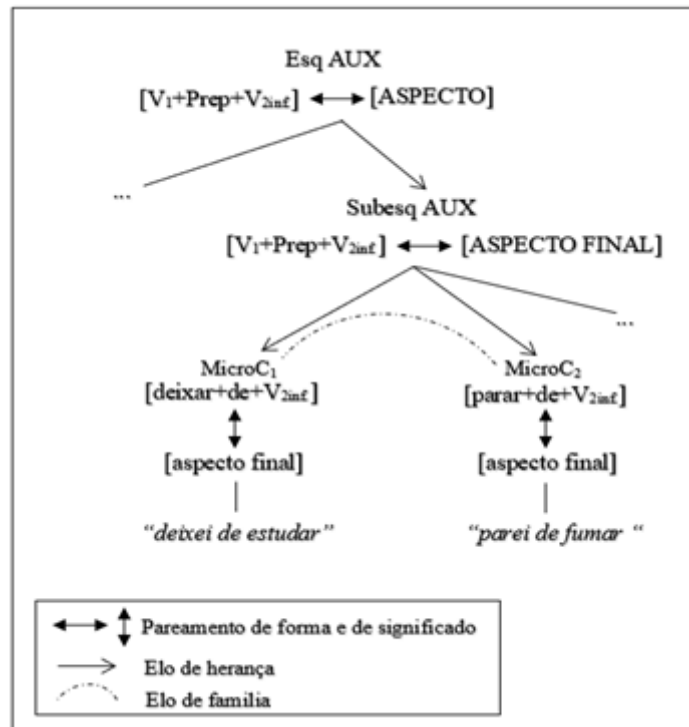
Assim, a partir do compartilhamento da forma e do sentido do subesquema em foco, via elos de herança, as microconstruções com “deixar” e “parar” são ativadas pelos usuários do português para a expressão das fases finais de uma situação, como evidenciam as ocorrências em (93) e (94).

- (93) *Sentia-se ela tomada de acessos súbitos de fraqueza moral, exatamente como nos primeiros tempos de sua vinda para a fazenda. **Deixara de caçar, deixara de ler;** extinguiu-se-lhe a sede de ciência. Sentava-se a toda a hora na rede ou em uma cadeira de balanço e imergia em cisma. (18:Ribeiro:Carne).*
- (94) *Breuer **parou de trabalhar** com hipnose, porque nem todos os pacientes prestavam-se a ser hipnotizados e, portanto, mudou sua técnica para a concentração que se dava através da conversação normal. (19Ac:Br:Enc).*

As ocorrências (93) e (94) marcam a noção de aspecto final em que as *atividades*, nos termos de Heine (1993), expressas pelo [V_{2inf.}], “caçar”, “ler” e “trahar”, respectivamente, são interrompidas, ou ainda, concluídas pelos referentes do *slot* de [SUJ].

Ilustramos, na figura 8, os elos entre as microconstruções aspectuais com “deixar” e “parar” na rede auxiliar do português.

Figura 8 - Rede das microconstruções auxiliares com “deixar” e “parar”



Fonte: Elaboração própria.

Hierarquicamente, a rede em que as microconstruções auxiliares com os verbos sob análise se aloca parte, verticalmente, de um esquema auxiliar abstrato, “Esq AUX”, formado pelo pareamento [V₁ + prep + V_{2inf}.] ↔ [ASPECTO]. A partir de elos de herança, representados pelas linhas com seta, esse esquema abre-se em outros subesquemas, aqui, em um subesquema que denota a fase final de uma situação, expressa pelo V_{2inf}. A forma desse subesquema é a mesma, mas o sentido é especificado: [ASPECTO FINAL].

Herdando forma e significado do subesquema citado, as microconstruções com “deixar” e “parar” instanciam o tipo aspectual final que envolve tanto a nuance de cessamento quanto a de término da situação denotada em V_{2inf}, e isso está representado por [aspecto final].

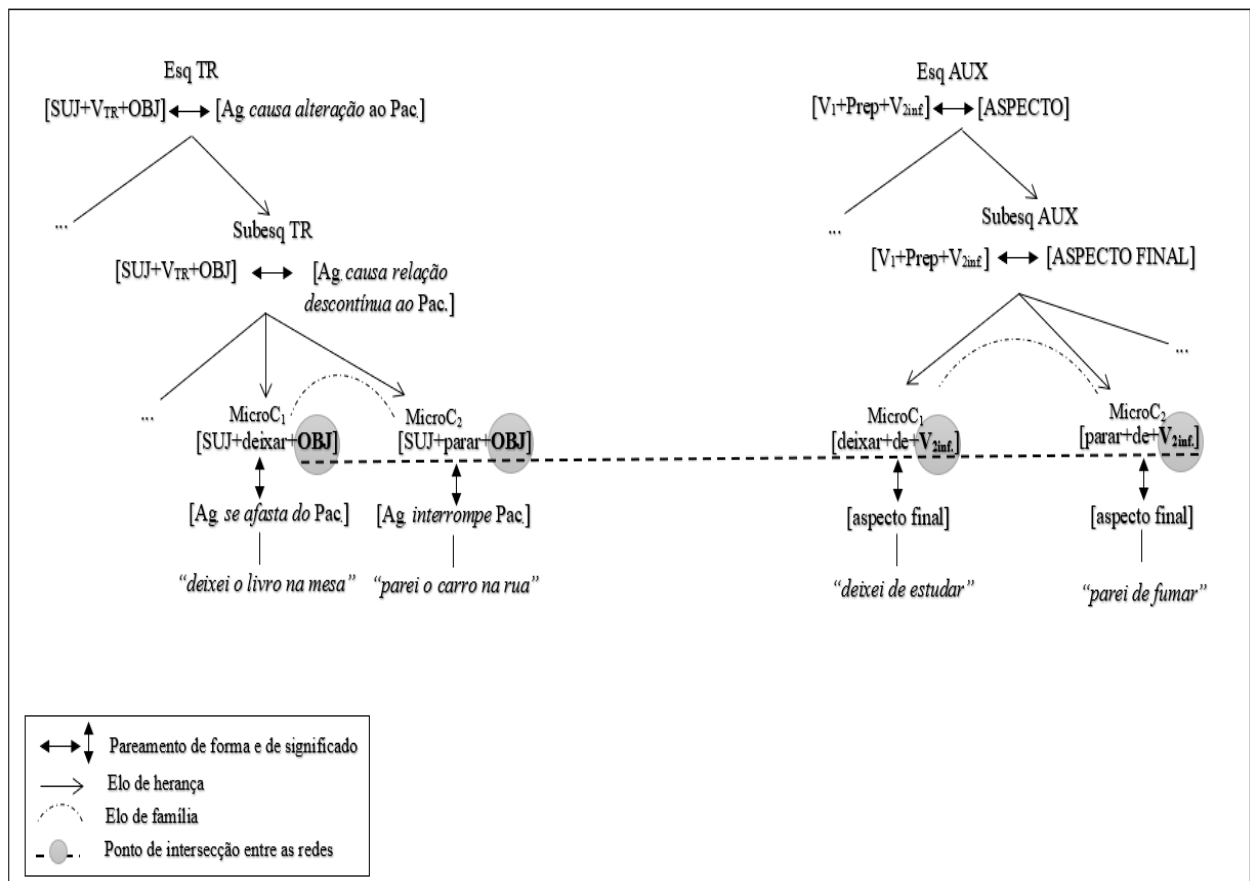
Os arcos tracejados representam o elo de familiaridade entre as microconstruções e, mais abaixo, há os *tokens*, exemplares de uso, com “deixar”, “*deixei de estudar*” e com “parar”, “*parei de fumar*”. É importante dizer que os pontilhados [...] representam outros esquemas, subesquemas e microconstruções possíveis na rede auxiliar do português.

Com o intuito de sumarizar a discussão proposta neste capítulo, mostramos, agora, a intersecção entre as redes transitiva e auxiliar, evidenciando o ponto de passagem que contribuiu para a emergência das microconstruções auxiliares sob análise e os princípios psicológicos que organizam as redes investigadas.

A partir do compartilhamento semântico do sentido geral de descontinuidade, as construções transitivas construcionalizam-se gramaticalmente pela abstratização do *slot* de objeto em que uma estrutura nominal, tipicamente um SN, entidade *indivíduo*, passa a codificar *estados de coisas*, expandindo as possibilidades estruturais e semânticas desse argumento, permitindo nominalizações, verbos nominalizados, entidades mais abstratas, como *proposição* e *ato de fala*, até que um V_{2inf} seja fixado nessa posição, momento em que não há mais traços de transitividade, mas, sim, de auxiliaridade. Essa abstratização corrobora as premissas dos estudos de gramaticalização em que do polo [+ concreto] passa-se ao polo [+ abstrato], representado aqui pela semântica de descontinuidade e a semântica de fim.

Nesse processo de abstratização, voltando à proposta de Heine (1993), as categorias de *objeto* e *espaço* projetam-se para a categoria de *atividade*, a qual é expressa pelo V_{2inf} que segue V_1 , aqui representado por “deixar” e “parar”, e a preposição “de”. Dessa maneira, os traços de conteúdo reduzem-se, levando esses verbos a assumirem o *status* de auxiliar, situando-os no polo procedural, de natureza mais gramatical, na rede linguística. Unindo as redes já mostradas anteriormente, propomos a seguinte figura.

Figura 9 - Intersecção entre as redes de transitividade e auxiliaridade



Fonte: Elaboração própria.

Consoante às explicações anteriores, as microconstruções transitivas e auxiliares herdam de seus esquemas a forma e o significado a partir de elos de herança e constituem relações de família. Isso é representado na figura pelas linhas com seta e pelos arcos tracejados. A linha tracejada com círculos cinzas evidencia o ponto de intersecção que liga os dois subesquemas, transitivo e auxiliar, pela abstratização do *slot* de objeto da transitiva, de domínio concreto, exprimindo descontinuidade, para o *slot* de $V_{2inf.}$, de domínio abstrato, exprimindo a semântica aspectual de fim.

Há três princípios atuantes na organização das redes. O primeiro princípio é o de motivação maximizada. As microconstruções transitivas e auxiliares com “deixar” e “parar” se relacionam sintaticamente pela herança aos esquemas e são motivadas pela semântica de descontinuidade e de fim dos subesquemas que as instanciam, gerando, via maximização motivada, dois tipos de extensão, *afastamento* e *interrupção*, na rede predicativa, e um tipo de extensão na rede auxiliar, *aspecto final*, contendo as nuances de *cessamento* e de *término*.

Ligado a tal motivação, o segundo princípio atuante é o da não sinonímia, o qual mostra que, se há diferenças sintáticas, devem existir diferenças semânticas/pragmáticas. Assim, os *slots* de verbo transitivo nas microconstruções, “deixar” ou “parar”, se diferenciam, pois cada um instancia uma extensão, *afastamento* e *interrupção*, respectivamente. O mesmo ocorre na rede auxiliar: as microconstruções utilizam ou “deixar” ou “parar” para indicar um determinado tipo aspectual, uma vez que há outros subesquemas com a mesma forma para expressar outras fases aspectuais. Em suma, o uso dos verbos estudados nas microconstruções, seja como verbo transitivo, seja como verbo indicador de aspecto, gera a não sinonímia nas redes.

O terceiro princípio atuante é o poder expressivo maximizado. Nesse caso, os usuários da língua maximizam os usos das microconstruções, transitivas e auxiliares, com “deixar” e “parar”, para expressarem suas intenções comunicativas no tocante à expressão das relações de descontinuidade entre o [SUJ] e o [OBJ] nas transitivas e das relações de fases finais de uma situação.

O quarto e último princípio atuante é a economia maximizada que se manifesta nos subesquemas e nos esquemas, transitivo e auxiliar. Uma mesma forma genérica e abstrata [SUJ+V_{TR}+OBJ] e [V₁+Prep+V_{2inf.}], por exemplo, engloba subesquemas e microconstruções, indo ao encontro do tipo de abordagem dos MBU: *bottom-up*, isto é, uma abstratização que vai se construindo do nível mais baixo para o nível mais alto da rede.

Convém pontuar que o mecanismo por detrás dos elos de herança é a analogização, porque as microconstruções surgem na rede linguística seguindo tanto a forma quanto o significado central de seus respectivos esquemas.

Ao estabelecer os valores verbais e as relações de herança e de família entre “deixar” e “parar”, justificamos, assim, a escolha de tomar as microconstruções auxiliares com esses dois verbos como objeto de análise.

4 Síntese

Associando o conceito de relações de herança à proposta de Heine (1993) para o tratamento de verbos auxiliares, buscamos verificar a hipótese, difundida pelos trabalhos em gramaticalização, de que os significados abstratos emergem a partir de significados mais concretos.

A fim de comprovar essa hipótese, elencamos, primeiramente, os valores verbais assumidos por “deixar” e “parar” que se situam entre os polos contedúístico e procedural, em perspectiva diacrônica. O primeiro verbo, desde os séculos mais remotos até o presente, possui uma natureza multifuncional, constituindo sete valores, a saber: i) construções transitivas; ii) construções substantivas; iii) construções intermediárias (verbo suporte e verbo-nominais); iv) construção de polaridade negativa e positiva; v) construções modais (deôntico orientado para o participante e epistêmico orientado para o evento); vi) construções aspectuais (prospectivo e final); e vii) construção de marcador discursivo. Já o verbo “parar”, diferentemente do verbo “deixar”, apresenta quatro valores: i) construção intransitiva; ii) construção transitivas; iii) construções substantivas; e iv) construção aspectual (cursivo e final).

Depois, enfocamos os valores transitivo e auxiliar para o estabelecimento de elos de herança entre tais verbos. Defendemos, então, que as microconstruções auxiliares aspectuais com “deixar” e “parar” emergem pela abstratização do *slot* de objeto que se expande para entidades semânticas e estruturas próximas a de um $V_{2inf.}$.

A abstratização do *slot* de objeto é o gatilho para o desenvolvimento da construcionalização gramatical dessas microconstruções, em que as categorias de *objeto* e *espaço*, presentes no *slot* de objeto, transferem-se para a categoria *atividade*, agora, expressa pelo $V_{2inf.}$, constituindo o *status* de auxiliar. As microconstruções auxiliares herdaram do esquema auxiliar do português a forma $[V_{1+} \text{ Prep } +V_{2inf.}]$ e partilham a semântica aspectual. Entre o esquema dominante e as microconstruções dominadas, encontra-se um subesquema que denota o aspecto final de uma determinada situação.

CAPÍTULO 4 – TRAÇOS DEFINIDORES DE AUXILIARIDADE DAS MICROCONSTRUÇÕES ASPECTUAIS FINAIS

Neste capítulo, averiguamos a auxiliaridade das microconstruções aspectuais com os verbos “deixar” e “parar” em nove sincronias, do século XIII ao século XXI, a partir da aplicação dos critérios clássicos sobre auxiliaridade (LOBATO, 1975; HEINE, 1993; LONGO; CAMPOS, 2002, ILARI; BASSO, 2008) em termos construcionais.

Portanto, traçamos um percurso que se inicia com a caracterização diacrônica das microconstruções auxiliares em apreço e, na sequência, apresentamos parâmetros de forma e de significado que nos ajudam a compor as propriedades de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade, e a aferir o estatuto de auxiliar das microconstruções em análise.

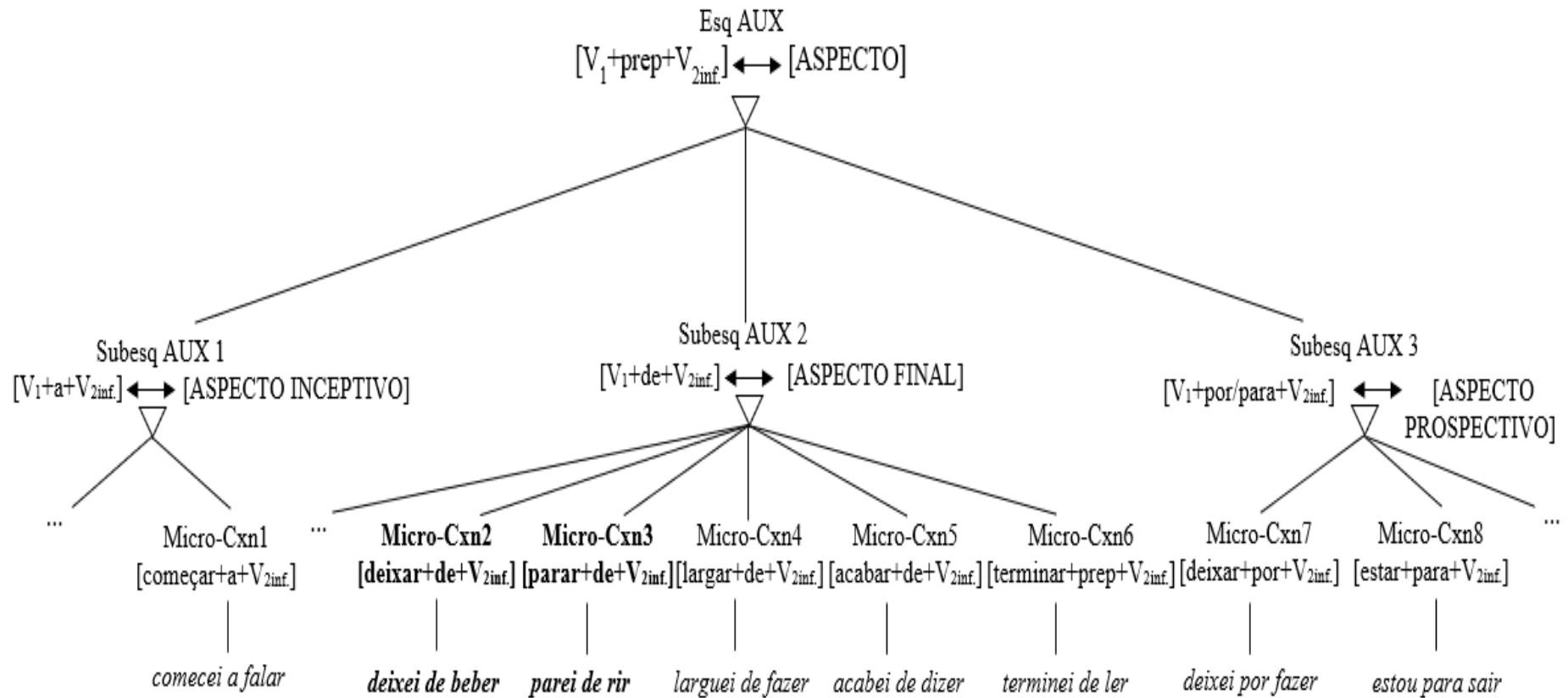
1 Caracterização das microconstruções auxiliares em perspectiva diacrônica

Para descrever as microconstruções auxiliares aspectuais com “deixar” e “parar” no português, é necessário, primeiramente, determinarmos o esquema do qual elas são membros.

O esquema auxiliar pode ser formalizado pelo seguinte pareamento: $[V_1 + \text{Prep} + V_{2\text{inf}}]$ \leftrightarrow [ASPECTO]. Esse esquema é totalmente aberto, por permitir uma gama de construções nos *slots* disponíveis, sendo, pois, altamente produtivo e menos composicional, uma vez que sanciona diversas microconstruções que expressam a categoria gramatical referente às fases internas de uma situação.

A figura abaixo ilustra esse esquema e suas ramificações.

Figura 10 - Rede hierárquica das construções aspectuais do português



Fonte: Elaboração própria.

Tomando a semântica aspectual como centro para a construção dessa rede, o esquema auxiliar, sob o pareamento $[V_1 + \text{prep} + V_{2\text{inf.}}] \leftrightarrow [\text{ASPECTO}]$, é atrator de subesquemas que, a depender da semântica de V_1 e do tipo de preposição, marcam aspecto fasal. Então, como representado na figura 10, há o primeiro subesquema, $[V_1 + a + V_{2\text{inf.}}]$, indicando, prototipicamente, as fases iniciais de uma situação; o segundo subesquema, $[V_1 + \text{de} + V_{2\text{inf.}}]$, indicando as fases finais, e, por fim, o terceiro subesquema, $[V_1 + \text{por/para} + V_{2\text{inf.}}]$, indicando as fases prospectivas.

Em nível menos esquemático, alocam-se as microconstruções aspectuais e, então, os construtos. Nesse contexto, as microconstruções, conforme salientam Traugott e Trousdale (2013), podem apresentar variação em frequência e em possibilidades colocacionais; assim, nessa hierarquia, há diferentes microconstruções denotando aspecto, como a de aspecto inceptivo, em $[\text{começar} + a + V_{2\text{inf.}}]$, aspecto final, representada por $[\text{deixar} + \text{de} + V_{2\text{inf.}}]$, $[\text{parar} + \text{de} + V_{2\text{inf.}}]$, $[\text{largar} + \text{de} + V_{2\text{inf.}}]$, $[\text{acabar} + \text{de} + V_{2\text{inf.}}]$, $[\text{terminar} + \text{de} + V_{2\text{inf.}}]$, e aspecto prospectivo, representada por $[\text{deixar} + \text{por} + V_{2\text{inf.}}]$ e $[\text{estar} + \text{para} + V_{2\text{inf.}}]$.³² Como sinalizado em negrito, nosso interesse recai sobre as microconstruções finais com “deixar” e “parar”. É importante dizer que a figura 10 não é exaustiva, visto que o português dispõe de outras microconstruções para marcação aspectual, que estão representadas na figura pelo uso das reticências [...].

Em suma, o português dispõe de um esquema procedural generalizado, produtivo e menos composicional para a marcação de aspecto. Algumas das microconstruções que são instanciadas por esse esquema, foco desta pesquisa, compartilham um mesmo traço semântico: marcam aspecto fasal final. Isso permite o estabelecimento de elos entre elas a partir desse tipo aspectual.

Exposta a hierarquia construcional, passemos, portanto, a caracterizar o objeto deste trabalho, diacronicamente. As microconstruções com “deixar” e “parar” instanciam aspecto final. A tabela em 3 exhibe a distribuição das ocorrências ao longo das sincronias.

³² Apresentamos na rede somente microconstruções prototípicas relacionadas à semântica do subesquema de que elas fazem parte. Casos como da microconstrução $[\text{estar prestes} + a + V_{2\text{inf.}}]$ cujo aspecto é prospectivo mas, devido sua forma, estaria alocada no subesquema inceptivo não serão tratados aqui, porque eles podem ser pensados como marginais no esquema auxiliar por não seguir a forma indicada, por exemplo, na microconstrução exemplificada há a presença de um advérbio aliado ao V_1 .

Tabela 3 - Distribuição das microconstruções ao longo dos séculos

| Século | V_1 | <i>deixar</i> | <i>parar</i> | Total |
|--------------------------|------------------|---------------|--------------|-----------|
| <i>Português arcaico</i> | XIII | 5 | - | 5 |
| | | 100% | - | 0.9% |
| | XIV | 34 | - | 34 |
| | | 100% | - | 6.2% |
| | Sub-total | 82 | - | 82 |
| | 100% | - | 15.1% | |
| <i>Português médio</i> | XVI | 48 | - | 48 |
| | | 100% | - | 8.8% |
| | XVII | 45 | - | 45 |
| | | 100% | - | 8.3% |
| | XVIII | 46 | 1 | 47 |
| | 97.9% | 2.1% | 8.6% | |
| Sub-total | 139 | 1 | 140 | |
| | 99.3% | 0.7% | 25.7% | |
| <i>Português moderno</i> | XIX | 51 | 7 | 58 |
| | | 87.9% | 12.1% | 10.7% |
| | XX | 58 | 71 | 129 |
| | | 45% | 55% | 23.7% |
| | XXI | 60 | 75 | 135 |
| | 44.4% | 55.6% | 24.8% | |
| Sub-total | 169 | 153 | 322 | |
| | 52.5% | 47.5% | 59.2% | |
| Total | 390 | 154 | 544 | |
| | 71.7% | 28.3% | 100% | |

Fonte: Elaboração própria.

Em perspectiva diacrônica, notamos o aumento das ocorrências entre os períodos investigados. No português arcaico, a microconstrução com “deixar” ocorre 82 vezes, passando a 139, no português médio, e 169, no português moderno, totalizando 390 ocorrências. Diferentemente daquela com “deixar”, a microconstrução com “parar” emerge no século XVIII, com uma ocorrência, e aumenta sua frequência no período moderno, ocorrendo 153 vezes, totalizando 154 ocorrências. Tomamos esse recorte para a investigação dos parâmetros de forma e de significado, descritos nas seções seguintes.

Após verificarmos a frequência das microconstruções finais através dos séculos, passemos, então, à sua exemplificação, iniciando com a de “deixar”.

- (95) *Como cheguei a esta cidade e vi que as cafilas que dali partem cada ano para Alepo e Damasco eram ja partidas havia dias, fui logo falar a el Rei da dita cidade que era um mouro velho arabio muito pratico, porque havia poucos anos que deixara de ser mercador e andara com camelos em o trato e viagem de Damasco por Bacora.(15:Tenreiro:Itinerario4).*

- (96) *Este desejava muito tornar a recebê-lo, mas ao dar com ele naquele estado, escondeu o rosto nas mãos. - O que mais me faltará ver, meu Deus? dizia entre lágrimas o pobre veterano. Gabriel **deixou de tocar**, e Gaspar correu a conter o cunhado; mas Alfredo, possuído de uma alegria frenética, continuava a cancanear, a seco, agitando as abas esverdinhas da sua hedionda sobrecasaca. (18:Azevedo:Condessa).*

As ocorrências em (95) e (96) retratam a fase final de uma situação com traço de [+durativo]. Em (95), o sujeito já não é mais mercador, e, em (96), o sujeito agente, “Gabriel”, finaliza a situação expressa pelo verbo “tocar”.

Um fato verificado no período arcaico que elucidamos aqui é a existência de duas formas construcionais, [deixar+de+V_{2inf.}] e [deixar+a+V_{2inf.}], para marcação de aspecto final. As ocorrências (97) e (98) exemplificam esse caso.

- (97) *Agora **leixaremos** aquy **de fallar** del rei dom Sancho e tornaremos a fallar do conde dom Fernam Gonçalvez, de seu coração esforçado e do seu começo e de seus feitos. (13:CIPM:CGEsp).*
“Agora, deixaremos de falar aqui do rei Dom Sancho e volaremos a falar do conde Dom Fernam Gonçalvez, de seu coração valente, de seu começo e de seus feitos”.
- (98) *E deu a dom Garcia, seu filho, [...]. Mas agora **leixaremos** aquy **a fallar** na estorya del rei dō Afonso, o Magno e contaremos de Audela, rey de Cordova. (13:CIPM:CGEsp).*
“E deu seu filho a Dom Garcia, [...]. Mas agora deixaremos de falar aqui na estória do rei Dom Afonso, o Magno, e contaremos sobre Audela, rei de Cordova.”

As ocorrências acima, (97) e (98), mostram a variação dessas duas microconstruções, ambas do mesmo texto fonte. Nesse contexto, o usuário da língua está falando sobre o “rei Dom Sancho” em (97), e sobre “estória do rei Dom Afonso” em (98), e, em seguida, ele interrompe ou finaliza o assunto em voga e começa a falar de outro tema.

Quantitativamente, percebemos que, no período indicado, [deixar+a+V_{2inf.}] é menos frequente que sua concorrente, [deixar+de+V_{2inf.}], para a marcação de aspecto cessativo. A tabela 4 ilustra esse fato.

Tabela 4 - Microconstruções de aspecto final no português arcaico

| | [deixar+a+V _{2inf.}] | [deixar+de+V _{2inf.}] | Total |
|-------------------|--------------------------------|---------------------------------|------------|
| Português arcaico | 11 13.4% | 71 86.6% | 82 100% |

Fonte: Elaboração própria.

Uma possível resposta para o declínio da microconstrução [deixar+a+V_{2inf.}], no português arcaico, seria a especialização do tipo aspectual, em que o uso da preposição “a” se especializaria na marcação de aspecto cursivo, como é comum até a sincronia atual no português europeu, e a preposição “de” se especializaria na marcação de aspecto final.

A microconstrução com “parar” surge no português no século XVIII e também expressa a fase final de uma situação. Observemos as ocorrências a seguir.

(99) *O sangue corria a tingir as areias e só as determinações **paravam de aumentar** os sobressaltos. Nesta perigosa batalha da piedade e do receio, trouxe a fortuna só favorável aos desvãidos, por acaso àquele lugar, um cavalheiro que descontente dos sossegos costumava buscar alívio nos desvelos e fugir dos povoados por conversar só com os seus pensamentos. (17:Gloria:Brados).*

(100) *Calazans é um dos grandes quadrinhistas alternativos do país que infelizmente **parou de produzir** quadrinhos em função da pesquisa, o que é lastimável, mas tem acontecido com frequência ultimamente, pois muitas vezes a falta de editores ou a falta de remuneração pelo trabalho leva artistas de calibre a desiludirem-se com os quadrinhos. (19Or:Br:Intrv:Web).*

Do mesmo modo que “deixar”, as ocorrências acima indicam a fase final de uma situação [+ durativa]. A ocorrência em (99) apresenta o fim do aumento das determinações, é interessante notar que a microconstrução com “parar”, desde sua emergência, já sanciona sujeito genérico e abstrato, uma vez que não fica claro que tipo de determinações atuava naquele contexto para o fim dos sobressaltos. A ocorrência em (100) indica que o quadrinista já não produz mais seus quadrinhos.

Em vista disso, após a caracterização das microconstruções aspectuais de aspecto final com os verbos em foco, reconhecemos que elas são membros do esquema auxiliar aspectual do português. Na sequência, analisamos a auxiliaridade dessas microconstruções a partir dos parâmetros de forma e de significado.

2 Parâmetros de forma

2.1 Esquematisação da microconstrução: presença ou ausência de materiais intervenientes

A consolidação das microconstruções está, intimamente, ligada à propriedade construcional de esquematicidade. Essa propriedade é gradiente de duas maneiras: i) pelo fator

“mais ou menos” em que construções parcialmente sancionadas podem se tornar completamente sancionadas ao longo do tempo, tornando-se mais esquemática; e ii) pela gradação hierárquica da rede em esquemas, subesquemas e microconstruções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 16).

Assim, as construções podem ser esquemáticas (ou abertas), quando todos os *slots* da construção podem ser preenchidos livremente por itens lexicais variados; já as construções intermediárias (ou semiabertas) apresentam algum *slot* e outro(s) já preenchido(s) por itens lexicais que não mudam. Por fim, as construções substantivas (ou fechadas) são aquelas que não apresentam *slots* a serem preenchidos, isto é, todos eles são ocupados por itens lexicais fixos; é o caso, por exemplo, das expressões cristalizadas ou idiomáticas.

Ao considerar esses fatos, propomos averiguar, primeiramente, o grau de consolidação das microconstruções, por meio da presença ou da ausência de material interveniente entre V_1 e $V_{2inf.}$, em perspectiva diacrônica, a fim de classificá-las em aberta, semiaberta ou fechada e, por último, verificar o grau de esquematicidade das microconstruções em relação ao esquema auxiliar do qual elas são membros.

A hipótese que norteia esse parâmetro é a de que as microconstruções aspectuais vão se tornando mais esquemáticas gradualmente, isto é, elas impossibilitam, ao longo dos séculos, a presença de elementos entre V_1 , a preposição e o verbo principal, conforme a evolução diacrônica exposta, quantitativamente, na tabela 5. A tabela mencionada demonstra que as microconstruções com “deixar” possibilitam a presença de diferentes tipos de elementos entre V_1 e $V_{2inf.}$. Apesar do fato de que em todas as sincronias a ausência de material interveniente seja altamente frequente, a microconstrução [deixar+de+ $V_{2inf.}$] possibilita a inserção de sintagmas nominais e clíticos, entre o português arcaico e médio, conjunções, no português médio e moderno, e sintagmas adverbiais nos três períodos.

Já a microconstrução [parar+de+ $V_{2inf.}$], em razão de sua emergência somente no século XVIII, comporta-se de maneira distinta daquelas com “deixar”, uma vez que restringe o tipo de material interveniente a sintagmas adverbiais e a clíticos, somente a partir do século XIX; no entanto, são raros esses casos, pois, na grande maioria dos dados, não ocorre material interveniente entre os elementos da construção.

A frequente ausência de elementos intervenientes na composição das microconstruções com “deixar” e “parar”, em todas as sincronias analisadas, corrobora sua caracterização como *chunks* procedurais de aspecto final pela constante fixidez de seus elementos.

Tabela 5 - Presença ou ausência de elementos intervenientes

| | <i>Século</i> | <i>V₁</i> | <i>SN</i> | <i>SAdv</i> | <i>Clítico</i> | <i>Conjunção</i> | <i>Ausência</i> | Total |
|--------------------------|------------------|----------------------|--------------|-------------|----------------|------------------|-----------------|--------------|
| <i>Português arcaico</i> | XIII | <i>deixar</i> | - | 1 | - | - | 4 | 5 |
| | | | - | 20% | - | - | 80% | 100% |
| | XIV | <i>deixar</i> | 6 | 11 | 2 | - | 15 | 34 |
| | | | 17.6% | 32.4% | 5.9% | - | 44.1% | 100% |
| <i>Português arcaico</i> | XV | <i>deixar</i> | 6 | 2 | 5 | - | 30 | 43 |
| | | | 13.9% | 4.7% | 11.6% | - | 69.8% | 100% |
| | Sub-total | <i>deixar</i> | 12 | 14 | 7 | - | 49 | 82 |
| | | | 14.7% | 17% | 8.5% | - | 59.8% | 100% |
| <i>Português médio</i> | XVI | <i>deixar</i> | 2 | 2 | 6 | 4 | 34 | 48 |
| | | | 4.2% | 4.2% | 12.5% | 8.3% | 70.8% | 100% |
| | XVII | <i>deixar</i> | 3 | 3 | 5 | 1 | 33 | 45 |
| | | | 6.7% | 6.7% | 11.1% | 2.2% | 73.3% | 100% |
| | XVIII | <i>deixar</i> | 1 | 2 | 2 | 2 | 39 | 46 |
| | | | 2.1% | 4.4% | 4.4% | 4.4% | 84.7% | 98% |
| | XVIII | <i>parar</i> | - | - | - | - | 1 | 1 |
| | | | - | - | - | - | 100% | 2% |
| Sub-total | <i>deixar</i> | 6 | 7 | 13 | 7 | 106 | 139 | |
| | | 4.3% | 5.1% | 9.3% | 5.1% | 76.2% | 100% | |
| Sub-total | <i>parar</i> | - | - | - | - | 1 | 1 | |
| | | - | - | - | - | 100% | 100% | |
| <i>Português moderno</i> | XIX | <i>deixar</i> | - | - | - | 3 | 48 | 51 |
| | | | - | - | - | 5.9% | 94.1% | 88% |
| | <i>parar</i> | - | - | 1 | - | 6 | 7 | |
| | | - | - | 14.3% | - | 85.7% | 12% | |
| | XX | <i>deixar</i> | - | 1 | - | - | 57 | 58 |
| | | | - | 1.8% | - | - | 98.2% | 45% |
| <i>parar</i> | - | 1 | 1 | - | 69 | 71 | | |
| | - | 1.4% | 1.4% | - | 97.2% | 55% | | |
| XXI | <i>deixar</i> | - | - | - | - | 60 | 60 | |
| | | - | - | - | - | 100% | 44% | |
| | <i>parar</i> | - | 1 | 5 | - | 69 | 75 | |
| Sub-total | | - | 1.4% | 6.6% | - | 92% | 56% | |
| | <i>deixar</i> | - | 1 | - | 3 | 165 | 169 | |
| | | - | 0.7% | - | 1.7% | 97.6% | 100% | |
| Sub-total | <i>parar</i> | - | 2 | 7 | - | 144 | 153 | |
| | | - | 1.4% | 4.5% | - | 94.1% | 100% | |
| | Σ | <i>deixar</i> | 18 | 22 | 20 | 10 | 320 | 390 |
| Σ | | 100% | 92% | 74% | 100% | 69% | 71.7% | |
| | <i>parar</i> | - | 2 | 7 | - | 145 | 154 | |
| | | - | 8% | 26% | - | 31% | 28.3% | |
| Total | | 18 | 24 | 27 | 10 | 465 | 544 | |
| | | 3.3% | 4.4% | 4.9% | 0.2% | 87.2% | 100% | |

Fonte: Elaboração própria.

As ocorrências em (101) e em (102) explicitam casos de SN interveniente na microconstrução com “deixar”.

(101) *A quarta decima batalha foy em Ytalya con Marelo e Crespino e venceuhos Anybal e matou hos ambos. [...]. Agora **leixa** a estoria **de fallar** desto e torna a contar de como os Romããos entraram ã Espanha. (13:CIPM:CGEsp).*

“A décima quarta batalha foi em Ytalya com Marelo e Crespino e Anibal os venceu e matou ambos [...]. Agora, deixa de falar desta estória e volta a contar de como os romanos entraram na Espanha.”

- (102) *O povo de Antinoe, a quem era sumamente grato por suas artes, se lastimava muito e lhe mostrava sinais de amor compassivo. Mas ele, com inteireza de animo respondeu: Não choreis, Antinoitas, pelo que padeço, porque, assim como assim, não haveis de alegrar-vos pelo que desejais, que é deixar eu de ser cristão. (16:Bernardes:Floresta16).*

A microconstrução [deixar+de+V_{2inf.}], representada pelas ocorrências em (101) e em (104), dispõe do SN objeto “a estória” e do SN sujeito “eu”, respectivamente, entre V₁, preposição “de” e V_{2inf.} para a marcação de aspecto final. Em contextos de sincronias pretéritas, é comum encontrar SN sujeitos pospostos a V₁ ou SN objetos antepostos a V_{2inf.}, localizando-se no interior do *chunk* gramatical. Convém ressaltar que não foram encontrados casos de sintagmas nominais no interior da microconstrução [parar+de+V_{2inf.}].

Outro elemento interveniente são os clíticos, que se referem às formas átonas dos pronomes oblíquos e ocupam, no objeto de investigação, o *slot* do argumento objeto de V_{2inf.}. As ocorrências (103) e (104) exemplificam esse caso.

- (103) *Fácil era em fazer o ofício das ordens, e em nenhum dos tempos do ano que a Igreja tem deputados pera elas deixava de as celebrar; e em qualquer lugar e igreja que se achasse as dava de boa vontade, e sempre por sua mão, sem mostrar que sentia o trabalho, que não é pequeno. (16:Sousa:Martires).*

- (104) *fiquei longos 30 dias sem dirigir, mas desta vez sem culpa, deixei o tempo passar e parei de me cobrar, que seja tudo a o seu tempo, retornei o treinamento e digo me sinto um pouco mais segura e tranqüila, sei que tenho um longo caminho por a frente, mas vou fazer minha parte e tenho certeza que pode demorar mas estarei dirigindo com prazer. (20ajudaemocional.tripod.com).*

Nas ocorrências acima, tanto com “deixar” quanto com “parar”, os clíticos “as” e “me”, posicionam-se entre a preposição “de” e o V_{2inf.}, “celebrar” e “cobrar”, respectivamente. A razão dessa posição clítica, de anteposição, explica-se pela proximidade desse elemento ao verbo que o rege.

É importante considerar, quando tratamos da presença de SN e clíticos entre os constituintes das microconstruções, o terceiro critério de auxiliaridade de Ilari e Basso (2008), representado no quadro 9, o qual diz que a ocorrência de elementos entre V₁ e V_{2inf.} é nula, ou fica limitada a palavras de um tipo muito particular, como os clíticos. Em vista do exposto e considerando a variação diacrônica de posição de sujeito e objeto no português, de VSO para

SVO, não tomamos a presença interveniente de SN e clíticos como um fenômeno que interfere na esquematicidade da microconstrução ou que contribua para uma maior auxiliaridade. Levamos em conta, então, para medir o grau de esquematicidade e auxiliaridade das microconstruções a presença de sintagma adverbial e conjunção.

As ocorrências em (105) e em (106) são exemplos de sintagmas adverbiais entre os elementos das microconstruções.

(105) *Tão encantada eu estava que cheguei a afastar, por momentos, minha mágoa, deixei até de pensar em Beto, acompanhá-lo no baile do Paulistano. Ricardina não era apenas a mais bela entre as quatro campeãs, era a que possuía melhor voz entre os nove vencedores. (19:Fic:Br:Gattai:Cronica).*

(106) *Tratando- se de doença crônica, o alcoolismo exige permanente ação de recuperação: trata- se de programa para toda a vida. Frequentemente, encontram- se recuperações apenas parciais, em que alcoólicos param apenas de beber e mais nada, recusando- se a fazer quaisquer mudanças em os seus comportamentos, atitudes e valores; embora abstinentes, elas estão ainda muito adoecidas emocional e espiritualmente. (20aabr.com.br).*

Em (105), Ricardina apresenta seu drama amoroso, e, por meio do advérbio de inclusão “até”, adiciona ao conjunto de seu infortúnio o ato de não mais pensar em Beto. Em (106), os alcoólicos excluem o V_{2inf} , “beber”, ao utilizar o advérbio de exclusão “apenas”.

Conforme mostra a tabela 5, os sintagmas adverbiais diminuem a frequência na microconstrução com “deixar”. No português arcaico, ocorrem 17%, passando a 5.1%, no português médio, e a 0.7% no português moderno. Fato semelhante acontece na microconstrução com “parar” em que sintagmas adverbiais somente ocorrem 1.4% no português moderno.

As ocorrências (107) e (108) explicitam conjunções intervenientes.

(107) *Estava tangendo mansozinho a frauta [...] E estando elle nisto, eis se deixa vir hum rebanho de vacas correndo apresadas [...] E passando por elle, se foram meter n'agoa ate os peitos; leixando elle entam de tanger, ficou como cuidadoso hum pouco [...]* (15:Ribeiro:Menina).

“Estava tocando calmamente a flauta [...] E estando ele fazendo isso, eis que surge um rebanho de vacas correndo apressadas. [...] Passando por ele, foram entrar na água até os peitos; então, deixando de tocar, ele ficou um pouco pensativo.”

(108) *E ainda o governo tinha escrúpulo de acabar por uma vez com a escravatura; ainda dizia descaradamente que o negro era uma propriedade, como se o roubo, por ser comprado e revendido em primeira mão ou em segunda, ou em milésima, deixasse por isso de ser um roubo para ser uma propriedade! E continuando a pensar neste terreno muito*

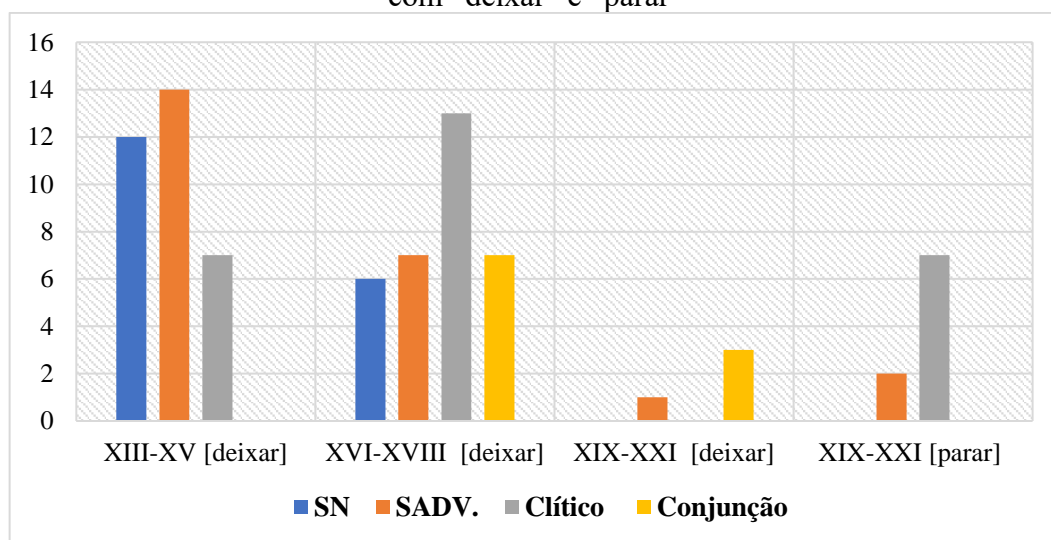
excitado, Raimundo dispunha-se a dormir, impaciente pelo dia seguinte, impaciente por verse bem longe do Maranhão. (18:Azevedo:Mulato).

Em (107), do século XVI, há a presença de conjunção, “então” entre V_1 , “deixar”, a preposição “de” e o $V_{2inf.}$ “tanger”, cujo sentido era de tocar um instrumento musical. Semelhante a anterior, em (108) há a intervenção da conjunção conclusiva “por isso”. Dessa maneira, é importante notar que as conjunções conclusivas, geralmente, se posicionam antes do que está sendo enunciado, como uma estratégia de concluir o tópico em voga. No entanto, nos casos dispostos acima, as conjunções, “então” e “por isso”, são pospostas a V_1 e tomam como espoco todos os constituintes da microconstrução.

Diacronicamente, as conjunções intervenientes ocorrem mais vezes no português médio, 5.1%, e ocorre no primeiro século do português moderno, XIX, 1.7%. Não encontramos conjunções entre os elementos da microconstrução com “parar”.

A fim de ilustrar o caminho de fixação dos componentes das microconstruções, excluímos as ocorrências em que não se aplicam inserções entre V_1 e $V_{2inf.}$ e confeccionamos o gráfico 1 que comprova a consolidação gradual da microconstrução com “deixar”, com o declínio da inserção de elementos intervenientes. Comprovamos também a consolidação da microconstrução com “parar”, mais nova na rede em relação à primeira, mas que se restringe à inserção de sintagmas adverbiais e clíticos.

Gráfico 1 - Elementos intervenientes entre os constituintes das microconstruções auxiliares com “deixar” e “parar”



Fonte: Elaboração própria.

Considerando a evolução diacrônica das microconstruções, o declínio de elementos intervenientes, principalmente na construção com “deixar”, explica-se pela rotinização da ordem dos componentes; nesse caso, tem-se, portanto, a fixação de V_1 no primeiro *slot*, da preposição entre V_1 e $V_{2inf.}$ como sendo o último *slot* disponível, fortalecendo a microconstrução enquanto um *chunk* para marcar aspecto.

A rotinização dos componentes acontece pela herança de forma herdada do esquema auxiliar [V_1 +Prep+ $V_{2inf.}$], porque, sendo os esquemas rotinizados ou entrincheirados cognitivamente (KEMMER, 2003), as microconstruções consolidam-se a partir desse padrão mais abstrato disponível na rede.

Além disso, o aumento da frequência da forma da microconstrução sem material interveniente na microconstrução com “deixar” pode ser concebido como uma mudança construcional de forma, contribuindo para a maior fixidez da sequência V_1 , preposição e $V_{2inf.}$. De uma forma [deixar+ [SAdv./conj.] + Prep + $V_{2inf.}$], passa-se à forma [deixar + Prep + $V_{2inf.}$]. Nessa mudança, o mecanismo de neoanálise manifesta-se, reconfigurando a ordem e fixando os componentes da microconstrução.

Diferentemente, a microconstrução com “parar” emerge mais tardiamente, no século XVIII, mais fechada, permitindo, em raros casos, sintagmas adverbiais e clínicos entre seus elementos, não havendo, então, mudança construcional. Convém pontuar que a ação da neoanálise e da analogização nesse parâmetro corrobora a construcionalização gramatical de “deixar” e “parar” enquanto verbos auxiliares de aspecto.

Considerando a hierarquia construcional em perspectiva *bottom-up*, classificamos, genericamente, as microconstruções como parcialmente esquemáticas ou semiabertas, uma vez que elas ainda possibilitam inserções entre seus constituintes no português moderno, embora haja uma considerável diminuição ao longo dos três períodos investigados que promove a consolidação das microconstruções na rede auxiliar. Além disso, elas se relacionam a subesquemas de nível intermediário que exibem variabilidade de elementos para ocupar os *slots* disponíveis e estes se ligam ao esquema auxiliar aspectual totalmente esquemático (cf. figura 10).

2.2 Forma verbal de V_1

Com esse parâmetro, pretendemos verificar qual forma verbal é codificada por V_1 , “deixar” e “parar”, e quais são as possíveis relações estabelecidas entre as categorias

gramaticais de tempo e aspecto. Em outras palavras, buscaremos verificar, em termos de produtividade, qual tipo de tempo favorece o aspecto final.

A tabela 6 apresenta a frequência dos tipos temporais e evidencia a predominância de três tipos de flexão: i) presente do indicativo, ii) pretérito perfeito, e iii) formas nominais.

Tabela 6 – Forma verbal de V₁

| | Século | V ₁ | Presente do indicativo | Pretérito perfeito do indicativo | Pretérito imperfeito do indicativo | Pretérito mais q perfeito do ind. | Presente do subjuntivo | Pretérito imperf. do subjuntivo | Futuro do presente | Imperativo | Formas nominais | Total | |
|--------------------------|------------------|----------------|------------------------|----------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------|------------------------|---------------------------------|--------------------|------------|-----------------|-------|-----|
| <i>Português arcaico</i> | XIII | <i>deixar</i> | - | 1 | - | - | - | 2 | - | - | 2 | 5 | |
| | | | - | 20% | - | - | - | 40% | - | - | 40% | 100% | |
| | XIV | <i>deixar</i> | 2 | 1 | - | - | - | 8 | 14 | 8 | 1 | 34 | |
| | | | 5.9% | 3% | - | - | - | 23.5% | 41.1% | 23.5% | 3% | 100% | |
| <i>Português médio</i> | XV | <i>deixar</i> | 23 | 11 | - | - | - | 1 | - | 3 | 5 | 43 | |
| | | | 53.5% | 25.5% | - | - | - | 2.4% | - | 7% | 11.6% | 100% | |
| | Sub-total | <i>deixar</i> | 25 | 13 | - | - | - | 11 | 14 | 11 | 8 | 82 | |
| | | | 30.5% | 15.9% | - | - | - | 13.4% | 17.1% | 13.4% | 9.7% | 100% | |
| <i>Português médio</i> | XVI | <i>deixar</i> | 12 | 21 | 2 | 3 | 3 | - | 1 | - | 6 | 48 | |
| | | | 25% | 43.8% | 4.1% | 6.3% | 6.3% | - | 2% | - | 12.5% | 100% | |
| | XVII | <i>deixar</i> | 12 | 10 | 3 | 2 | - | 5 | - | - | 13 | 45 | |
| | | | 26.7% | 22.3% | 6.6% | 4.4% | - | 11.1% | - | - | 28.9% | 100% | |
| | XVIII | <i>deixar</i> | 17 | 8 | 1 | 1 | 3 | 3 | - | - | - | 13 | 46 |
| | | | | 36.9% | 17.5% | 2.2% | 2.2% | 6.5% | 6.5% | - | - | 28.3% | 98% |
| Sub-total | <i>deixar</i> | 41 | 39 | 6 | 6 | 6 | 8 | 1 | - | - | 32 | 139 | |
| | | | 29.4% | 28% | 4.4% | 4.4% | 4.4% | 5.7% | 0.7% | - | 23% | 100% | |
| | <i>parar</i> | - | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | 1 | |
| | | - | - | 100% | - | - | - | - | - | - | - | 2% | |
| | <i>parar</i> | - | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | 1 | |
| | | - | - | 100% | - | - | - | - | - | - | - | 100% | |

Continua

| | <i>Século</i> | <i>V₁</i> | <i>Presente do indicativo</i> | <i>Pretérito perfeito do indicativo</i> | <i>Pretérito imperfeito do indicativo</i> | <i>Pretérito mais q perfeito do ind.</i> | <i>Presente do subjuntivo</i> | <i>Pretérito imperf. do subjuntivo</i> | <i>Futuro do presente</i> | <i>Imperativo</i> | <i>Formas nominais</i> | Total | |
|--------------------------|------------------|----------------------|-------------------------------|---|---|--|-------------------------------|--|---------------------------|-------------------|----------------------------|---------------------------|-------------|
| <i>Português moderno</i> | XIX | <i>deixar</i> | 9 17.7% | 22 43.2% | 1 2% | 4 7.8% | 1 2% | 3 5.8% | - - | - - | 11 21.5% | 51 88% | |
| | | <i>parar</i> | - - | 2 28.5% | 1 14.3% | 1 14.3% | - - | - - | - - | - - | 3 42.9% | 7 12% | |
| | XX | <i>deixar</i> | 10 17.2% | 32 55.2% | - - | 3 5.2% | - - | - - | 2 3.4% | - - | - - | 11 19% | 58 45% |
| | | <i>parar</i> | - - | 38 53.5% | 7 9.9% | - - | - - | - - | - - | - - | - - | 26 36.6% | 71 55% |
| | XXI | <i>deixar</i> | 8 13.4% | 43 71.6% | - - | - - | - - | 1 1.6% | - - | - - | - - | 8 13.4% | 60 44% |
| | | <i>parar</i> | 4 5.3% | 52 69.3% | 1 1.4% | - - | 1 1.4% | - - | - - | - - | - - | 17 22.6% | 75 56% |
| | Sub-total | <i>deixar</i> | 27 16% | 97 57.5% | 1 0.6% | 7 4.1% | 2 1.2% | 5 2.9% | - - | - - | - - | 30 17.7% | 169 100% |
| | | <i>parar</i> | 4 2.6% | 92 60.2% | 9 5.8% | 1 0.7% | 1 0.7% | - - | - - | - - | - - | 46 30% | 153 100% |
| | Σ | <i>deixar</i> | 93 96% | 149 61% | 7 41% | 13 92% | 8 88% | 24 100% | 15 100% | 11 100% | 70 60% | 390 71.7% | |
| | | <i>parar</i> | 4 4% | 92 39% | 10 59% | 1 8% | 1 12% | - - | - - | - - | 46 40% | 154 28.3% | |
| Total | | | 97 17.9% | 241 44.4% | 17 3.1% | 14 2.5% | 9 1.6% | 24 4.4% | 15 2.7% | 11 2% | 116 21.4% | 544 100% | |

Fonte: Elaboração própria.

No português arcaico, “deixar” apresenta 30.5% de suas ocorrências no presente do indicativo, seguido de 17.1% no futuro do presente e 15.9% no pretérito perfeito. No português médio, alternam-se as flexões frequentes, 29.4% no presente do indicativo, 28% no pretérito perfeito e 23% em formas nominais, especificamente o infinitivo. Já no português moderno, a flexão de pretérito perfeito assume a maior frequência, 57.5%, seguido das formas nominais, 17.7%, e do presente do indicativo, 16%.

“Parar” tem a única ocorrência no português médio em flexão de pretérito imperfeito do indicativo e, no português moderno, apresenta o pretérito perfeito do indicativo como flexão mais frequente, 60.2%, seguido da forma de infinitivo, 30%. Diferindo de “deixar”, as microconstruções finais com “parar” são menos frequentes no presente do indicativo, 4% dos dados, e ocorrem mais vezes no pretérito imperfeito do indicativo, 5.8%.

À vista disso, passemos, então, a exemplificar as formas verbais que V₁, “deixar” e “parar”, instanciam, começando com os mais frequentes: pretérito perfeito do indicativo, formas nominais e presente do indicativo.

(109) *Em Paris, Lúcia não havia telefonado para nenhum amigo nem quando acordava no meio da noite tremendo de pavor e inundada de suor nem quando **deixou de ir** a restaurantes e limitou sua dieta às frutas que comprava de um árabe ao lado do hotel, a única pessoa com quem conseguira manter algum tipo de contato cordial. (19:Fic:Br:Amaral:Amigos).*

(110) *vou fazer um teste seletivo para o curso de administração e como faz muito tempo que **parei de estudar** não sei por onde começar e o que estudar gostaria que me dessem uma ajudinha fico muito grata obrigada. (20007blog.net).*

Em (109) e (110) “deixar” e “parar” estão flexionados no pretérito perfeito, marcando aspecto final.

A segunda forma mais frequente se refere às formas nominais. Assim, os V₁ das microconstruções sob análise são encontrados, predominantemente, sob a forma infinitiva e poucos casos são no gerúndio. O par de ocorrências abaixo exemplificam a forma infinitiva.

(111) *A extrema expressividade da composição, sua vivacidade, o movimento, seus fortes contornos e sua linguagem sintética, anunciam já as características mais fortes da pintura do artista. O semblante carregado da amazona, seu ar grotesco, (sem contudo **deixar de ser** romântico), o palhaço decepado pela moldura e o sadismo do domador, revelam as facetas de um mundo que Lautrec torna-se mestre observar e retratar. (19Ac:Br:Enc).*

(112) *Renan - Nenhuma. Passo de três a quatro meses sem bater bola. Tenho treinado nos últimos dias porque vou jogar ao lado do Montanaro numa partida-exibição na praia*

*contra o Tande e o Giovane e não quero fazer ridículo. A decisão de **parar de jogar** foi muito pensada. (19Or:Br:Intrv:ISP).*

Nesses casos, a forma infinitiva, considerada “uma forma aspectualmente neutra por se referir apenas à situação em si” (TRAVAGLIA, 2014, p. 171),³³ emerge a partir do que vem antes da microconstrução, isto é, do contexto sintático da ocorrência. Em (122), há uma conjunção anteposta e, em (123), uma estrutura argumental que exige o infinitivo na sequência.

Portanto, a nosso ver, a forma infinitiva que apenas denota a situação em si se une ao contexto sintático da ocorrência para atualizar o tipo aspectual final das microconstruções. Esses casos mostram-se mais próximos da ideia de um *chunk* auxiliar, porque há uma maior concatenação de seus constituintes.

Os casos de gerúndio estão contemplados em (113) e em (114).

(113) *Dentre os povos chamados primitivos incluem-se aqueles que não têm escrita, isto é, que não têm história escrita, portando supõem-se mais atrasados. Atualmente muitos desses povos estão **deixando de existir**, ou por causa da colonização dos povos ditos avançados ou por contato com a civilização. (19Ac:Br:Enc).*

(114) *" Hoje, os jovens estão **parando de acreditar** em algumas 'histórias de bruxas', como crendices da masturbação, e estão se preocupando com histórias reais, como a gravidez indesejada e a AIDS ", enfatizou Rosely. (19Or:Br:Intrv:Pov).*

Afirmamos que, nas ocorrências em (113) e em (114), a noção aspectual parece se construir em torno de uma gradualidade. Nesses casos, a noção de aspecto final se une à nuance de progressividade, uma vez que a fase final dos V_{2inf} , “existir” e “acreditar”, não é reconhecida, porque há apenas uma tendência para os momentos finais que ainda não foram completamente alcançados.

A terceira forma mais frequente de toda coleta acontece no presente do indicativo. Ressaltamos que tal tempo verbal é mais frequente com “deixar”, 96%, e menos frequente com “parar”, 4%. As ocorrências em (115) e (116) exemplificam esse uso, expressando a fase de aspecto final.

(115) *O enfarte pode levar à morte, pois o coração **deixa de enviar** sangue com oxigênio para o corpo. Nesse sentido, o sistema nervoso central é especialmente frágil, necessitando de um suprimento alto e regular de sangue arterial. (19Ac:Br:Enc).*

³³ De acordo com o autor, esse valor não é totalmente claro nas situações de interação, uma vez que a significação da ocorrência com essa forma pode apresentar um valor diferente ou oposto.

- (116) *Como acontece com todos os alcoólicos quando **param de beber**, ele estava cheio de remorsos, sentimentos de culpa e uma grande sensação de humildade. (20aabr.com.br).*

Consideremos, agora, outros tempos verbais não tão frequentes quanto aqueles que acabamos que apresentar. As ocorrências (117) e (118) estão no pretérito imperfeito do indicativo; se olharmos essas ocorrências diacronicamente, esse tempo não é muito frequente com “deixar”, mas, sim, com “parar”, que, no século XX, por exemplo, ocorre 9.9%.

- (117) *Chegavam todos os dias mais tarambolas-douradas, e o maçarico **deixava de comer** para ir espiar atentamente os bandos em trânsito, vendo se achava algum seu igual. Não havia outros maçaricos; nem mesmo qualquer ave praieira a não ser as tarambolas. (18:Guimarães:Último).*

- (118) - *Que coisa? - Nem ela sabia. Repetia isso o dia inteiro: " Quero outra coisa, eu quero encontrar outra coisa ". Durante os ensaios, quando **parava de cantar**, entre as músicas. (19:Fic:Br:Abreu:Onde).*

As ocorrências em pretérito imperfeito marcam aspecto final. No entanto, é importante pontuar que a nuance cessativa se torna mais evidente quando os V_1 se flexionam nesse tempo, uma vez que é característico da imperfectividade o não completamento do V_{2inf} , evidenciando inferências de desenvolvimento no tempo inscrito. Além disso, essa leitura se revela também pela telicidade verbal, em que “comer” e “cantar” podem ser interpretados aqui como atéticos.

Outro tempo verbal que ocorre com os dois V_1 sob análise é o presente do subjuntivo. Segundo Travaglia (2014, p. 157), quando os tempos do subjuntivo se fazem presentes, a noção aspectual se enfraquece, pois o subjuntivo se refere a situações hipotéticas e duvidosas enquanto a categoria de aspecto marca situações objetivas e certas. Então, nesses casos, o modo se torna mais evidente e o aspecto de mais difícil percepção, embora não haja a completa anulação do tipo aspectual marcado nas microconstruções estudadas, como explicitado adiante. Ainda de acordo com o autor, as possibilidades de marcação aspectual parece dar-se somente nos tempos do subjuntivo de presente e de pretérito imperfeito. (119) e (120) exemplificam a flexão de subjuntivo presente.

- (119) *Não há idade ideal para que o bebê **deixe de ser** amamentado, isso vai depender da vontade da mãe e do filho. O Ministério da Saúde preconiza que seja amamentado até dois anos ou mais. (20andromeda.ensp.fiocruz.br).*

- (120) *Aqui criamos uma condição que se o e-mail foi enviado com sucesso aparecerá ok em a variável enviado e irá para o quadro 4 // isso faz com que o filme **pare de rodar** e espera o usuário apertar o novo botão o voltar. (20ajuda.forumeiros.com).*

A ocorrência da flexão de presente do subjuntivo faz-se pelo contexto sintático em que a microconstrução se insere, como verificamos em (119), pela presença de “para que”, e em (120), pela presença de “fazer com que”. Tais construções conjuncionais, mesmo deixando a noção aspectual menos clara, ainda denotam aspecto final.

Em (121) e (122), respectivamente, “deixar” e “parar” estão conjugados no pretérito mais que perfeito do indicativo.

(121) *Sentia-se ela tomada de acessos súbitos de fraqueza moral, exatamente como nos primeiros tempos de sua vinda para a fazenda. **Deixara de caçar, deixara de ler;** extinguiu-se-lhe a sede de ciência. Sentava-se a toda a hora na rede ou em uma cadeira de balanço e imergia em cisma. (18:Ribeiro:Carne).*

(122) *É um homem - disse ele. O guarda **parara de comer;** na dilatação da sua pupila poder-se-ia adivinhar a alegria surpresa de quem vai pregar uma boa peça. (18:Fialho:Ruiva).*

Os exemplos acima indicam que o uso do pretérito mais que perfeito na expressão de aspecto final manifesta, claramente, a nuance terminativa, pois a noção de perfectividade desse tempo contribui para evidenciar o término da situação expressa em V_{2inf} .

As flexões temporais que apresentamos agora se restringem às microconstruções de “deixar”. São elas: pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do presente, futuro do pretérito e imperativo.

(123) *Logo publicamente, obrigado do poder divino, confessou que era o demónio do inferno, o qual havia catorze anos que andava naquele castelo, esperando que o capitão **deixasse** algum dia **de rezar** a Avé Maria para o matar e levar ao inferno. E acabando de dizer isto, desapareceu. (16:Sousa:Baculo).*

Como nos casos de presente do subjuntivo, a ocorrência em (123), no pretérito imperfeito do subjuntivo, deixa menos clara a noção aspectual por colocar o modo em maior evidência e ocorre devido ao contexto sintático em que a microconstrução se aloca. Aqui, pela oração subordinada anterior “esperando que”, “deixar”, no *slot* de V_1 , assume a flexão de imperfeito do subjuntivo.

A ocorrência em (124) encontra-se no tempo futuro. De acordo com a literatura sobre aspecto, essa categoria gramatical tem sua leitura bloqueada quando tal tempo se faz presente. No entanto, nas sincronias arcaicas do português, encontramos casos em que, mesmo com a flexão futura, a leitura aspectual é permitida, por se tratar dos momentos finais de uma situação que é interrompida naquela instância discursiva pelo usuário.

(124) *E, des o septimo ãno ataa o oytavo do reynado del rey Allarigo, nõ achamos nõ hũa cousa que de contar seja que aa estorya d'Espanha perteença. E porẽ **leixaremos** aquy **de fallar** dos Vandallos e tornaremos contar del rey Allarigo. (13:CIPM:CGEsp).*

“E desde o sétimo até o oitavo ano do reinado do rei Allarigo, não encontramos nenhuma coisa para contar que não pertença à estória da Espanha. E, portanto, deixaremos de falar aqui dos Vandallos e voltaremos a contar do rei Allarigo.”

No contexto apresentado em (124), majoritariamente recorrente no século XIV, há o fim do assunto que estava em curso naquele momento, o usuário interrompe o discurso sobre os Vandallos e passa a discursar sobre o rei Allarigo.

A última flexão verbal encontrada encabeçando V_1 é a de imperativo. Mesmo que o imperativo se relacione à expressão de modalidade deôntica, sob a forma [deixar+de+ V_{2inf} .], indicando ordem (Cf. Capítulo 3), há casos, no português arcaico, que, o uso do imperativo, além de indicar ordem, expressa a finalização do V_{2inf} . em curso. Nesse contexto, a marcação proeminente é modo, mas conseguimos visualizar a presença de aspecto, mesmo não sendo tão perceptível como nas ocorrências de tempos do indicativo.

(125) *E dally foronsse pera suas terras, cõ outras naves que acharom hy [...]. Mas agora **leixa** a estoria **a fallar** desto e torna a fallar del rey dom Ramiro de Leom e dos seus grandes feitos que elle fez contra os mouros. (13:CIPM:CGEsp).*

“E dali se foram para suas terras com outros navios que ali encontraram [...]. Mas agora deixa de falar dessa estória e volta a falar do rei Dom Ramiro de Leão e dos seus grandes feitos que ele fez contra os mouros.”

Em (125), o usuário da língua solicita a interrupção de um determinado assunto para que outro emergja. Esse caso de imperativo assemelha-se àquele de futuro do presente, que, na situação enunciativa presente, marca os momentos finais da situação expressa em V_{2inf} . Afirmamos que o uso de imperativo se reduz ao longo dos séculos.

Como disposto na tabela 6, a variabilidade de tempos verbais com “deixar”, em termos de frequência, reduzem-se, tornando-se mais frequentes as flexões de presente do indicativo, de pretérito perfeito do indicativo e de formas nominais. Essa mudança de usos de formas verbais temporais nos fornece alguns apontamentos sobre a propriedade de produtividade das microconstruções.

No recorte analisado, a microconstrução com “deixar”, no português arcaico e médio, possibilita uma grande variabilidade de tempos verbais, mas, ao longo dos séculos, essa produtividade diminui, uma vez que apenas alguns tempos permanecem e crescem em

frequência, como o presente do indicativo, o pretérito perfeito do indicativo e as formas nominais, especialmente, o infinitivo. Análoga situação acontece com a microconstrução com “parar” que, ao emergir mais tardiamente, no século XVIII, restringe sua produtividade a determinados tempos, como o pretérito perfeito do indicativo e as formas nominais, predominantemente, a forma infinitiva.

Esse fato nos permite estabelecer uma correlação entre as categorias de tempo e aspecto, mostrando que determinadas formas verbais são mais frequentes quando o tipo aspectual final é sancionado, também dispomos de mais um argumento para tratar as microconstruções como *chunks*, pois as formas verbais recaem sobre V₁, “deixar” e “parar” e não sobre V₂ que permanece infinitivo.

3 Parâmetros de significado

3.1 Tipo de entidade representada pelo SN sujeito

Com relação a esse parâmetro, analisamos os traços semânticos de sujeito de “deixar” e de “parar” na formação das microconstruções auxiliares aspectuais, tendo em vista que, quanto mais se amplia o estatuto semântico do sujeito, de referentes concretos para referentes mais abstratos, maior é sua produtividade e sua consolidação na rede auxiliar do português. Logo, nosso intuito é mostrar o crescimento do arranjo colocacional de sujeito, a partir das seguintes entidades: i) *indivíduo*; ii) *estado de coisas*; iii) *proposição*; e iv) *ato de fala*.

Como mostra a tabela 7, a microconstrução com “deixar” inicia sua trajetória no século XIII, com arranjo colocacional restrito, permitindo somente sujeito do tipo *indivíduo*. No último século do período arcaico, século XV, a microconstrução passa a codificar no *slot* de sujeito *estado de coisas*.

Ao longo dos séculos, observa-se a expansão desse arranjo, como verificado, no século XVIII, em que há uma ocorrência inovadora com o sujeito denotando *proposição*. No português moderno, a expansão do arranjo colocacional de sujeito se confirma, quando, no século XIX, há uma ocorrência de *ato de fala*, tipo [+ abstrato] de entidade.

Então, no português arcaico, as categorias semânticas de sujeito são: indivíduo, 98.7%, e estado de coisas, 1.3%. Na passagem do período arcaico para o período médio, verifica-se a expansão do arranjo colocacional de sujeito, aumentando a semântica dessa colocação para a entidade *estado de coisas*, 7.1%, embora indivíduo seja a função mais frequente, 92%. Entre o português médio e o português moderno, a abstratização do sujeito se confirma, pois as

ocorrências com categorias mais abstratas surgem; a mais frequente continua *indivíduo*, 78.1%, seguido de *estado de coisas*, 19.5%, de *ato de fala*, 2%, e de *proposição*, 1.3%.

A microconstrução com “parar” emerge na rede linguística de modo diferente daquela com “deixar”. Por meio do mecanismo de analogização, herdando as propriedades do esquema auxiliar e estabelecendo relações de família com a de “deixar”, a microconstrução com “parar” já emerge no século XVIII com entidade de sujeito mais abstrata: *proposição* e, depois, no português moderno, amplia para as entidades de *indivíduo*, que passa a ser mais frequente, 96.7%, seguido de *proposição*, 3%, e de *estado de coisas*, 1.3%.

Tabela 7 – Categorias semânticas do sujeito das microconstruções com “deixar” e “parar”

| | <i>Século</i> | <i>V₁</i> | <i>Indivíduo</i> | <i>Estado de coisas</i> | <i>Proposição</i> | <i>Ato de fala</i> | Total |
|--------------------------|------------------|----------------------------|----------------------------|---------------------------|-------------------------|--------------------|--------------|
| <i>Português arcaico</i> | XIII | <i>deixar</i> | 5 100% | - - | - - | - - | 5 100% |
| | XIV | <i>deixar</i> | 34 100% | - - | - - | - - | 34 100% |
| | XV | <i>deixar</i> | 42 97.7% | 1 2.3% | - - | - - | 43 100% |
| | Sub-total | <i>deixar</i> | 81 98.7% | 1 1.3% | - - | - - | 82 100% |
| <i>Português médio</i> | XVI | <i>deixar</i> | 46 95.8% | 2 4.2% | - - | - - | 48 100% |
| | XVII | <i>deixar</i> | 41 91.1% | 4 8.9% | - - | - - | 45 100% |
| | XVIII | <i>deixar</i> | 41 89.1% | 4 8.7% | 1 2.2% | - - | 46 98% |
| | | <i>parar</i> | - - | - - | 1 100% | - - | 1 2% |
| | Sub-total | <i>deixar</i> | 128 92% | 10 7.1% | 1 0.9% | - - | 139 100% |
| | <i>parar</i> | - - | - - | - - | 1 100% | - - | 1 100% |
| <i>Português moderno</i> | XIX | <i>deixar</i> | 44 86.2% | 6 11.7% | - - | 1 2.1% | 51 88% |
| | | <i>parar</i> | 7 100% | - - | - - | - - | 7 12% |
| | XX | <i>deixar</i> | 46 79.3% | 12 20.7% | - - | - - | 58 45% |
| | | <i>parar</i> | 69 97.2% | 1 1.4% | 1 1.4% | - - | 71 55% |
| | XXI | <i>deixar</i> | 42 70% | 15 25% | 1 1.6% | 2 3.4% | 60 44% |
| | | <i>parar</i> | 72 96% | 1 1.4% | 2 2.6% | - - | 75 56% |
| | Sub-total | <i>deixar</i> | 132 78.1% | 33 19.5% | 1 0.6% | 3 1.8% | 169 100% |
| | <i>parar</i> | 148 96.7% | 2 1.3% | 3 2% | - - | 153 100% | |
| Σ | <i>deixar</i> | 341 70% | 44 96% | 2 33% | 3 100% | 390 71.7% | |
| | <i>parar</i> | 148 30% | 2 4% | 4 67% | - - | 154 28.3% | |
| Total | | 489 89.8% | 46 8.5% | 6 1.2% | 3 0.5% | 544 100% | |

Fonte: Elaboração própria.

As ocorrências de (126) a (129) mostram os diferentes sujeitos expressos pela microconstrução com “deixar”.

- (126) *Depois que el rei dom Rodrigo leixou de fazer seu planto, mandou ajuntar as mais gentes que pode aver e guisousse muy toste e foisse onde soube que era Tarife. (13:CIPM:CGEsp).*
“Depois que o rei Dom Rodrigo deixou de fazer seu plantio, mandou juntar todas pessoas que possam existir e se arrumou muito cedo e se foi para o Tarife.”
- (127) *Seixas pertencia a essa classe de homens, criados pela sociedade moderna, e para a qual o amor deixou de ser um sentimento e tornou-se uma fineza obrigada entre os cavalheiros e as damas de bom-tom. (18:Alencar:Senhora).*
- (128) *Se ela é chata e você tem problemas pessoais com a moça, pare de acompanhar o trabalho de ela. Bater em mulher é crime e é outra questão. A decisão foi inquestionavelmente estúpida e machista, mas deixou de ser meu maior problema. (20501pranaopegar.tumblr.com).*
- (129) *Não se desespere achamos livros para ajudar a colocar a sua cabecinha noo lugar já que a do seu namoradinho não ficou no lugar que deveria... Anel que vibra e brilha para colocar no o seu amigo, amigo é aquilo ok! Não ache que é uma pessoa... Você tem dado em casa? Essa pergunta deixou de ser uma pegadinha apenas depois desse dado de safadeza! (20sacizento.bol.uol.com.br).*

A ocorrência em (126), do século XIV, apresenta o sujeito com função semântica de *indivíduo*, “o rei Dom Rodrigo”. A partir desse exemplo e dos dados quantitativos da tabela 7, atestamos que o *slot* prototípico de sujeito da microconstrução com “deixar” é encabeçado por essa entidade mais concreta. Porém, ao longo dos séculos, esse *slot* se abstratiza, provocando expansão colocacional do tipo semântico de sujeito. A ocorrência em (127) tem como sujeito “o amor”, entidade de segunda ordem, com função de *estado de coisas*; diferentemente da primeira ocorrência, “amor” não existe, mas acontece, dura e tem seus momentos finais.

Diferentemente das anteriores, as ocorrências (128) e (129) denotam sujeitos mais abstratos com funções semânticas de *proposição* e de *ato de fala*, respectivamente. Em (128), o sujeito “a decisão” promove um exercício mental atingido a partir de premissas avaliadas por parte do usuário da língua; em (129), há o fim de um ato ilocutivo, designado pelo referente “pergunta”.

Então, a partir desses exemplos e da tabela 7, notamos que a microconstrução aspectual de fim com “deixar” aumenta seu arranjo colocacional do tipo semântico de sujeito, sancionando referentes mais abstratos, seguindo o *cline* [*indivíduo* > *estado de coisas* > *proposição* > *ato de fala*].

Nessa expansão, ocorre uma mudança construcional de significado, o *slot* prototípico de sujeito [+ concreto] é neoanalisado e passa a abarcar outros referentes [+ abstratos]. Esse micropasso no crescimento colocacional advoga em prol do aumento da produtividade *type*, uma vez que as microconstruções não ficam restritas a um determinado sujeito com traços

restritos. Duas motivações possíveis para o aumento desse arranjo colocacional está na relação da microconstrução com o esquema altamente produtivo de que ela é membro; esse esquema, por ser geral, permite alta variabilidade de traços semânticos, isso se traduz no nível mais baixo e também está na atuação do processo de memória enriquecida que, pelo constante uso, essa microconstrução se torna sedimentada na mente do usuário.

Com base nesses apontamentos, argumentamos que a mudança construcional da função de sujeito com a microconstrução de “deixar” se deu gradualmente, fazendo com que sua consolidação se desse através de toda a história do português. Essa abstratização gradual, entretanto, não é atestada na microconstrução com “parar. Observemos, portanto, as ocorrências de (130) a (132).

(130) *Gil tornou a falar: - Comenta-se que foi crime.. Rita parou de mastigar, com um pedaço de biscoito preso entre os dentes. Nora tornou a apanhar a carta, como se quisesse descobrir-lhe nas entrelinhas um sentido novo. (19:Fic:Br:Verissimo:Resto).*

(131) *Bom sai com meu namorado um dia depois q minha menstruação parou de vir, depois de 3 dias comecei a ter muiiitas colicas, dores nos seios, vontade de ir no banheiro quase toda hora (a meu xixi ficou de cor transparente), e agora isso é difícil mas acontece de vez enquanto tenho ansias só de ver certas comidas, e minha menstruação não veio normal, veio apenas algumas gotas de sangue. Será q isso quer dizer que estou grávida???? (20engravidar.blog.br)*

(132) *A avaliação anual dos espanhóis sobre a monarquia parou de ser realizada por o CIS (Centro de Investigações Sociológicas) em 2011, quando a família real recebeu a nota pífia de 4,89. (20brasildefato.com.br).*

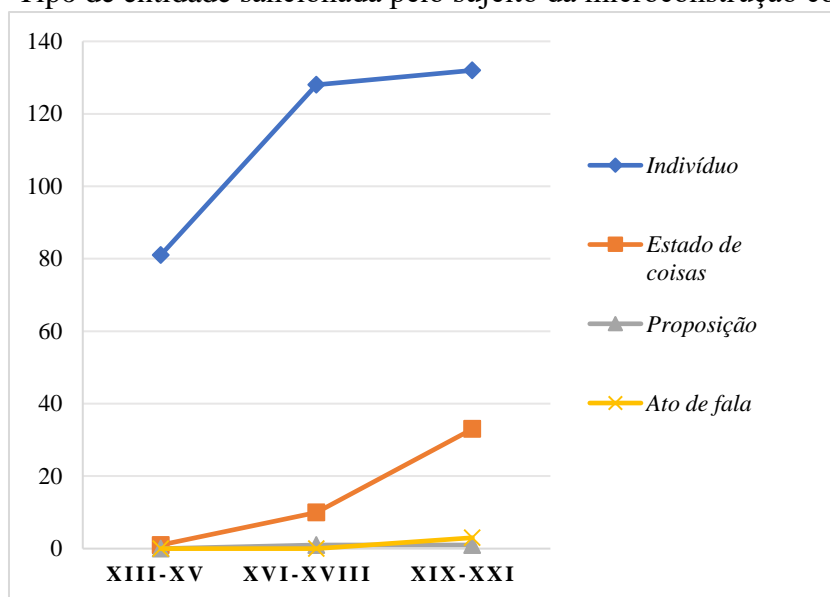
Em (130), a microconstrução com “parar” apresenta o referente mais concreto, “Rita”, funcionando como *indivíduo* cuja existência pode ser comprovada no mundo. A ocorrência em (131), o sujeito, “a menstruação”, *estado de coisas*, tem sua realização finalizada. Finalmente, em (132), “a avaliação anual dos espanhóis” representa um referente [+ abstrato] que os primeiros, funcionando como *proposição*, porque evidencia-se construção mental de um estatuto de verdade acerca de um julgamento, feito pelos usuários.

Salientamos que não encontramos casos de sujeito sancionado por *ato de fala* em nossa coleta, asseverando que a microconstrução com “parar” ainda não se expandiu totalmente para todas as funções semânticas de referente, exibindo o seguinte *cline*: [*indivíduo* > *estado de coisas* > *proposição*].

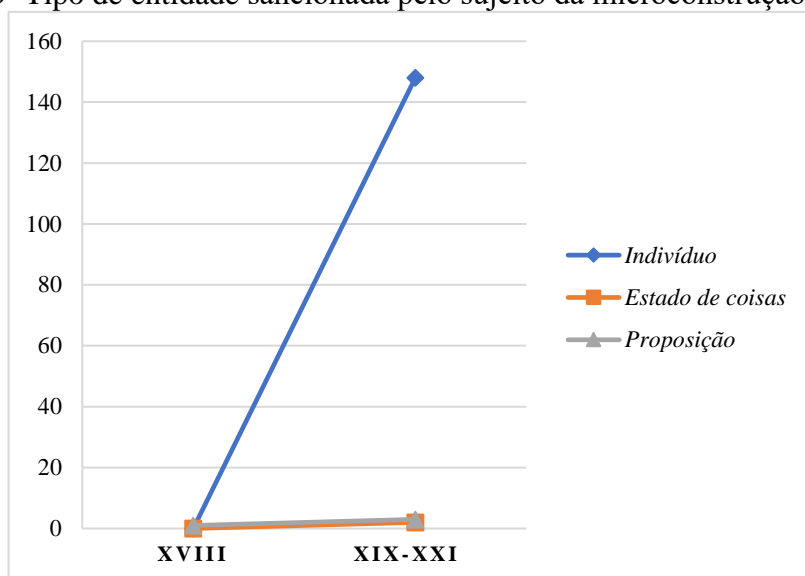
Assim, consideramos que essa microconstrução não emerge e se consolida gradualmente na rede auxiliar assim como a de “deixar”, ela emerge via o mecanismo de analogização com arranjo colocacional já expandido, como mostra a tabela 7, em que, no século XVIII, o *slot* de sujeito é sancionado por uma *proposição*, herdando a produtividade da semântica do sujeito do esquema. No entanto, atestamos a atuação da neanálise nesse *slot*, promovendo um micropasso para que com a rotinização de entidades mais abstratas, como de *estado de coisas* e de *proposição*, seu arranjo colocacional possa atingir a função de *ato de fala*.

Em suma, os gráficos 2 e 3 ilustram os fatos apresentados acima, evidenciando o aumento gradual do arranjo colocacional de sujeito das microconstruções com “deixar” e a emergência da microconstrução com “parar” com sua produtividade *type* de sujeito já expandida.

Gráfico 2 – Tipo de entidade sancionada pelo sujeito da microconstrução com “deixar”



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3- Tipo de entidade sancionada pelo sujeito da microconstrução com “parar”

Fonte: Elaboração própria.

3.2 Feixes semânticos de V_{2inf} .

Almejamos investigar, nesse último parâmetro de significado, o único *slot* totalmente aberto das microconstruções: V_{2inf} . O questionamento proposto versa sobre o tipo de verbo e sobre extensibilidade desse *slot* em termos de frequência *token* e *type*, verificando a hipótese de que as microconstruções consolidam-se na rede linguística à medida que elas sancionam verbos mais abstratos. Para alcançar esses objetivos, relacionamos, aqui, duas propostas: a de feixe de exemplares (BYBEE, 2016) e a escala de traços semânticos-pragmáticos verbais (TRAVARES; FREITAG, 2010).

Segundo Bybee (2016, p. 35), “representações por um feixe de exemplares são representações de memória enriquecida; elas contêm, ao menos potencialmente, toda a informação que o usuário da língua pode perceber na experiência”. A autora ainda afirma que todas as construções na rede linguística têm representações por feixes de exemplares pela possibilidade de preenchimento por uma gama de elementos, como palavras ou sintagmas.

Em nosso caso, a fim de averiguar a produtividade das microconstruções sob análise, devemos dispor de feixes verbais que são codificados pelo V_{2inf} , mostrando possíveis expansões no arranjo colocacional desse *slot* cuja extensibilidade, a ser atestada, seria de feixes mais concretos em direção a feixes mais abstratos.

Para classificarmos os tipos verbais encontrados em cada feixe, recorreremos à escala verbal de traços semânticos pragmáticos, proposta por Tavares e Freitag (2010) (cf. Quadro

14). Essa escala hierárquica se organiza a partir de verbos mais concretos, como “fazer”, de *atividade específica*, até verbos mais abstratos, como “ser”, de *estado*. Entendemos, neste trabalho, cada traço verbal elencado pelas autoras como um feixe semântico.

Consideremos os dados dispostos na tabela 8, sobre a microconstrução com “deixar”.

Tabela 8 - Frequência *token* e *type* dos feixes de V_{2inf} . com “deixar”

| Século/Tk/Ty ³⁴ | 13 | | 14 | | 15 | | 16 | | 17 | | 18 | | 19 | | 20 | | 21 | |
|------------------------------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| | Tk | Ty | Tk | Ty | Tk | Ty | Tk | Ty | Tk | Ty | Tk | Ty | Tk | Ty | Tk | Ty | Tk | Ty |
| <i>Atividade específica</i> | 5 | 4 | 9 | 6 | 22 | 8 | 24 | 12 | 21 | 16 | 18 | 13 | 13 | 10 | 16 | 14 | 12 | 9 |
| <i>Dicendi</i> | - | - | 23 | 3 | 9 | 3 | 3 | 3 | 4 | 4 | 5 | 2 | 1 | 1 | 2 | 2 | - | - |
| <i>Atividade difusa</i> | - | - | 1 | 1 | 6 | 5 | 8 | 4 | 4 | 4 | 5 | 4 | 3 | 3 | 10 | 8 | 11 | 9 |
| <i>Estímulo mental</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| <i>Experimentação mental</i> | - | - | - | - | 2 | 1 | - | - | 2 | 2 | 5 | 2 | 5 | 2 | 5 | 5 | 4 | 3 |
| <i>Relacional</i> | - | - | - | - | 1 | 1 | 5 | 5 | 3 | 2 | 1 | 1 | 2 | 2 | 2 | 2 | 5 | 1 |
| <i>Existência</i> | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | 1 | 4 | 2 | 2 | 1 | 3 | 1 |
| <i>Estado</i> | - | - | 1 | 1 | 3 | 1 | 8 | 1 | 11 | 1 | 9 | 1 | 22 | 2 | 20 | 1 | 24 | 1 |
| Total | 5 | 4 | 34 | 11 | 43 | 19 | 48 | 25 | 45 | 29 | 46 | 26 | 51 | 23 | 58 | 34 | 60 | 25 |

Fonte: Elaboração própria.

Nas nove sincronias investigadas, o V_{2inf} . da microconstrução de aspecto final com “deixar” é expresso por oito feixes semânticos de traços concretos e abstratos. Nos séculos XIII e XIV, essa microconstrução denota, frequentemente, feixes mais concretos: *atividade específica* (14 *tokens*, 10 *types*), *dicendi* (23 *tokens*, 3 *types*), *atividade difusa* (1 *token*, 1 *type*), e apenas 1 *token* e 1 *type* de feixe mais abstrato, *estado*.

Nos séculos XV e XVI, notamos novos conjuntos, evidenciando maior abstratização da microconstrução, pois feixes mais abstratos como *experimentação metal* (2 *tokens*, 1 *type*), *relacional* (6 *tokens*, 6 *types*) e *estado* (11 *tokens*, 2 *types*) começam a se tornar mais frequentes. Caso semelhante ocorre entre os séculos XVII e XVIII, em que novos feixes surgem como *estímulo mental* (2 *tokens*, 2 *types*) e *existência* (1 *token*, 1 *type*), e o feixe de *estado* (20 *tokens*, 2 *types*) começa a estabelecer-se como mais frequente. A abstratização do *slot* de V_{2inf} . confirma-se nas últimas sincronias, séculos XIX e XXI, em que o feixe mais abstrato da hierarquia, *estado*, (44 *tokens*, 2 *types*) ultrapassa a frequência *token* do feixe de *atividade específica* (28 *tokens*, 23 *types*) até então o mais frequente desde os primeiros séculos.

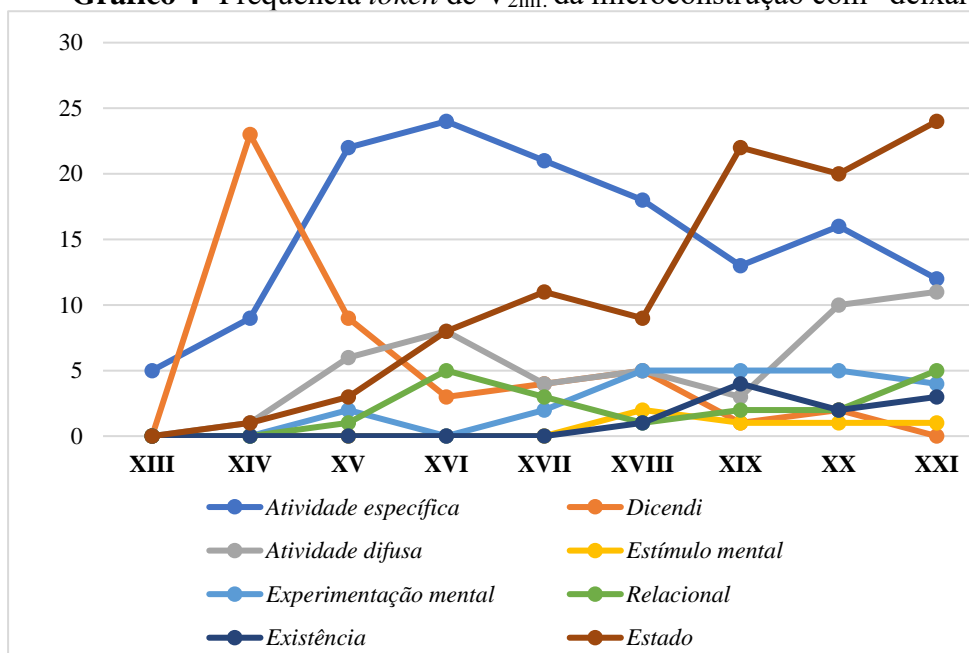
A abstratização e consolidação da microconstrução com “deixar” se comprova pela mudança construcional de significado, em que feixes semânticos mais concretos como de *atividade específica* e *difusa*, por exemplo, são mais frequentes até o século XVIII, cedendo

³⁴ Tk (*tokens*): quantidade de V_{2inf} ., independentemente do tipo. Ty (*type*): quantidade de tipos diferentes de V_{2inf} ..

lugar aos feixes mais abstratos, como de *estado*, por meio do mecanismo de neoanálise. A partir do século XIX, outros feixes abstratos começam a ser sancionados, como o de *experimentação mental*, *relacional* e de *existência*, expandindo o arranjo colocacional do *slot* em foco.

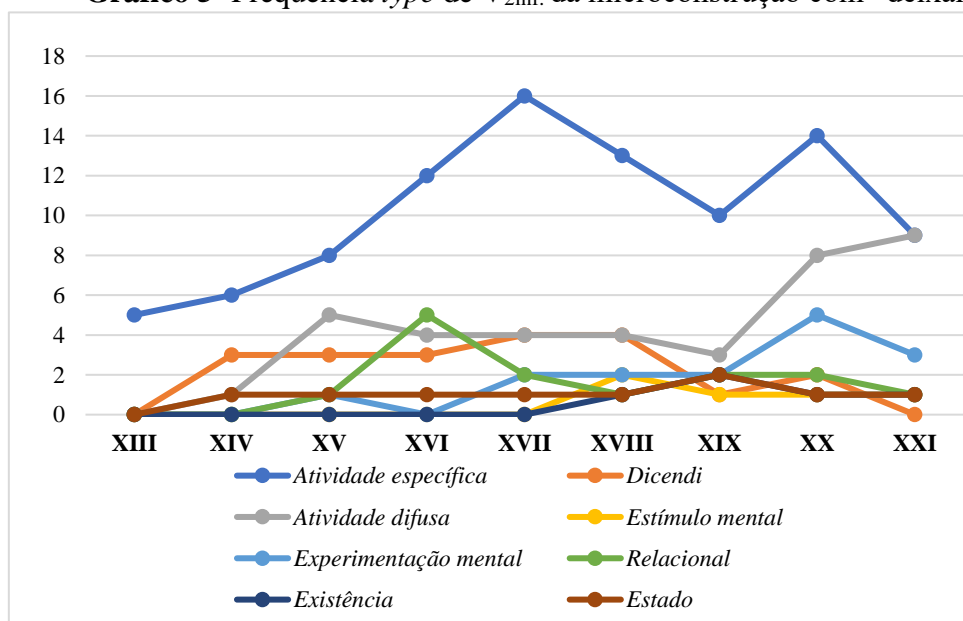
O gráfico 4, de frequência *token*, ilustra esse percurso gradual de abstratização e o gráfico 5, de frequência *type*, mostra que o aumento de *tokens* em cada feixe reflete-se também na variedade de tipos dentro de cada feixe.

Gráfico 4- Frequência *token* de V_{2inf} . da microconstrução com “deixar”



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 5- Frequência *type* de V_{2inf} . da microconstrução com “deixar”



Fonte: Elaboração própria.

As ocorrências de (133) a (135) são exemplos de feixes semânticos mais concretos.

- (133) *Não sei como hajam faltado tanto a V. S.^a as minhas cartas, porque em todos os correios últimos tenho escrito, e só o deixei de fazer quando a força da doença foi tanta, que nem para ditar duas regras me dava lugar. (16:Vieira:Cartas).*
- (134) *Agora leixa aqui a estória de fallar del rei dom Ordonho e diremos de Abdenaamer, rei de Cordova, como lidarom elle e el rei dom Ordonho. (13:CIPM:CGEsp)*
“Agora, deixa de falar aqui da estória do rei Dom Ordonho e diremos sobre Abdenaamer, rei de Cordova, de como ele e o rei Dom Ordonho combateram”.
- (135) *Em novembro acontece o fim da guerra civil e da intervenção estrangeira na Rússia européia. Os resultados desse período foram desastrosos, a produção e todos os setores da economia decaíram, pois os trabalhadores não tinham experiência em administrar empresas, o comércio praticamente deixou de funcionar e o bloqueio econômico dos países capitalistas pioravam a situação. (19Ac:Br:Enc).*

Em (133), O V_{2inf.}, “fazer” evoca uma *atividade específica*, em que o refere elíptico enuncia o fim de “escrever cartas”. Em (134), “falar”, do feixe *dicendi*, expressa a mudança de tema do assunto em voga na conversa. Em (135), a microconstrução tem no *slot* de V_{2inf.} um verbo de *atividade difusa*, “funcionar”, apontando para os momentos finais da atuação do comércio.

As ocorrências de (136) a (140) são exemplos de feixes mais abstratos.

- (136) *Em certo momento julgou que ele estivesse doente, vendo sua falta de apetite. Mas, como esperasse em vão sintomas que não surgiam, resolveu afinal fazer uma consulta a Maria Ernestina, sempre tão experimentada nestas questões. A solteirona ergueu os ombros: "É da idade" - e a conversa morreu neste ponto. Satisfeita, Áurea deixou de se preocupar com Sílvio. (19:Fic:Br:Cardoso:Dias).*
- (137) *Em 1924, publica então o “Manifesto Surrealista” defendendo a “escrita automática”, as imagens inconscientes e o livre fluxo do pensamento que deve expressar-se sem o controle da razão. Posteriormente, distingue o movimento em época puramente instintiva e época racional, sendo que na segunda fase deixa de acreditar “no pensamento supremo sobre a matéria”. (19Ac:Br:Enc).*
- (138) *Os bancos demitiram seus melhores gerentes de banco, e o gerente de banco deixou de ter qualquer autonomia como responsável pelo crédito, que passou para departamento quantitativo do banco. (20brasil.melhores.com.br).*
- (139) *Até o final de 1920, com a invasão imperial japonesa, a China deixou de existir como um país unificado. (20agendaglobal21.wordpress.com).*

(140) *A maior rede de televisão brasileira há muito tempo **deixou de ser** um veículo de comunicação para ser um veículo de manipulação. O engraçado é que agente sempre cai na deles!* (2000Ipontodevista.zip.net).

A ocorrência em (136) mostra o término do *estímulo mental*, preocupar-se, vivenciado por Áurea com relação a Sílvia. Em (137), o V_{2inf} “acreditar”, de *experimentação mental*, prevê o fim de uma crença por um sujeito experienciador, o autor descrito. Em (138), o verbo “ter”, do feixe *relacional*, representa os momentos finais de uma relação de posse, em que o gerente do banco perde sua autonomia. Em (139), a ocorrência com o verbo “existir”, de *existência*, revela que a China não era mais um país uno até 1920. Finalmente, do feixe mais abstrato, *estado*, a ocorrência em (140) mostra a finalização da condição da “maior rede de televisão” em ser “veículo de comunicação”, seu estado mudou, agora, ela representa um “veículo de manipulação”.

Agora, observemos os dados dispostos na tabela 9, sobre a microconstrução com “parar”.

Tabela 9 - Frequência *token* e *type* dos feixes de V_{2inf} com “parar”

| Século/Tk/Ty | 18 | | 19 | | 20 | | 21 | |
|---|----|----|----|----|----|----|----|----|
| | Tk | Ty | Tk | Ty | Tk | Ty | Tk | Ty |
| <i>Momentâneo</i> | - | - | - | - | 3 | 2 | - | - |
| <i>Atividade específica</i> | - | - | 5 | 3 | 30 | 19 | 41 | 24 |
| <i>Dicendi</i> | - | - | - | - | 10 | 3 | 5 | 3 |
| <i>Atividade difusa</i> | - | - | 2 | 2 | 13 | 7 | 21 | 14 |
| <i>Estímulo mental</i> | - | - | - | - | - | - | 2 | 1 |
| <i>Evento transitório não intencional</i> | - | - | - | - | - | - | 2 | 2 |
| <i>Processo</i> | 1 | 1 | - | - | 3 | 2 | - | - |
| <i>Experimentação mental</i> | - | - | - | - | 3 | 2 | 2 | 2 |
| <i>Relacional</i> | - | - | - | - | 6 | 3 | - | - |
| <i>Estado</i> | - | - | - | - | 3 | 1 | 2 | 1 |
| Total | 1 | 1 | 7 | 5 | 71 | 39 | 75 | 47 |

Fonte: Elaboração própria.

Como mencionado anteriormente, a microconstrução com “parar” emerge no século XVIII, e, diferentemente daquela com “deixar”, não há um percurso gradual em que os feixes se abstratizam ao longo dos séculos, porque já no século de sua emergência, ela denota um feixe semântico mais abstrato, de *processo* (1 *token*, 1 *type*).

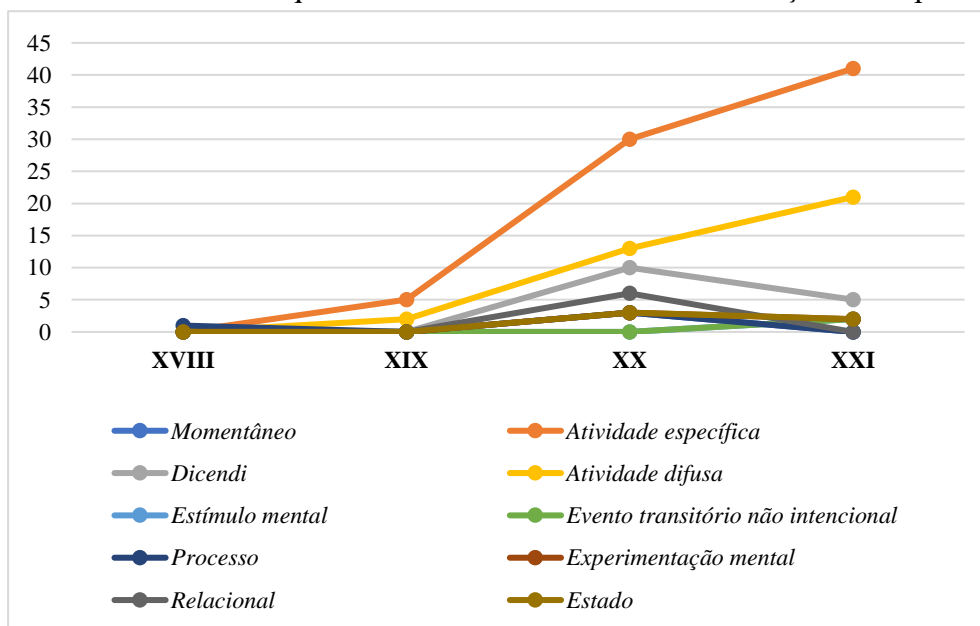
No século XIX, feixes mais concretos, como de *atividades específica* (5 *tokens*, 3 *types*) e *difusa* (2 *tokens*, 2 *types*) são os mais frequentes. Nos séculos seguintes, XX e XXI, esses feixes concretos firmam-se como os mais frequentes, atividade específica (71 *tokens*, 43 *types*) e atividade difusa (34 *tokens*, 21 *types*) e novos feixes abstratos surgem, com menor frequência,

quando comparados aos primeiros, *estímulo mental* (2 tokens, 1 type), *evento transitório não intencional* (2 tokens, 2 types), *processo* (3 tokens, 2 types), *experimentação mental* (4 tokens, 4 types), *relacional* (6 tokens, 3 types) e *estado* (5 tokens, 2 types).

Uma plausível resposta para a alta frequência de feixes mais concretos, em detrimento de feixes abstratos, reside na recente construcionalização gramatical de “parar”, enquanto marcador de aspecto final que, no português, se deu via analogização ao esquema auxiliar, estabelecendo relações de família com “deixar”, mais antigo na rede. Então, a nosso ver, o processo de abstratização do *slot* de V_{2inf} dessa microconstrução ainda está em movimento até a sincronia atual. Argumentamos que o mecanismo de neoanálise ainda se faz presente, promovendo a mudança construcional de significado que possibilita a sanção de feixes mais abstratos, resultando na expansão do arranjo colocacional do *slot* em foco.

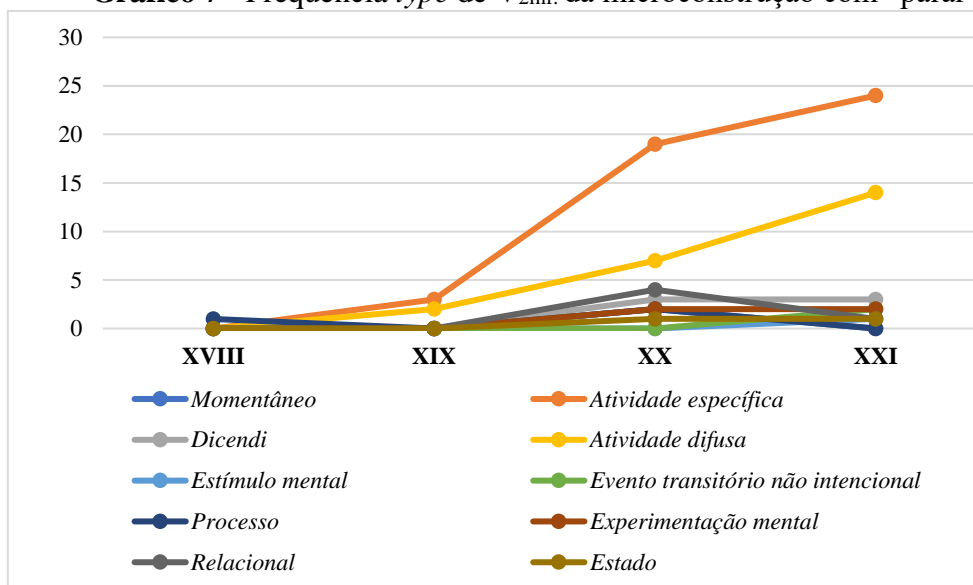
Os gráficos 6 e 7 de frequência *token* e *type*, respectivamente, ilustram os feixes semânticos mais concretos como mais frequentes e o aumento dos tipos nesses feixes.

Gráfico 6 - Frequência *token* de V_{2inf} da microconstrução com “parar”



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 7 - Frequência *type* de V_{2inf} da microconstrução com “parar”



Fonte: Elaboração própria.

As ocorrências de (141) a (144) são exemplos de feixes semânticos mais concretos.

- (141) *Aimbé pareceu também meio enfeitado. Ficou parado, ausente, por uns instantes, e depois reagiu: - Tuiú é à-toa! Tuiú obedece já.. Fica bom filho, senão eu mando embora! Tuiú parou de assobiar. Dissipou-se o encanto da passarada. (19:Fic:Br:Queirós:Galo).*
- (142) *Uma longa esteira seguia a embarcação, refletindo os raios do sol ainda no oriente, e os troncos vermelhos dos índios destacavam-se na linha do horizonte por entre a folhagem verde. Na altura do estirão que, ao que deviam supor, lhes encobria os brancos, dispuseram-se a atravessar o rio, mas não vendo a montaria, pararam de remar, hesitantes e surpresos. (18:Sousa:Missionário).*
- (143) *Perto de o final, quando eles capturaram o fantasma e estavam prestes a desmascarar-la, algo muito estranho aconteceu. Todos os personagens de a gangue do Scooby-Doo pararam de falar e olharam para a câmara com um olhar muito triste e sério em seus rostos. (20ahduvido.com.br).*
- (144) *Desde pequena imaginava tipos diferentes de sociedade. Cheguei até a entrar em Sociologia na USP, mas parei de cursar por causa do cinema.(200Ivideo.empresarial.ws).*

Em (141), V_{2inf} , “assobiar”, encontra-se no feixe mais concreto, *momentâneo*, expressando o fim de uma atividade de curta duração. Em (142), os agentes finalizam o ato de “remar” cujo feixe é de *atividade específica*. Na ocorrência em (143), os personagens atingem o ponto final da conversa ao utilizar o verbo “falar”, do feixe *dicendi*. Enfim, em (144), de *atividade difusa*, o referente interrompe seu curso de sociologia para ingressar em outro, cinema.

As ocorrências de (145) a (150) se inserem em feixes semânticos mais abstratos e são, como já evidenciado, menos frequentes com a microconstrução de “parar”.

- (145) *A partir de o momento que joguei tudo por alto e mandei meio mundo se fu ** (literalmente) eu melhorei horrores! Não sofri mais com gastrite, não passei mais noites em claro por causa de uma frase mau colocada, parei de sofrer porque não agradei a o fulano... Foi EXTREMAMENTE libertador!! (20elise-saladamista.com.br)*
- (146) *E a partir de quantos dias podemos ficar despreocupados para fazer sexo? tomo anticoncepcional faz um mes, e sou muito encanada, minha menstruação parou de descer há dois dias, e ja estou iniciando a segunda cartela desde o dia que ela começou a descer, e ontem fiz sexo sem camisinha mas como tive medo pedi pra ele parar. (20guiadesintomas.blogspot.com).*
- (147) *A balança comercial teve déficit de apenas US\$ 829 milhões, o buraco na conta de transações correntes parou de crescer (permanecendo em 4,3% do PIB), os gastos com viagens internacionais diminuíram e, entre outras coisas, o país registrou recorde de investimentos diretos. (19N:Br:Recf).*
- (148) *Paramos aí, terminando o almoço em silêncio; e imaginei como seria se eu parasse de falar. Mudo, voltamos pro carro. Parei de pensar, dormi o resto da viagem e não me lembro de ter sonhado. (19:Fic:Br:Paiva:Brasil).*
- (149) *- eu acho que muitos - e aquele rolo foi muito grande - mas depois a gente vai amadurecendo aos pouquinhos - a primeira coisa que eu resolvi fazer foi parar de comparar - eu quero que ele trate assim o meu filho e: a maneira que ele trata os filhos dele pouco me importa me interessa é que ele trata assim o meu filho - e isso foi um santo remédio. (19Or:Br:LF:Recf).*
- (150) *O Bruce está muito mais feliz, pois ele parou de ser tão ansioso. Eu e minha família estamos muito felizes e agradecemos ao excelente trabalho do Thiago, pois ele é um maravilhoso adestrador e ama o que faz. (20caocidadao.com.br).*

A ocorrência em (145) apresenta no *slot* de V_{2inf} o verbo “sofrer”, de *estímulo mental*, em que o referente já não tem essa experiência mental causada por outrem. Em (146), há um *estado de coisas*, “menstruação”, que atingiu seu ponto final, expresso pelo verbo “descer, do feixe *evento transitório não intencional* em que não há controle por parte do sujeito. Em (147), o V_{2inf} , “crescer”, do feixe *processo*, denota os momentos finais do aumento do “buraco nas contas correntes”. A ocorrência em (148) exhibe um verbo de *experimentação mental*, “pensar”, o experienciador, “eu”, que expressa a finalização de seus pensamentos após uma avaliação sobre como seria “não falar mais”. Em (149), o verbo “comparar”, *relacional*, estabelece o

término de uma relação de comparação entre o modo de tratamento dos filhos. Finalmente, em (150), do feixe mais abstrato, *estado*, o cão Bruce encerra seu estado de “ser” ansioso.³⁵

Em suma, em termos de produtividade no nível de microconstruções, podemos dizer que [deixar+de+V_{2inf.}] é mais produtiva, uma vez que sanciona tanto feixes mais concretos quanto feixes mais abstratos. Isso se dá pela sua consolidação e pela sua neoanálise gradual através dos séculos. A microconstrução [parar+de+V_{2inf.}] é parcialmente produtiva, pois, mesmo sancionando feixes abstratos, ela ainda parece restringir-se a feixes mais concretos, indicando que o *slot* de V_{2inf.} ainda está em manutenção até a sincronia atual.

4 Síntese

Tendo em vista a discussão dos parâmetros de forma e de significado, afirmamos que as microconstruções com “deixar” e “parar” são auxiliares aspectuais do português, ou ainda, *chunks* procedurais. No entanto, elas se diferem ao consideramos as propriedades construcionais de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade.

No tocante à propriedade de esquematicidade, argumentamos que [deixar+de+V_{2inf.}] é mais ou menos esquemática, uma vez que, ao longo dos séculos, ela permitiu a inserção de elementos como sintagmas adverbiais e conjunções entre seus componentes e, na sincronia atual, ela parece estar mais fechada, permitindo somente a variabilidade de V_{2inf.}. [Parar+de+V_{2inf.}] também é parcialmente esquemática, uma vez que, no português moderno, ainda possibilita a inserção de sintagmas adverbiais e apresenta o *slot* de V_{2inf.} como aberto.

Sobre a propriedade de produtividade, consideramos três parâmetros. Comprovamos, por meio do parâmetro de forma verbal, que a produtividade de [deixar+de+V_{2inf.}] decresce. Até o português médio, essa microconstrução era expressa por uma variabilidade de tempos. No entanto, no português moderno, ela se reduz para os tempos do pretérito perfeito, do presente do indicativo e das formas nominais, especialmente, o infinitivo. [Parar+de+V_{2inf.}] emerge com formas verbais mais restritas, ocorrendo, majoritariamente, nos tempos do pretérito perfeito, do imperfeito do indicativo e das formas nominais, comumente, a infinitiva.

No parâmetro de tipos de entidade representada pelo SN sujeito, [deixar+de+V_{2inf.}] expande o arranjo colocacional de sujeito para entidades mais abstratas no decorrer dos séculos. Apesar de *indivíduo* ser a mais frequente em todas as sincronias, essa microconstrução sofre mudança construcional de significado, e o *slot* de sujeito, via neoanálise, passa a sancionar

³⁵ Para verificar todos os V_{2inf.} das microconstruções com “deixar” e “parar” através dos séculos, vide apêndice A.

entidades como *estado de coisas*, *proposição* e *ato de fala*. Diversamente, [parar+de+V_{2inf.}], pelo mecanismo de analogização ao esquema e pela relação de família com a microconstrução de “deixar”, emerge no século XVIII com sujeito na entidade *proposição*. Nas sincronias recentes, tem como entidade mais frequente a de *indivíduo* e ainda não sanciona sujeitos da entidade de *ato de fala*.

A produtividade das microconstruções também foi atestada pelo parâmetro de feixes semânticos de V_{2inf.}. Em [deixar+de+V_{2inf.}], o *slot* em foco sanciona feixes mais concretos nas sincronias mais pretéritas, como *atividade específica*, *dicendi* e *atividade difusa*, e, nas sincronias recentes, se abstratiza, sancionando feixes mais abstratos como o de *estado*, que se torna o mais rotinizado em frequência *token*. Entendemos essa abstratização como uma mudança construcional de significado, em que V_{2inf.} se neoanalisa e se expande para outros feixes. Já [parar+de+V_{2inf.}], mesmo sancionando feixes mais abstratos, ainda apresenta, como mais frequente, em termos de *token* e *type*, V_{2inf.} mais concretos, dos feixes de *atividades específica* e *difusa*, o que nos leva a concluir que a neoanálise ainda está atuante na microconstrução.

Acerca da propriedade de composicionalidade, atestamos que tanto [deixar+de+V_{2inf.}] quanto [parar+de+V_{2inf.}] são menos composicionais, porque os verbos “deixar” e “parar” não selecionam mais estrutura argumental e não exibem mais a semântica de descontinuidade; seja por afastamento ou por interrupção, entre o sujeito e o objeto, eles agora se unem a outros componentes para expressar a fase final de uma situação durativa. Então, V₁ mais a preposição “de” mais V_{2inf.} se fundem para formar um *chunk* procedural de aspecto final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho dedicou-se à descrição e à análise diacrônica das microconstruções auxiliares de aspecto final [deixar+de+V_{2inf.}] e [parar+de+V_{2inf.}] no português com o intuito de verificar a hipótese, baseada no *cline* clássico dos estudos em gramaticalização [+ concreto > + abstrato], de que essas microconstruções emergem do esquema transitivo [SUJ+V_{TR}+OBJ], adquirindo traços de auxiliaridade à medida que se consolidam na rede.

Resumidamente, esta investigação foi desenvolvida em duas fases: a primeira, de natureza teórica, baseou-se nas principais premissas dos MBU para repensar os estudos clássicos sobre a auxiliaridade (LOBATO, 1975; HEINE, 1993; LONGO; CAMPOS, 2002; ILARI; BASSO, 2008) e sobre a categoria de aspecto (COMRIE, 1976; CASTILHO, 1968, 2002; TRAVAGLIA, 2014). A segunda, de natureza descritiva, analisou, diacronicamente, as duas microconstruções em foco.

O principal resultado teórico-metodológico foi o reconhecimento de que os parâmetros clássicos para definir verbo auxiliar puderam ser acoplados às propriedades construcionais de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade, a partir da proposição de parâmetros de forma e de significado.

Os resultados de investigação empírica corroboraram a hipótese descrita acima. As microconstruções com “deixar” e “parar” emergem por meio abstratização do *slot* de objeto que se expande para entidades semânticas mais abstratas e para estruturas próximas a de um V_{2inf.}. Esse fato é o gatilho para o desenvolvimento da construcionalização gramatical dessas microconstruções, em que a categoria de *objeto* se transfere para a categoria *atividade*, expressa pelo V_{2inf.}, constituindo o *status* de auxiliar. As microconstruções auxiliares herdaram do esquema auxiliar do português a forma [V₁+Prep+V_{2inf.}] e partilham a semântica aspectual de fim.

Em vista disso, baseados em Traugott e Trousdale (2013), medimos a dimensão das microconstruções auxiliares estudadas como:

- a) Tamanho: são complexas, pois são *chunks* gramaticais, não composicionais;
- b) Especificidade fonológica: são intermediárias, por serem parcialmente esquemáticas, pois o *slot* de V_{2inf.} é aberto;
- c) Conceito: procedural, por marcarem a categoria gramatical de aspecto final.

Além de definir sua dimensão, também investigamos a consolidação desse objeto, através de parâmetros de forma e de significado, contemplando a emergência temporal e demonstrando as mudanças sofridas.

No português arcaico, [deixar+de+V_{2inf.}] apresentava variabilidade na forma e o único *slot* fixo era V₁. A preposição alternava-se em “a” e “de” e, além disso, elementos, como sintagmas adverbiais, eram intervenientes entre seus componentes. V₁ se flexionava em diferentes formas verbais e o *slot* de V_{2inf.} sancionava feixes semânticos de verbos mais concretos. O *slot* de sujeito, por sua vez, apenas sancionava sujeito com funções mais concretas, como *indivíduo*. Nos séculos XIV e XV, evidenciamos a ação da neoanálise em duas mudanças construcionais de significado: no século XIV, o arranjo colocacional de V_{2inf.} começa a expandir-se para o feixe de estado, mais abstrato e, no século XV, a microconstrução passa a ocorrer com sujeito encabeçado pela entidade de *estado de coisas*. Ademais, [deixar+de+V_{2inf.}] já não apresentava composicionalidade, dada a abstratização de “deixar” para expressar o fim de uma *atividade*.

No português médio, a forma [deixar+de+V_{2inf.}] começa a fixar-se, a preposição “de” suplanta a preposição “a” e os elementos intervenientes, como sintagmas adverbiais e conjunções, passam a ocorrer com menos frequência. As formas verbais de V₁ começam a reduzir-se e a abstratização dos *slots* de sujeito e de V_{2inf.} continuam a ocorrer. No século XVIII, a microconstrução passa a sancionar sujeito da entidade de *proposição* e feixes verbais mais abstratos, como de *estado*, promovendo um decréscimo em frequência *token* de feixes concretos, como de *atividade específica, dicendi e atividade difusa*. Como no período anterior, a microconstrução permanece não composicional.

No português moderno, a consolidação de [deixar+de+V_{2inf.}] confirma-se. A forma fixa-se, dispondo apenas de um *slot* aberto: V_{2inf.}. No século XXI, por exemplo, a microconstrução ocorre sem elementos intervenientes. As formas verbais mais frequentes são pretérito perfeito do indicativo, presente do indicativo e formas nominais, frequentemente, a infinitiva. Os micropassos de significado também se confirmam, o *slot* de sujeito, a partir da emergência da função semântica de *ato de fala* no século XIX, sanciona todas entidades possíveis para o referente, e o *slot* de V_{2inf.} sanciona m frequentemente feixes mais abstratos, como *estado*, conferindo o percurso iniciado no período médio. Finalmente, a não composicionalidade constata a construcionalização gramatical do verbo “deixar” e a formação de um *chunk* procedural para expressão de aspecto final.

[Parar+de+V_{2inf.}] emerge, no século XVIII, português médio, sem elementos intervenientes, sancionando sujeito de função mais abstrata, *proposição*. No português

moderno, essa microconstrução possibilita a inserção de sintagmas adverbiais intervenientes até a sincronia atual, século XXI, embora a não intervenção seja altamente frequente. As formas verbais de V_1 encontram-se reduzidas a pretérito perfeito e imperfeito do indicativo e formas nominais, especialmente, a infinitiva. Os *slots* de sujeito e de $V_{2inf.}$ ainda estão em manutenção, por meio da neoanálise. A microconstrução passa a sancionar referentes mais abstratos como *estado de coisas* e *proposição*, mas ainda não atingiu a entidade de *ato de fala*; além disso, os feixes semânticos de $V_{2inf.}$ mais frequentes ainda são os de traços mais concretos, como atividades específica e difusa, embora já sancione, menos frequentemente, feixes abstratos, como o de *estado*. A não composicionalidade da microconstrução se afere por “parar” não sancionar estrutura argumental e por seu sentido estar abstratizado na marcação da semântica de fim.

A nosso ver, esses argumentos comprovam-se pela construcionalização gramatical de “parar” que, via analogização ao esquema auxiliar e se relacionando, em termos de família, com a microconstrução de “deixar”, mais antiga na rede. “Parar” com preposição “de” e com um *slot* aberto de $V_{2inf.}$ forma um *chunk* procedural não composicional para indicar a fase final de uma situação em curso.

Portanto, em decorrência da complexidade do objeto aqui investigado, encaminhamentos futuros podem ser delineados. Seguindo a proposta deste trabalho, que é essencialmente diacrônica e que argumenta a favor da auxiliaridade das microconstruções com “deixar” e “parar” enquanto marcadoras de aspecto final, convém um estudo que investigue as demais microconstruções auxiliares aspectuais do português, considerando tanto aquelas que indicam fim, como [acabar+de+ $V_{2inf.}$], [terminar+de+ $V_{2inf.}$], [largar+de+ $V_{2inf.}$] etc., quanto aquelas que indicam início, como [começar+a+ $V_{2inf.}$] etc., com o intuito de mostrar seus diferentes caminhos de consolidação e, por fim, elaborar, de maneira mais completa, uma rede auxiliar aspectual para o português, apontando o compartilhamento de elos de herança e de relações de família entre as microconstruções.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, K. S.; CEZARIO, M. M. A dimensão do uso na gramaticalização de construções. *In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. **Linguística Centrada no Uso***. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 63-73.
- BARÐDAL, J. **Productivity**: evidence from case and argument structure in icelandic. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). **Usage-based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BASILIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2002.
- BOAS, H. C. Cognitive construction grammar *In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). **The Oxford handbook of construction grammar***. New York: Oxford University Press, 2013. p. 233-252.
- BOAS, H. C. Resolving form-meaning discrepancies. *In: LEINO, J. (ed.). **Constructional reorganization***. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 11-26. 2008.
- BOAS, H. C.; SAG, I. A. (ed.). **Sign-based construction grammar**. Stanford: CSLI Publications, 2012.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. *In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Ed.). **The Handbook of Historical Linguistics***. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.
- BYBEE, J. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CAMACHO, R. G. et al. O substantivo. *In: ILARI, R. (org.). **Palavras de classe aberta***. São Paulo: Contexto, 2014, p. 13-56.
- CASSEB- GALVÃO, V. C. **Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil**: os usos da expressão diz que. 2001. 231 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- CASTILHO, A. T. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.
- CASTILHO, A. T. Aspecto verbal no português falado. *In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (org.). **Gramática do português falado***. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. 8. p. 83-121.

CHISHMAN, R. L. O.; ABREU, D. T. B. Construções com verbos-suporte: propriedades gramaticais e discursivas. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 153-168, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/79527>. Acesso em: 6 jun. 2018.

COELHO, S. M. A gramaticalização das formas verbais (*a*)*garrar*, *danar*, *desandar* e *desatar* para expressão das categorias aspectuais incoativa, cursiva e iterativa na língua portuguesa. **ReVEL**: revista virtual de estudos da linguagem, [S. l.], v. 12, n. 22, p. 1-24, 2014. Disponível em: <http://revel.inf.br/files/d0af66dd5263e9f207bb40c3db196505.pdf>. Acesso em 7 maio 2018.

COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola, 2005.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. D. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, A. G. **Vocabulário histórico-cronológico do português medieval**. ed. rev. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2014.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do português**: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s., 2006. [S. l.], [s. c. p.], 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 15 ago. 2018.

FERNANDES, F. O. **Construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver seguidos de gerúndio**: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização. 91 f. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2010. Relatório apresentado à FAPESP.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRO, M. **Glosario da poesía medieval profana galego-portuguesa**. Coruña: Universidade da Coruña, 2014. Disponível em: <http://glossa.gal>. Acesso em: 13 mar. 2019.

FILLMORE, C. J. The mechanisms of 'construction grammar'. **Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, Berkeley, v. 14, 1988, p. 35-55. Disponível em: <http://www.icsi.berkeley.edu/pubs/ai/mechanismsconstruction88.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2018.

FILLMORE, C. J.; KAY, P. **Berkeley construction grammar**. Berkeley: University of California, 1997. Acesso em 5 mar. 2018. Disponível em: <http://www1.icsi.berkeley.edu/~kay/bcg/ConGram.html>. Acesso em: 5 mar. 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. **DELTA: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada**, São Paulo, 2017. v. 33, n.1, p.109-132. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v33n1/1678-460X-delta-33-01-00109.pdf>. Acesso em 15 out. 2018.

GAFFIOT, F. **Dictionnaire illustré latin-français**. Paris: Hachette, 1934.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences**, Oxford, v.7, n. 5, p. 219-224, 2003.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. 260 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GONÇALVES, S. C. L. *et al.* **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HENGEVELD, K. Illocution, Mood and Modality. *In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (ed.). Morphology: A handbook on inflection and word formation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. v. 2, p. 1190-1201.

HOPPER, P. Emergent grammar. **Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, Berkeley, v. 13, 1987, p. 193-157.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. *In: TRAUGOTT, E. C.; e HEINE, B. (org.). Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991.

HUDSON, R. **Word grammar**. Oxford: Blackwell, 1984.

HUDSON, R. **Language networks: the new word grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ILARI, R.; BASSO, R. M. Classes de palavras e processos de construção: 3: o verbo. *In: NEVES, M. H. M.; ILARI, R. (org.). Gramática do português falado culto no Brasil*. Campinas: Ed.-da Unicamp, 2008. v. 2. p. 163-365.

KEMMER, S. Schemas and lexical blends. *In: CUYCKENS H. et al. (ed.). Motivation in language*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 69–97.

KUTEVA, T. **Auxiliation**: an enquiry into the nature of grammaticalization. Oxford: Oxford University Press, 2004.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**: descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991. v. 2.

LANGACKER, R. Construction grammars: cognitive, radical, and less so. *In*: RUIZ, I. M. *et al.* (ed.). **Cognitive linguistics**: internal dynamics and interdisciplinary interaction. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 101- 159.

LANGACKER, R. **Cognitive grammar**: a basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LOBATO, L. M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo: critérios de auxiliaridade. *In*: LOBATO, L. *et al.* **Análises linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.

LÔBO, C. M. G. N. **A microconstrução “pois não” no português brasileiro**: construcionalização e expansão. 129 f. Tese (doutorado). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

LONGO, B. O., CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. *In*: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (org.). **Gramática do português falado**: novos estudos descritivos. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. v. 8. p. 445-497.

LOPES, G. V.; FERREIRA, M. P. *et al.* **Cantigas medievais galego portuguesas**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 13 mar. 2019.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 1-2.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MATTOS E SILVA, R. V. **Para uma caracterização do período arcaico do português**: em comunicação para a ABRALIN. [S. l.], [s. c. p.], 1992. Mimeo.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

METTMANN, W. Glossário. *In*: AFONSO X, O SÁBIO. **Cantigas de Santa Maria**. Coimbra: Universidade, 1972. v. 1-2.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2.^a ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional centrada no uso e ensino. *In*: CASSEB-GALVÃO, V.; NEVES, M. H. M. **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 15-34.

PREZOTTO JR., J. R. **Gramaticalização do verbo “deixar” no português brasileiro: uma abordagem construcional**: ou mudança construcional do verbo “deixar” no português brasileiro. 73 f. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2016. Relatório apresentado à FAPESP.

PREZOTTO JR., J. R. **A construcionalização gramatical do padrão auxiliar [deixar+(prep)+V₂] sob perspectiva construcional**. 68 f. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2018. Relatório apresentado à FAPESP.

RAPOSO, E. P. B. *et. al.* **Gramática do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. 1-2.

ROBUSTE, T. B. **Construções [V₁+VER] no português brasileiro contemporâneo sob perspectiva construcional**. 151 f. Tese (Doutorado)- Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Unesp, São José do Rio Preto, 2018.

SALOMÃO, M. M. M. Construções modais com dar no português do Brasil: metáfora, uso e gramática. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 16, p. 83–115, 2008.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application for macintosh and windows**. Toronto: University of Toronto, Department of Linguistics, 2005.

SOUZA, E. R. F.; PREZOTTO JR, J. R. Graus de esquematicidade das construções verbo-nominais com o verbo “deixar” no português brasileiro. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 34-56, jan./jun. 2017.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. **Revista Linguística**: Rio de Janeiro, revista do programa de pós-graduação em linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 103-119, jun. 2010.

TAYLOR, H. R. **Cognitive grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. A gramaticalização de verbos. *In*: HENRIQUES, C. C. (org.). **Linguagem, conhecimento e aplicação**: estudos de língua e lingüística. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003. p. 306-321.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. 5 ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

VIEIRA, M. S. M. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do português. **Soletras**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 99- 125. jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/14200>. Acesso em 13 mar. 2018.

VIEIRA, M. S. M. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. **Revista Linguística**: Rio de Janeiro, revista do programa de pós-graduação em linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume especial, p. 152-170, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/viewFile/5445/4037>. Acesso em 13 mar. 2018.

XAVIER, M. F.; VICENTE, G.; CRISPIM, M. L. (org.). **Dicionário de verbos portugueses dos séculos 12 e 13/14**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2003. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 13 mar. 2019.

**APÊNDICE A- Frequência *token* e *type* dos feixes semânticos de V_{2inf} .
através dos séculos**

Quadro 22- V_{2inf} da microconstrução com “deixar”

| Século | Tipo semântico de V_{2inf}. | <i>Tokens e types</i> |
|---------------------|---|--|
| Século XIII | <i>Atividade específica</i> | cantar (2), trovar (1), comer (1), fazer (1) = 5 <i>tokens</i> , 4 <i>types</i> . |
| Século XIV | <i>Atividade específica</i> | fazer (5), comer (1), combater (1), tomar (1), armar-se (1) = 9 <i>tokens</i> , 5 <i>types</i> |
| | <i>Dicendi</i> | dizer (3), falar (18), contar (2) = 23 <i>tokens</i> , 3 <i>types</i> |
| | <i>Atividade difusa</i> | pecar (1) = 1 <i>token</i> , 1 <i>type</i> |
| | <i>Estado</i> | ser (1) = 1 <i>token</i> , 1 <i>type</i> |
| Século XV | <i>Atividade específica</i> | fazer (14), seguir (2), comer (1), combater (1), tomar (1), lavar (1), escrever (1), colher (1) = 22 <i>tokens</i> , 8 <i>types</i> |
| | <i>Dicendi</i> | falar (6), dizer (2) = 9 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| | <i>Atividade difusa</i> | aprender (2), confessar (1), governar (1), encontrar (1), vir (1) = 6 <i>tokens</i> , 5 <i>types</i> |
| | <i>Experimentação mental</i> | crer (2) = 2 <i>tokens</i> ; 1 <i>type</i> |
| | <i>Relacional</i> | cumprir (1) = 1 <i>token</i> , 1 <i>type</i> |
| | <i>Estado</i> | ser (3) = 3 <i>tokens</i> ; 1 <i>type</i> |
| Século XVI | <i>Atividade específica</i> | fazer (8), escrever (3), ir (3), pagar (2), ouvir (1), embarcar (1), rezar (1), celebrar (1), tanger (tocar) (1), cometer (1), recolher (1), usar (1), = 24 <i>tokens</i> , 12 <i>types</i> |
| | <i>Dicendi</i> | falar (1), dizer (1), responder (1) = 3 <i>tokens</i> ; 3 <i>types</i> |
| | <i>Atividade difusa</i> | vir (3), mandar (2), acabar (2), contratar (1), = 8 <i>tokens</i> , 4 <i>types</i> |
| | <i>Relacional</i> | cumprir (1), requerer (1), tratar (1), merecer (1), parecer (1) = 5 <i>tokens</i> , 5 <i>types</i> |
| | <i>Estado</i> | ser (8) = 8 <i>tokens</i> , 1 <i>type</i> |
| Século XVII | <i>Atividade específica</i> | fazer (3), escrever (2), beber (2), ver (<i>percepção</i>) (2), ir (1), celebrar (1), rezar (1), seguir (1), ouvir (1), pegar (1), jogar (1), obrar (1), por (1), trazer (1), reinar (1), acertar (1) = 21 <i>tokens</i> , 16 <i>types</i> |
| | <i>Dicendi</i> | dizer (1), falar (1), especular (1), repetir (1) = 4 <i>tokens</i> , 4 <i>types</i> |
| | <i>Atividade difusa</i> | cursar (1), ceder (1), aplicar (1), apontar (1) = 4 <i>tokens</i> , 4 <i>types</i> |
| | <i>Experimentação mental</i> | crer (1), amar (1) = 2 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| | <i>Relacional</i> | tratar (2), particularizar (1) = 3 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| | <i>Estado</i> | ser (11) = 11 <i>tokens</i> , 1 <i>type</i> |
| Século XVIII | <i>Atividade específica</i> | fazer (3), cantar (2), ocupar (2), usar (2), escrever (1), vestir (1), seguir (1), chegar (1), nomear (1), ir (1), observar (1), trocar (1), zombar (1) = 18 <i>tokens</i> , 13 <i>types</i> |
| | <i>Dicendi</i> | falar (3), referir (2) = 5 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| | <i>Atividade difusa</i> | dar (2), vir (1), confessar (1), expor (1) = 5 <i>tokens</i> , 4 <i>types</i> |
| | <i>Estímulo mental</i> | desprezar (1), estimar (1) = 2 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| | <i>Experimentação mental</i> | amar (4), adorar (1) = 5 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| | <i>Relacional</i> | aparecer (<i>parecer</i>) (1) = 1 <i>token</i> , 1 <i>type</i> |
| | <i>Existência</i> | ter (1) = 1 <i>token</i> , 1 <i>type</i> |
| | <i>Estado</i> | ser (9) = 9 <i>tokens</i> , 1 <i>type</i> |

| | | |
|-------------------|------------------------------|--|
| Século XIX | <i>Atividade específica</i> | ver (<i>percepção</i>) (3), fazer (2), ir (1), usar (1), tocar (1), caçar (1), rir (1), chorar (1), gozar (1), tirar (1) = 13 <i>tokens</i> , 10 <i>types</i> |
| | <i>Dicendi</i> | jurar (1) = 1 <i>token</i> , 1 <i>type</i> |
| | <i>Atividade difusa</i> | roubar (1), empreender (1), exercer (1) = 3 <i>tokens</i> , 3 <i>types</i> |
| | <i>Estímulo mental</i> | inspirar (1) = 1 <i>token</i> , 1 <i>type</i> |
| | <i>Experimentação mental</i> | amar (4), pensar (1) = 5 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| | <i>Relacional</i> | constituir (1), examinar (1) = 2 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| | <i>Existência</i> | existir (3), ter (1) = 4 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| | <i>Estado</i> | ser (21), estar(1) = 22 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| Século XX | <i>Atividade específica</i> | fazer (3), escrever (1), pagar (1), ir (1), beber (1), fumar (1), comprar (1), voltar (1), operar (1), olhar (1), enviar (1), atravessar (1), ligar (1), comparecer (1) = 16 <i>tokens</i> , 14 <i>types</i> |
| | <i>Dicendi</i> | falar (1), condenar (1) = 2 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| | <i>Atividade difusa</i> | produzir (2), recolher (2), exercer (1), consultar (1), funcionar (1), lidar (1), passar (1), receber (1) = 10 <i>tokens</i> , 8 <i>types</i> |
| | <i>Estímulo mental</i> | preocupar-se (1) = 1 <i>token</i> , 1 <i>type</i> |
| | <i>Experimentação mental</i> | ver (<i>mental</i>) (1), pensar (1), acreditar (1), achar-se (<i>mental</i>) (1), querer (1) = 5 <i>tokens</i> , 5 <i>types</i> |
| | <i>Relacional</i> | ter (<i>posse</i>) (1), exigir (1) = 2 <i>tokens</i> , 2 <i>types</i> |
| | <i>Existência</i> | existir (2) = 2 <i>tokens</i> , 1 <i>type</i> |
| | <i>Estado</i> | ser (20) = 20 <i>tokens</i> , 1 <i>type</i> |
| Século XXI | <i>Atividade específica</i> | beber (3), fazer (2), comer (1), tomar (1), usar (1), ver (<i>percepção</i>) (1), olhar (1), ligar (1), sair (1) = 12 <i>tokens</i> , 9 <i>types</i> |
| | <i>Atividade difusa</i> | procurar (2), funcionar (2), exercer (1), tentar (1), servir (1), ocupar (1), praticar (1), exercitar (1), frequentar (1) = 10 <i>tokens</i> , 9 <i>types</i> |
| | <i>Estímulo mental</i> | inspirar (1) = 1 <i>token</i> , 1 <i>type</i> |
| | <i>Experimentação mental</i> | gostar (1), compreender (1), confiar (1) = 3 <i>tokens</i> , 3 <i>types</i> |
| | <i>Relacional</i> | ter (<i>posse</i>) (5) = 5 <i>tokens</i> , 1 <i>type</i> |
| | <i>Existência</i> | existir (3) = 3 <i>tokens</i> , 1 <i>type</i> |
| | <i>Estado</i> | ser (24) = 24 <i>tokens</i> , 1 <i>type</i> |

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 23- V_{2inf.} da microconstrução com “parar”

| Século | Tipo semântico de V _{2inf.} | Tokens e types |
|--------------|---|--|
| Século XVIII | <i>Processo</i> | aumentar (1) = 1 token, 1 type |
| Século XIX | <i>Atividade específica</i> | remar (2), escrever (2), comer (1) = 5 tokens, 3 types |
| | <i>Atividade difusa</i> | dar (1), trabalhar (1) = 2 tokens, 2 types |
| Século XX | <i>Momentâneo</i> | mastigar (2), assobiar (1) = 3 tokens, 2 types |
| | <i>Atividade específica</i> | fazer (4), jogar (4), fumar (3), tocar (2), cantar (2), rir (2), escrever (1), comer (1), ler (1), ir (1), chorar (1), pintar (1), beijar (1), dançar (1), chegar (1), encostar (1), atirar (1), brincar (1), cumprimentar (1) = 30 tokens, 19 types |
| | <i>Dicendi</i> | falar (8), pregar (1), conversar (1) = 10 tokens, 3 types |
| | <i>Atividade difusa</i> | trabalhar (6), comandar (2), reduzir (1), roubar (1), ajudar (1), atacar (1), receber (1) = 13 tokens, 7 types |
| | <i>Processo</i> | crescer (2), desenvolver-se (1) = 3 tokens, 2 types |
| | <i>Experimentação mental</i> | pensar (2), acreditar (1) = 3 tokens, 2 types |
| | <i>Relacional</i> | produzir (3), comparar (2), regular (1) = 6 tokens, 3 types |
| | <i>Estado</i> | ser (3) = 3 tokens, 1 type |
| Século XXI | <i>Atividade específica</i> | beber (6), escrever (3), tomar (3), jogar (2), chegar (2), pagar (2), chorar (2), fumar (2), ouvir (2), andar (2), respirar (2), comer (1), ir (1), ler (1), brincar (1), dançar (1), mamar (1), por (1), correr (1), bater (1), vender (1), mexer (1), rodar (1), lutar (1) = 41 tokens, 24 types |
| | <i>Dicendi</i> | falar (2), reclamar (2), chamar (1) = 5 tokens, 3 types |
| | <i>Atividade difusa</i> | trabalhar (4), funcionar (3), dar (2), estudar (2), cursar (1), vazar (1), emprestar (1), treinar (1), redirecionar (1), oferecer (1), atender (1), atualizar (1), procurar (1), investir (1) = 21 tokens, 14 types |
| | <i>Estímulo mental</i> | sofrer (2) = 2 tokens, 1 type |
| | <i>Evento transitório não-intencional</i> | descer (1), nascer (1) = 2 tokens, 2 types |
| | <i>Experimentação mental</i> | pensar (1), esperar (1) = 2 tokens, 2 types |
| | <i>Estado</i> | ser (2) = 2 tokens, 1 type |

Fonte: Elaboração própria.